REVISTA DA SEMANA

Nº 4 ★ 28-2-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



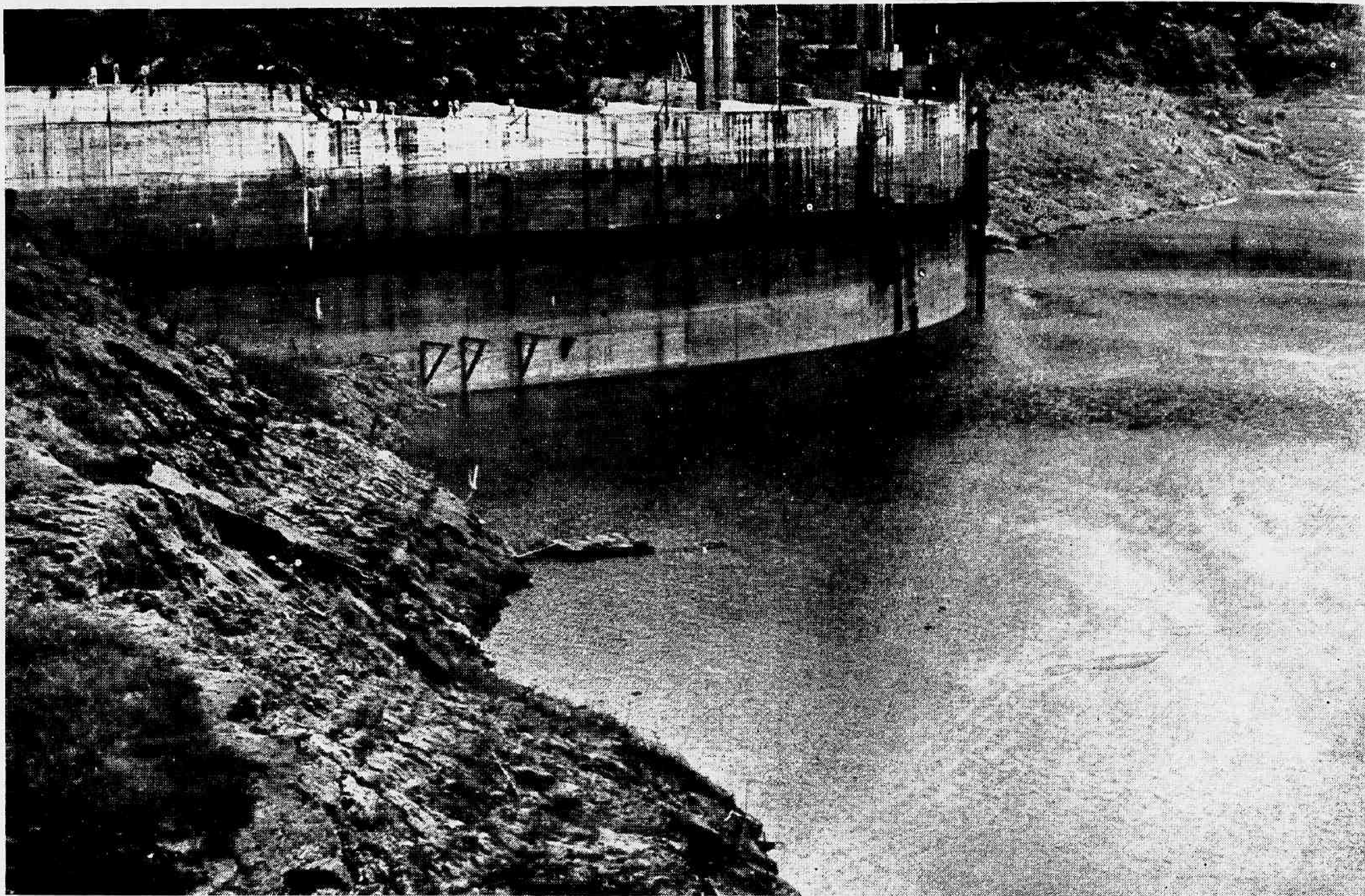


NO TEXTO:

O FIM TRÁGICO DO "TRUCULENT"

PORQUE O RACIONAMENTO DE ELETRICIDADE E' NECESSÁRIO

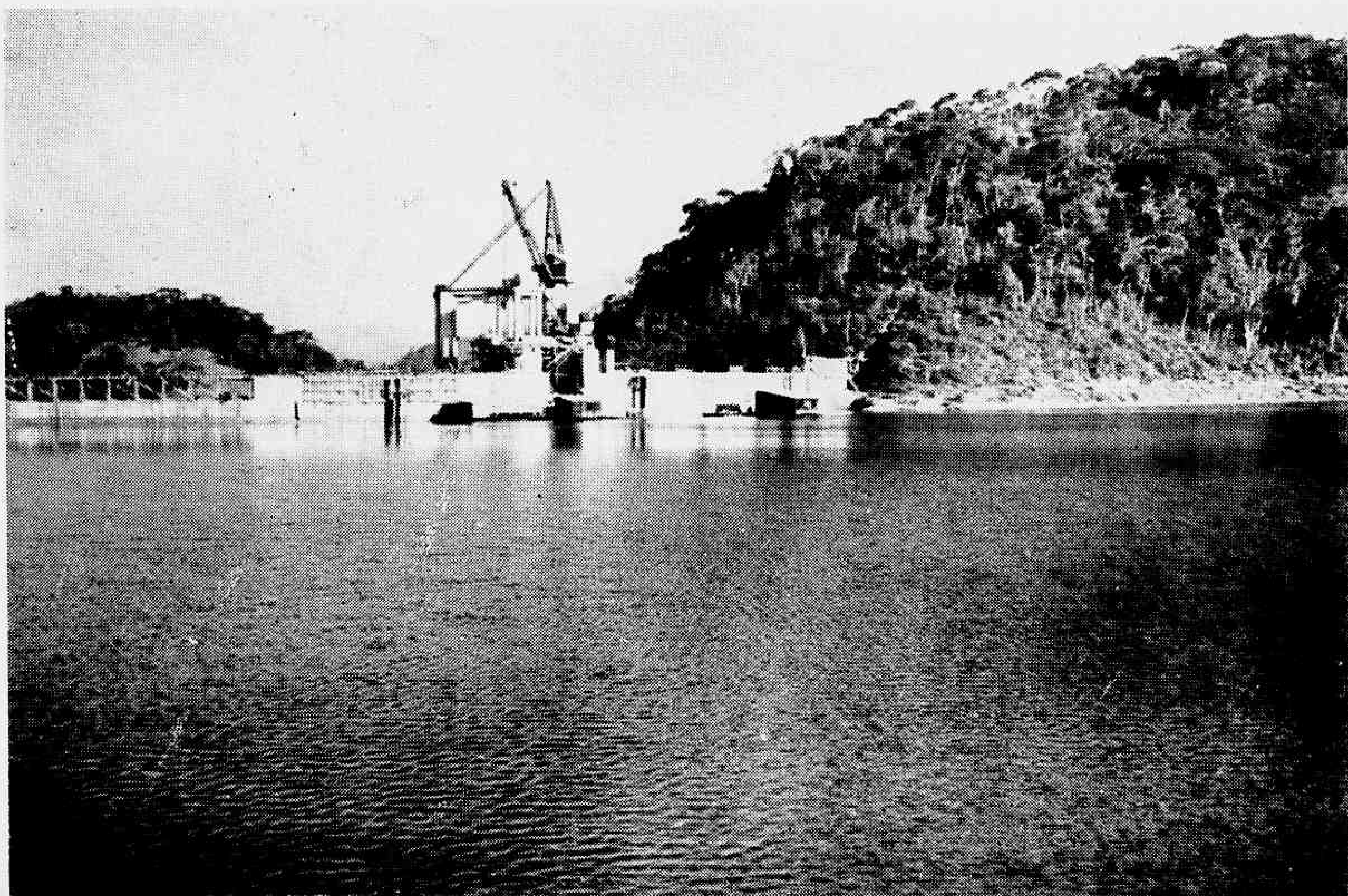
A IMPRESSIONANTE SITUAÇÃO DO RESERVATÓRIO DE LAJES - NO ANO DE 1949 AS AGUAS BAIXARAM 12 METROS



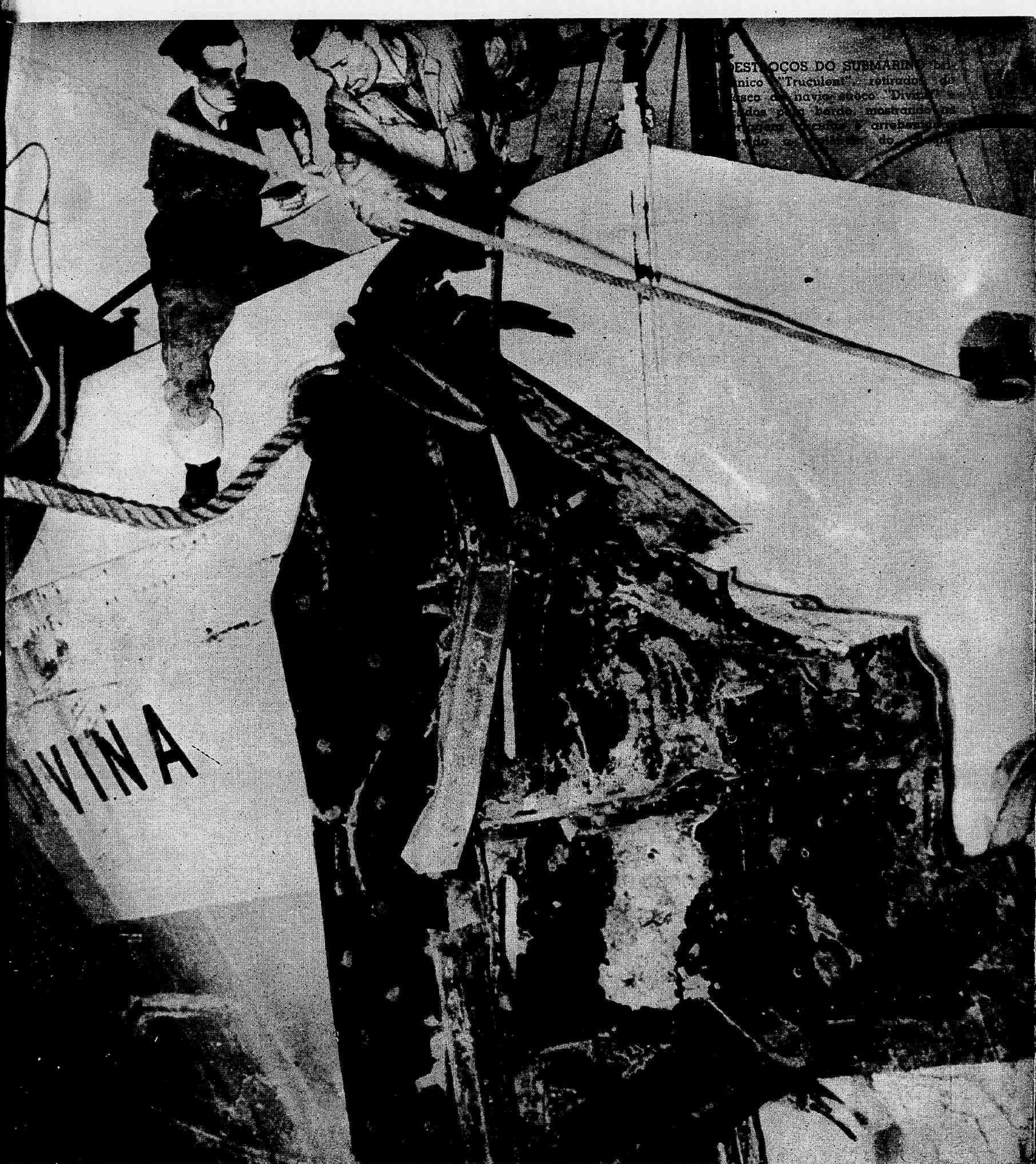
Aspecto colhido junto ao paredão da barragem do Reservatório de Lajes, em 15 de janeiro de 1950 — As águas estão quase 20 metros abaixo do seu nível máximo

A partir de 1.º de fevereiro próximo, entrará em vigor, nesta Capital, o Racionamento de Eletricidade, conforme resolução do Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, já amplamente divulgada pela imprensa carioca. Esta medida foi tomada em virtude da impressionante escassez de água no Reservatório de Lages, que alimenta a Usina de Fontes — principal fornecedora de eletricidade ao Distrito Federal.

A prolongada estiagem do ano passado, a maior dos últimos 15 anos, o elevado crescimento do consumo de energia elétrica, devido ao enorme aumento do parque industrial desta Capital e a grande intensificação no uso de aparelhos elétricos domésticos, impuseram esta medida preventiva, para que a crise não se agrave, até que as grandes obras para aproveitamento das águas dos rios Piraí e Paraíba, agora em andamento acelerado, estejam terminadas e venham solucionar êste importante problema para o desenvolvimento e o progresso da Cidade Maravilhosa.



Vista do Reservatório de Lajes, antes da maiir estiagem verificada nos últimos quinze anos, quando as águas ali acumuladas, quase atingiam o seu nível maximo, que é de 423 metros acima do nível do mar



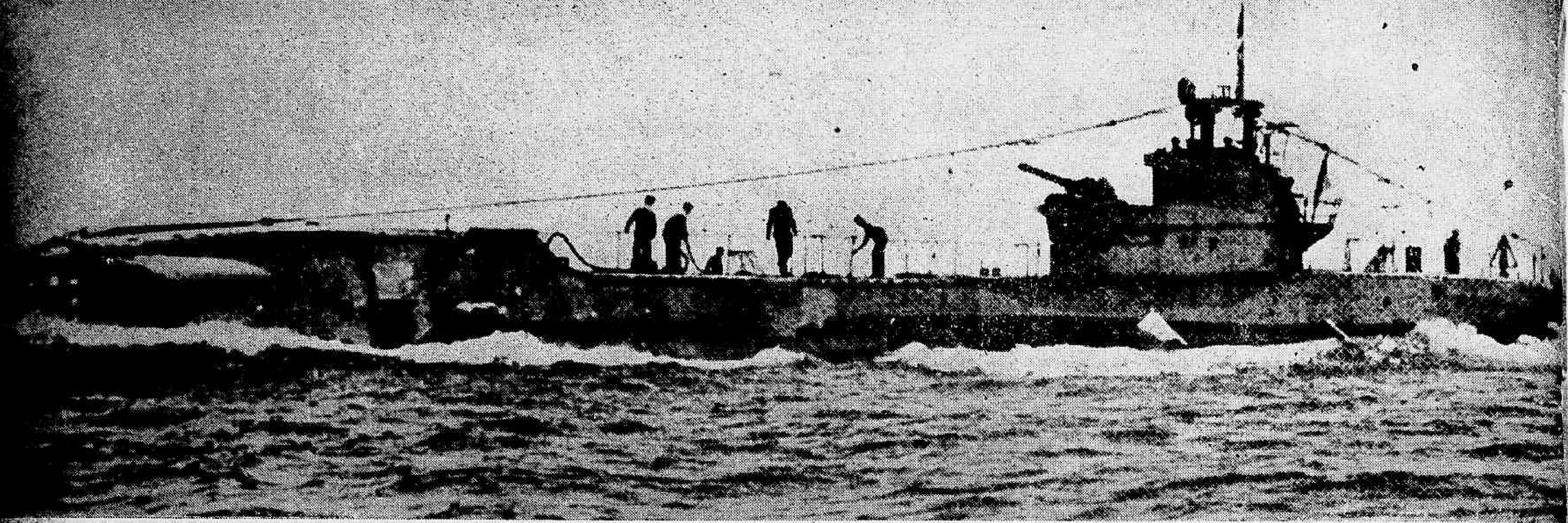
DESTROÇOS DO SUBMARINO bri-tânico "Truculent", retirados do casco do navio sueco "Divina" e ...dos pela borda, mostrando ... arreben... do ...

O FIM TRÁGICO DO "TRUCULENT"

NO ESTUÁRIO DO TAMISA, O NAVIO SUECO "DIVINA" PÕE A PIQUE AQUÊLE SUBMARINO BRITÂNICO ★ 52 TRIPULANTES FICARAM NO BOJO DO BARCO, SALVANDO-SE APENAS QUINZE ★ FLAGRANTES DA CATÁSTROFE

(Fotos Keystone especiais para a REVISTA DA SEMANA)

Continúa nas páginas seguintes



ÊSTE ERA O SÚBMARINO inglês "Truculent", numa fotografia em dezembro de 1942, quando foi lançado ao mar para entrar em ação contra as potências do Eixo. Agora jaz no fundo do Tamisa numa camada de lodo e areia, a uma profundidade de quase vinte metros, segundo informações prestadas pelos escafandristas que o revistaram



O povo brasileiro acompanhou, com o mais vivo interêsse, as notícias publicadas na imprensa acêrca do acidente entre o navio suéco "Divina" e o submarino britânico "Truculent", nas águas do Tâmisa, no dia 13 de janeiro.

O submarino é arma de guerra, das mais perigosas, tanto para o inimigo como para os que o tripulam. Por duas vêzes a Alemanha entregou ao submarino a esperança na vitória final, decretando o bloqueio geral.

Uma frota de submarinos num país como a Inglaterra, com uma sede de govêrno separada do continente europeu por um canal oceânico de menos de trinta quilômetros de largura na parte mais estreita, e de grandes extensões de terras coloniais nos sete mares, é exigência das mais cabíveis, sabendo-se que a vida da Inglaterra está no oceano.

Por êsse motivo a Grã-Bretanha procura estar em dia com o seu poder naval, e, dentro dêsse programa, procura possuir excelente frota de submarinos.

Mas, quando sabemos que determinado vaso de guerra foi a pique numa batalha, embora todos sintamos a perda de vidas preciosas, ninguém, entretanto, se mostra consternado, uma vez que o episódio teve como teatro um encontro pelas armas. A glória de dar a vida pela soberania da pátria, o prazer de medir fôrças com o inimigo, tanto pode dar-se com a vitória como com o baquear na luta, sem recuar uma polegada, inscrevendo páginas heróicas com o fragor das batalhas.

Entretanto, quando sabemos que tôda uma tripulação de nave de guerra foi vítima de simples acidente em plena paz e por elemento de país amigo, o fato assume caráter de desolação a entristecer mesmo aquêles que não têm parentes entre as vítimas e que não pertencem à própria nação dos acidentados.

Trata-se de solidariedade humana, inspirada por sentimentos nobres que aprendemos a experimentar desde os bancos escolares e que nos acompanham até o túmulo.

Um dêsses fatos lutuosos acaba de ser vibrado pela mão do Destino em pleno coração da Inglaterra.

O submarino da marinha britânica, "Truculent", fôra lançado ao mar em dezembro de 1942, em plena guerra contra as potências do Eixo.

A seu bordo viajavam 76 marujos especializados nessa arma de guerra. O "Truculent" prestou inestimáveis serviços às Ilhas Britânicas e aos aliados. Era uma sentinela vigilante contra ataques inimigos às costas britânicas e aos mares por onde navegavam os comboios aliados.

Terminado o conflito mundial, o heróico submarino voltou a servir nas fainas da paz.

Em seu serviço de rotina estava êle em águas do Tâmisa, quando foi abalroado por um navio-tanque suéco, o "Divina", do que resultou verdadeira catástrofe.

O submarino não suportando o choque violento, afundou. Seu comandante e demais oficiais deram imediatamente as providências que se faziam necessárias em tais emergências. Fecharam compartimentos estanques de maneira que a água não invadisse todos os espaços da belonave.

Essa providência serviu para evitar maior número de mortos. Imediatamente os que sobreviveram muniram-se com aparelhagem salva-vidas e procuraram emergir das águas do rio.

A êsse tempo, dado o alarma pelo próprio navio suéco, pelos postos fluviais e por outros barcos, o Almirantado mobilizou corpos de salvamento, travando-se entre o tempo e a perícia técnica, grande e emocionante batalha.

Às últimas horas da tarde de treze de janeiro, perdiam-se os restos de esperanças para salvar os 52 tripulantes presos ao bôjo do submarino afundado. Um escafandrista da Armada desceu e examinou ponto por ponto. O barco de guerra estava num banco de lama e areia no fundo do Tâmisa, a uma profundidade de quase vinte metros. Estava cheio d'água.

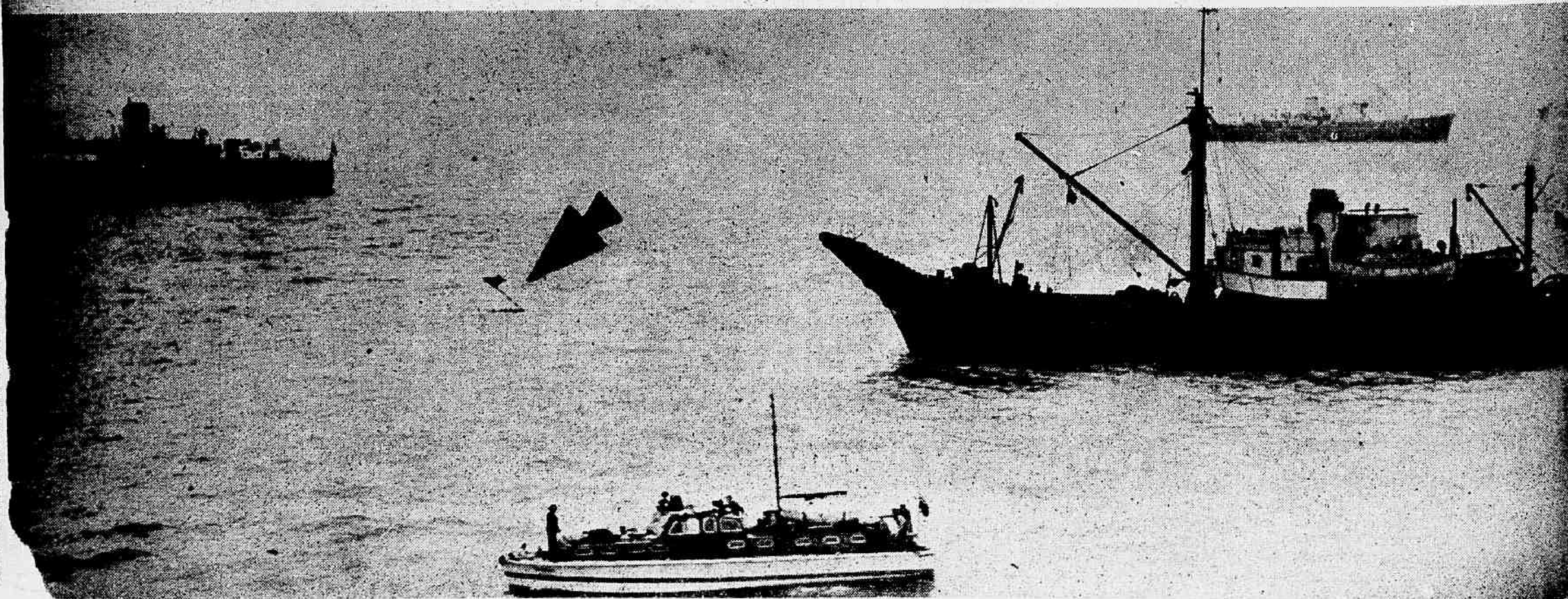
Apenas 15 dos seus tripulantes tinham sido salvos, inclusive o seu bravo comandante, Bowers, que foi hospitalizado.

Ao ser interrogado pelos repórteres, exclamou: "Não procure saber de mim. Trate dos outros. Eu estou bem".

Depois de decorrido tempo suficiente para tornar impossível a vida no bôjo do submarino acidentado, anunciou o Almirantado inglês que estavam perdidas tôdas as esperanças de que sobrevivam os tripulantes da unidade da marinha de guerra, pelo que as famílias das vítimas foram avisadas de que seus parentes devem ser tidos como mortos no cumprimento do dever.

O golpe que acaba de sofrer a Marinha britânica consternou os corações bem formados, não só pela perda de vidas em elevado número, como por ter-se dado entre um navio mercante de nação amiga, em hora que, de maneira nenhuma, poderia suscitar cautelas especiais na navegação do rio londrino.

RECENTE FOTOGRAFIA do comandante do "Truculent", Lt. Bowers, um dos que conseguiram salvar-se após a colisão. Em baixo: escafandristas em tentativas para salvar os tripulantes que ficaram presos no submarino. No ponto assinalado por uma seta, vê-se uma bóia, com uma bandeirinha azul-vermelho, mostrando o local exato do sinistro

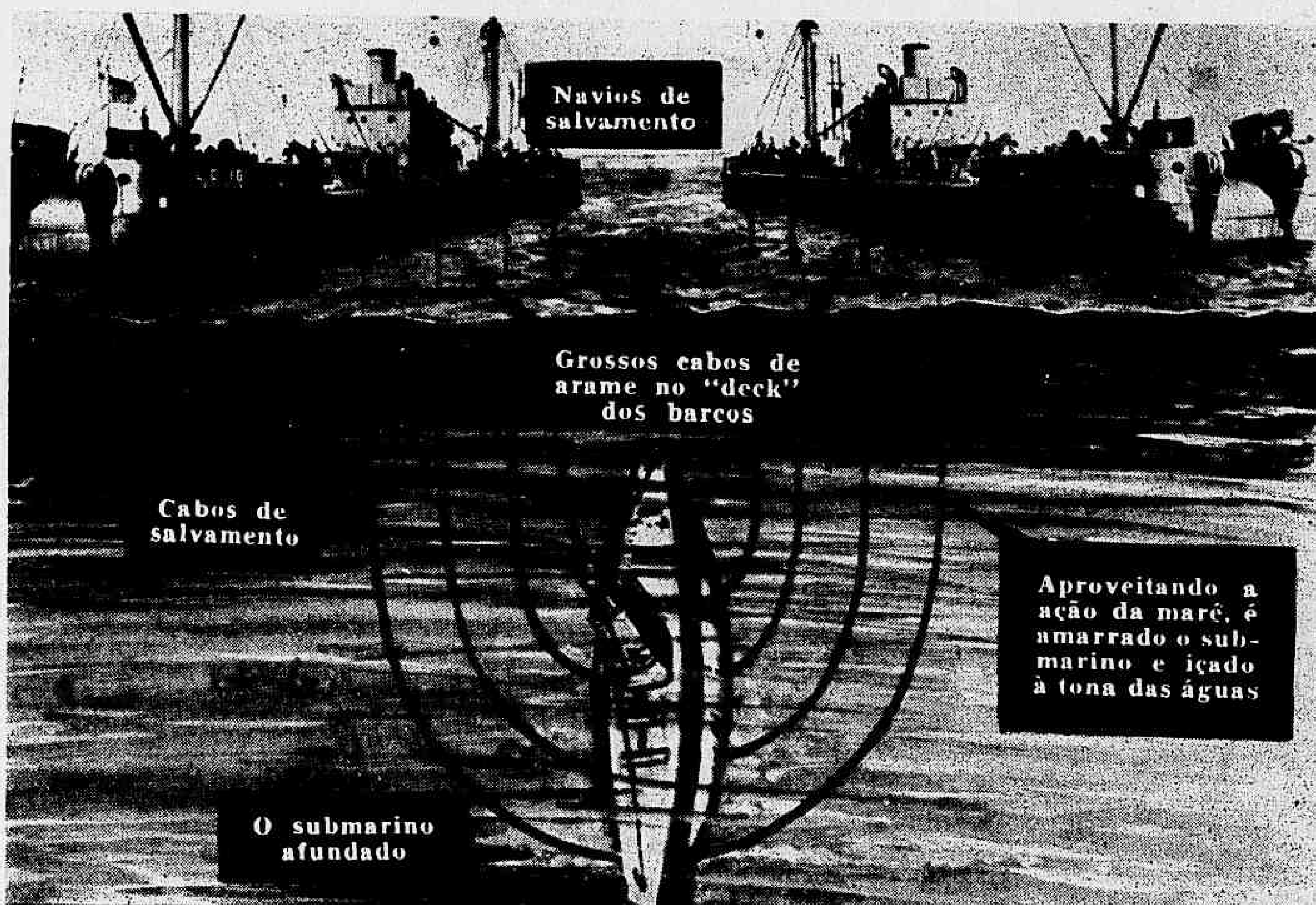




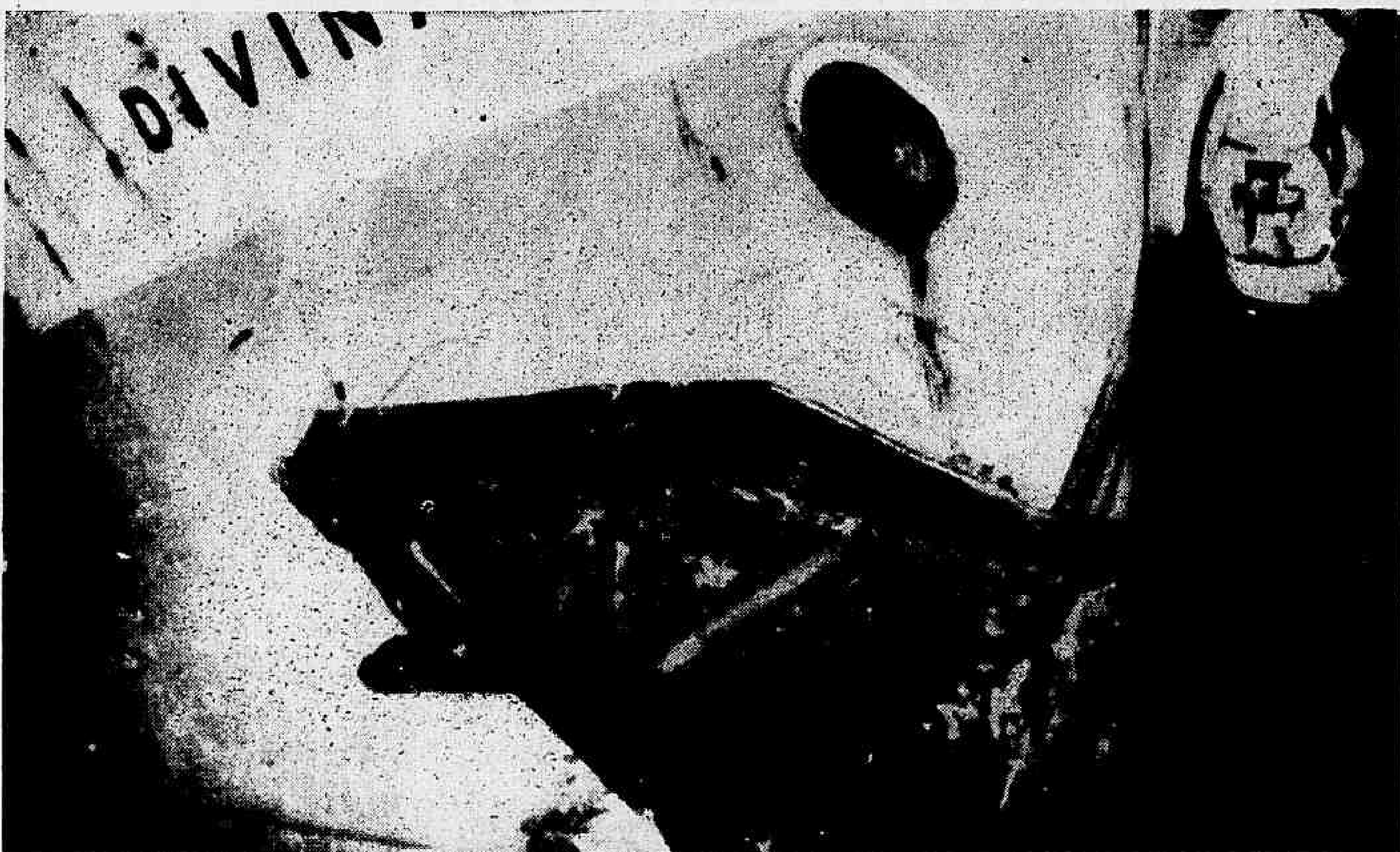
OITO DOS QUINZE sobreviventes do submarino "Truculent", tomam café forte e quente, após o seu salvamento. Notem suas fisionomias alegres, como se viessem de uma festa. Êste é o verdadeiro moral do soldado dos mares



Em cima: Um sobrevivente chega ao hospital sem ferimentos, mas sob a impressão do susto. Em baixo: um escafandrista desce no ponto em que afundou o submarino. A esquerda, gráfico demonstrativo do salvamento do submarino



ESTA FOTO documenta que o choque se verificou com o submarino flutuando. A proa do navio-tanque sueco "Divina", mostrando um pedaço do "Truculent", no casco do navio sueco entre a escotilha da âncora e a linha dágua





REVISTA DA SEMANA

N.º 4 ★ 28—1—50

A SEMANA EM Revista

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

DE BLUSÃO E ALPERCATAS



O calor chegou e com êle o suor a correr em bicas pelo corpo do carioca.

Todo mundo acha que êste ano está insuportável a canícula; nada mais errado. Todos os anos o calor é êste mesmo. Diferenças apenas nos dias. Se em um ano o dia dez de janeiro esteve com grau 38 à sombra, êste ano baixou para 37 ou foi um ponto a mais, com 39.

No fim do período, tira-se a média e o calor é êste mesmo. Uns dias mais quentes, outros mais agradáveis, chovendo hoje e com sol escaldante amanhã, e assim vamos na trajetória desta vida.

Êste ano, porém, houve uma novidade: estão advogando para uso do povo as roupas mais leves possíveis. Bradam contra o paletó e a gravata. E também contra o sapato.

Um vespertino está à frente da campanha para a simplificação dos indumentos do carioca, não sòmente nas ruas, como nos lugares de trabalho.

Para ver vitoriosa sua campanha, entrevistou várias pessoas, inclusive o sr. Gilberto Freire.

O autor de Casa Grande e Senzala apoiou inteiramente a idéia. Para êle nossa roupa é o que há de mais absurdo neste mundo.

Declara-se firmemente contra o sapato, o paletó, a gravata. O que devíamos usar, no verão, era alpercatas, calça leve, camisa ou blusão de esporte e pronto.

Mas, ao que parece, o pensador pernambucano não se anima a dar o exemplo. Repete aquela anedota do santo: "Façam o que mando mas não o que faço". E Gilberto Freire continua a sair de paletó, gravata e sapatos. Para Calixto, um escândalo...

PARA TOMAR CAFÉ



Já houve no Brasil certas revoluções populares motivadas por aumentos de custo de certos artigos de consumo obrigatório. Por causa de aumentos de um vintém, o povo do Rio e de outros Estados já pegaram em armas.

Revolta do "quebra-quilo" já trouxe desassossêgo aos governos, por causa de aumento de custo da vida. Ao tempo de Bergamini como prefeito do Rio, foi aumentado o cafèzinho de cem réis para duzentos, isto é, em linguagem de hoje, de dez centavos para vinte.

Os cariocas se mexeram, organizaram manifestações, atacaram vários estabelecimentos, inclusive o luxuoso "Belas Artes", na avenida Rio Branco, onde hoje se instalou uma Agência da Caixa Econômica Federal.

Quebraram vidros, marquises, viraram mesas, o diabo. Mas os aumentos passaram e outros vieram. Hoje o povo já se habituou tanto a êsses pulos para o infinito que nem liga mais.

Fala-se agora, com muita insistência, que o cafèzinho vai ser elevado para cinquenta centavos.

Em Fortaleza capital do Ceará, onde também existe uma Comissão de Preços, foi sugerido pelos interessados em ganhar mais, um aumento no preço do cafèzinho.

Na capital cearense, segundo telegramas publicados na imprensa do Rio, uma xìcarazinha custava 30 centavos.

Não sabemos se o café servido em Fortaleza é importado ou se provém da maravilhosa serra de Baturité, solo que dá o melhor café dêste planeta. O certo, porém, é que a Comissão de Preços de lá resolveu o caso muito inteligentemente: café em pé, Cr$ 0,30; sentado, Cr$ 0,40. Talvez, desta forma, voltem os cafés sentados...

GOSTOU, HEIN?



Os cargos públicos, especialmente os com funções executivas, despertam no espírito do indivíduo que já os desempenhou, o mais vivo desejo de neles continuar.

Em geral, todo brasileiro tem uma tendência incoercível para o cargo público.

São raros os indivíduos que, desempenhando durante certo tempo determinado cargo público, não desejam manter-se no mesmo ou em semelhante, logo que o prazo daquele se extingue. De ordinário o que se vê é o desejo insopitável de manter a posição.

Dizem os mais entendidos que isso se deve à importância política e social que as pessoas desfrutam no exercício de cargos oficiais, mesmo em se tratando de coisa de pouca significação; mes, em verdade, quem experimenta da fruta saborosa do pomar do poder público, faz tudo para continuar acionista do parque...

Êste caso do sub-prefeito do município de Alagoa Nova, na Paraíba, é típico.

Não sabemos o motivo por que o homem que dirige os destinos daquele município paraibano, sendo sub-prefeito, está no poder; naturalmente o prefeito se afastou, está em férias, pediu licença para tratamento de saúde, renunciou, enfim, teve que passar a batuta do comando ao seu sucessor legal e imediato.

Mas também sucede que os dias se vão passando e também vai chegando o dia de entregar o cargo. O sub-prefeito em exercício, porém, muito satisfeito com o cargo, não se conformou e impetrou mandado de segurança para ficar definitivamente no cargo. Mas o Tribunal não tomou conhecimento do recurso. E o recurso que há é dar a César o que é de César...

ABUSO QUE NÃO ACABA



O Brasil é uma nação pobre, dispondo apenas de natureza riquíssima. O país é rico, isto é, a expressão física, a coisa geográfica; a nação, o conjunto populacional com o govêrno em cima, é pobre, paupérrima.

Mas ainda não nos convencemos desta verdade: somos pobres, não podemos esbanjar, fazer figurações, exibir grandezas.

Interna e externamente procedemos como jovens sem nenhum poder de meditação. Gastamos sempre mais do que podemos, embora, logo depois, fiquemos a chorar as mágoas e a pedir emprestado...

Há muitos abusos em tôrno de esbanjamentos e dissipações de numerário que são velhos como o Corcovado, mas que ainda não puderam ser detidos, evitados e vencidos de uma vez por tôdas.

Um dêsses é o do uso dos carros oficiais.

Sempre que sobe um govêrno, vem à tona das providências para salvar o Brasil o ataque contra o abuso dos carros oficiais.

A imprensa comenta com simpatia as providências, clama contra o esbanjamento, notam-se alguns sintomas de boa política, mas, em seguida, volta tudo à antiga forma...

Quando se deu a revolução de 1930, um dos pontos mais visados pelos Ministérios, especialmente o da Viação, sob a chefia do senador José Américo, foi justamente o do combate ao uso e abuso de carros oficiais. Chegou-se mesmo a recolher os supérfluos e anunciar-se leilão dos excedentes...

Mas tudo voltou ao que era.

Agora o Ministério da Marinha, através da circular que expediu o comandante da Primeira Divisão Naval, proibiu expressamente o uso indevido de seus carros oficiais. Até quando?

A PERSONAGEM DA SEMANA



Cardeal Arcoverde

O dia 17 de janeiro firmou no calendário dos relevantes acontecimentos nacionais, uma data de inegável importância na história do Brasil contemporâneo: a passagem do primeiro centenário do nascimento do D. Joaquim Arcoverde, o primeiro cardeal do Brasil, e, consequentemente, o primeiro de tôda a América Latina.

D. Joaquim Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque, foi o primeiro sacerdote católico sul-americano honrado com a púrpura cardinalícia.

Eram as nossas relações exteriores dirigidas pelo imortal Barão do Rio Branco, quando, desejando a Santa Sé criar uma sede cardinalícia na América do Sul, foi o Brasil o país escolhido pelo Papa Pio X cabendo a honra insigne a D. Joaquim Arcoverde. Isso se passava em 1905

Durante mais de vinte anos foi êle o único purpurado nesta parte do hemisfério do novo mundo, até ao seu falecimento, a 18 de abril de 1930, quando foi sucedido pelo Cardeal D. Sebastião Leme.

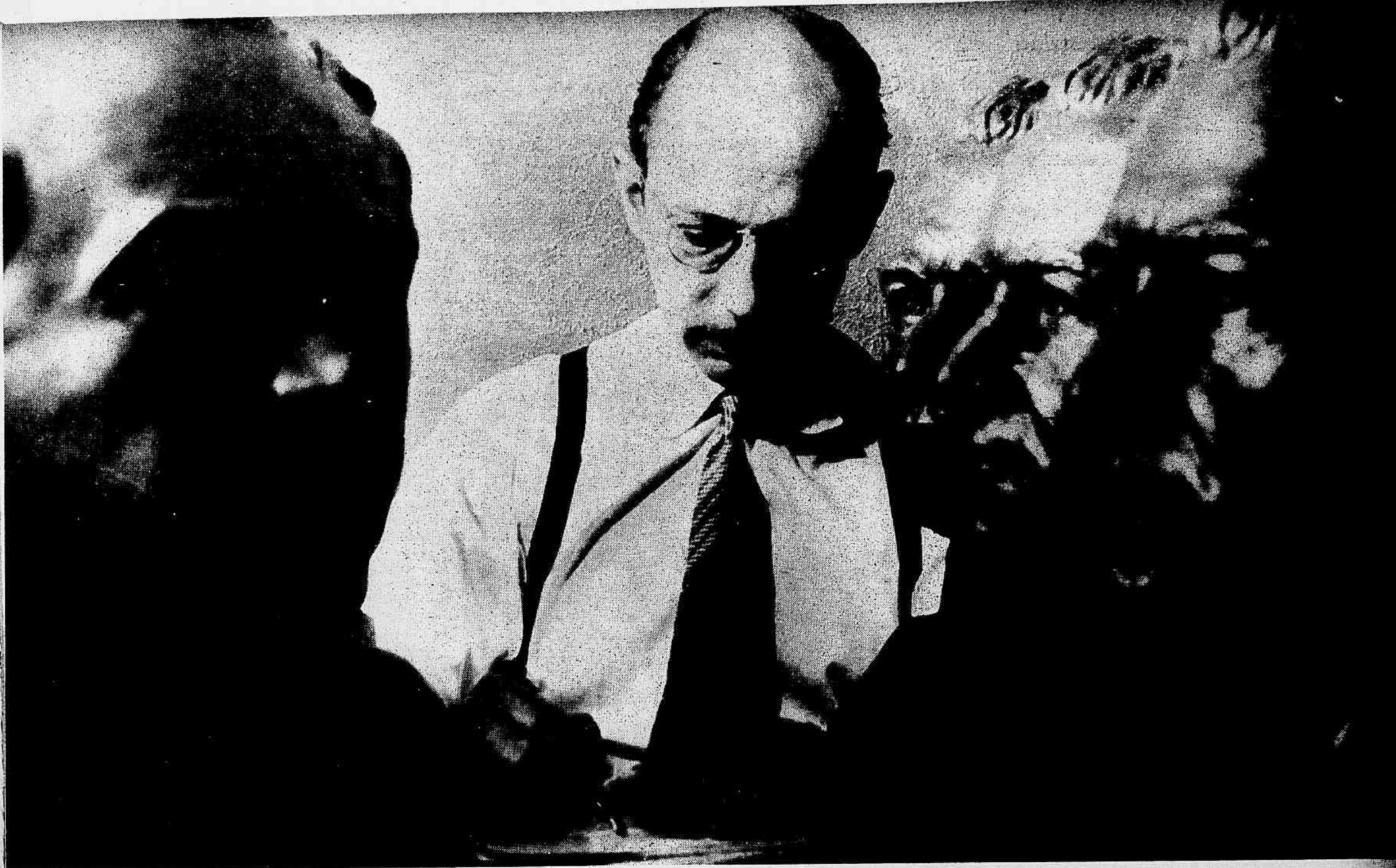
Filho da então vila de Cimbres, no alto da serra de Orobá, nas vizinhanças de Pesqueira, Estado de Pernambuco e que hoj etem o nome do seu grande filho, D. Joaquim Arcoverde formou-se em cânones pela Faculdade Gregoriana de Roma, exerceu o magistério em Olinda, lecionando filosofia no Seminário daquela cidade e a língua francesa no Ginásio Pernambucano.

Aos vinte e quatro anos de idade recebeu ordens sacras e mais tarde nomeado prelado doméstico do Papa Leão XIII, em seguida bispo de Goiás, bispo coadjutor de S. Paulo, e, depois, bispo da mesma diocese, terminando com a elevação para arcebispo do Rio de Janeiro em 1900.

D. Joaquim Arcoverde faleceu aos oitenta anos, três meses e um dia. Era dotado de coração magnânimo, desambicioso, altruístico, sempre dedicado aos estudos, à prática do bem. Muitas vezes delegações de tôda espécie iam visitá-lo e não o encontravam. Estava atendendo à pobreza dos morros, aos necessitados sem valia, às famílias sem teto e sem pão. D. Joaquim Arcoverde tinha o coração de S. Francisco de Assis, era bom, caridoso, humilde. Morreu pobre. Antes do se ufalecimento teve o testemunho público do quanto era querido do povo brasileiro. Em 1924, com 74 anos de idade, por motivo das comemorações de seu jubileu sacerdotal, tôda a comunidade católica do país se reuniu em tôrno de seu nome e de sua figura de santo e lhe tributou as mais expressivas demonstrações de reconhecimento e solidariedade.

As festas do jubileu de D. Joaquim Arcoverde tiveram cunho de solenidade nacional e de todos os campanários repicavam os sinos, de cátedras, de redações, de púlpitos, se erguiam vozes de júbilo pelo evento que registrava o nosso calendário.

O 17 de janeiro de 1950, marcou o primeiro centenário de nascimento dêsse grande prelado brasileiro, data que foi comemorada com muito brilhantismo.



O ARQUITETO E O CONSTRUTOR

O Sr. Getúlio Vargas é venerado no partido quase como os santos na igreja. O ex-ditador foi derrubado do poder quando tentava fazer as pazes com a democracia, dando liberdade à Imprensa, autonomia às organizações políticas e anistia aos presos e exilados políticos. Seu nome, filiado ao Partido Trabalhista, volta a se evidenciar neste momento

NOS BASTIDORES DO P. T. B.

À sombra do Sr. Getúlio Vargas o partido nasceu e cresceu ★ O presidente e o secretário geral do partido quase foram expulsos porque discordaram do "papai-político" ★ Uma dramática reunião com o General Dutra, na residência do Cel. Alencastro Guimarães ★ Os petebistas do começo viviam na "pindaíba" ★ Segredos na secretaria do partido... ★ Emprêgo para os correligionários ★ Vontade de ser socialista ★ Os namoros políticos ★ "Êle" voltará?

TEXTO DE **CARLOS DUARTE**

DOMINADO por uma grande indecisão o sr. Getúlio Vargas, na incerteza eleitoral que imperava até a véspera do pleito de 2 de dezembro de 45, ajudara a fundar o PSD ao mesmo aempo que prometia casamento ao PTB até que se definiu. E foi à sombra do seu nome que êste surgiu e cresceu.

O PTB teve, porém, raizes anteriores. O verdadeiro fundador do partido foi o atual deputado Segadas Viana. Na chefia do Departamento Nacional do Trabalho, donde dirigia todo o movimento sindical do país, acomodando-o ao "Estado Novo", aquêle prócer trabalhista, em fins de 1943, visando enraizar a mentalidade trabalhista de que se gabava o govêrno, e talvez o futuro, fundou o primeiro "Centro Trabalhista de Estudos Politicos e Sociais" que, do Rio, ramificou-se logo para S. Paulo. Com a promulgação do "Ato Aditivo" à Carta de 37, pelo qual o govêrno convocaria as eleições para entregar o país aos seus representantes legitimamente eleitos, Segadas Viana escreveu uma carta ao então ministro do Trabalho, sr. Marcondes Filho, propugnando a criação de um partido que congregasse a classe trabalhadora nacional nos moldes do Partido Trabalhista britânico, aproveitando-se, para isso, dos elementos já reunidos em tôrno dos "Centros Trabalhistas de Estudos Politicos e Sociais". E assim foi feito. Em dezembro de 1944, nascia o Partido Trabalhista, no Rio, S. Paulo e Bahia, e a Aliança Trabalhista em Minas, que logo a seguir se reuniram sob a bandeira única do Partido Trabalhista Brasileiro. Dentre os elementos que estavam à testa do novo partido figuravam os srs. Segadas Viana, Baeta Neves e Frota Morais (hoje em S. Paulo), no Rio; Nelson Fernandes, Romeu Fiori e Pedroso Jr., hoje deputados, em S. Paulo; Iracyr Pereira Lima, tecelão, deputado estadual, em Minas; Dagoberto Silva, motorista, e o bancário Baraúna, na Bahia — alám dos milhares de adesistas que choveram de todos os Estados do país, respondendo ao brado: "O PTB é o Partido de Getúlio Vargas!".

★

A consolidação do partido teve lugar dois meses de-



TRÊS DA CASA...

Da esquerda para a direita, os Srs. Benicio Fontenele, Milton Santos e Rui de Almeida, membros da bancada petebista na Câmara. Todos têm demonstrado espírito combativo



BATE-PAPO AO MICROFONE

Não, apenas o deputado Pedroso Júnior fazia um discurso e seu companheiro de bancada, Benjamin Farah, deu um aparte... Falava-se de greve e a discussão esquentou



SEMPRE ÊLE...

Os petebistas carregam o Sr. Getúlio Vargas no coração, na roupa e até em sonhos. Quando entramos na sede do Partido vimos um grupo com o seu busto. Mudança? Não. Apenas uma encomenda de bustos que estava chegando

pois, em fevereiro de 45, nesta capital, com a realização da sua primeira Convenção Nacional, à qual compareceram os representantes petebistas do Rio, S. Paulo, Minas, Bahia e outros Estados menores, tendo sido eleito presidente provisório do partido o sr. Luiz Augusto França, pessoa muito ligada aos gabinetes dos ministros do Trabalho do "Estado Novo" e ainda agora... Oficialmente, a data de fundação do PTB marca 25 de março de 1945. O partido vivia então com os cofres vazios, muito embora muita gente dissesse que o sr. Getúlio Vargas o abonava como o pai ao filho... Tanto assim que a Convenção realizou-se numa sala minguada de um velho prédio da Praça Tiradentes, cedida por empréstimo. Em setembro reunia-se nova Convenção Nacional do partido, dessa vez já na sede instalada numa sala e saleta de uma construção antiga da rua S. José, apresentando o seu patrimônio — 30 cadeiras compradas de segunda-mão; o partido ainda está quase sem recursos, os seus dirigentes se cotizando para cobrir as despesas da sede. Mas esta reunião tinha grande transcendência: fôra convocada para decidir qual seria o candidato apoiado pelo partido à presidência da República. Essa reunião provocou alvorôço nos meios políticos, porquanto o movimento "queremista" desafiava o Exército, lançando o nome do sr. Getúlio Vargas e foi propalado que os inimigos do partido tentariam perturbá-la por isso. A Policia Especial, dessa forma, compareceu para garantir a sua realização. E de fato houve tumulto, apenas, porém, no interior da sala mirrada onde os próceres do partido estavam reunidos, gritando enfurecidamente. Mas não houve briga, nem dentro nem fora. (Êste repórter, ao que parece, foi a única pessoa a "incomodar" o contingente da P.E. que se postara nas imediações; fomos agarrados violentamente, e os latagões da masmorra de Santo Antônio, aos empurrões e ameaças, só nos deixaram em paz, quando viram que éramos jornalistas).

A reunião prolongou-se pela madrugada a dentro, chegando à conclusão de que o partido, não podendo lançar a candidatura do sr. Getúlio Vargas, não apoiaria também nenhum candidato.

★

O ex-ditador, discricionàriamente, porém, depois resolveu que o PTB apoiaria a candidatura do general Dutra, que êle mesmo arranjara para o PSD, do qual se afastara, no entanto, permanecendo no seu retiro de S. Borja, até que as coisas melhor se esclarecessem... Os srs. Baeta Neves e Segadas Viana, nessa ocasião, quase foram expulsos do partido, muito embora o primeiro fôsse o presidente e o segundo, o secretário-geral do PTB, porque enviaram um telegrama ao chefe do partido, protestando contra a sua decisão arbitrária e que, noutras palavras, consideravam leviana. O gesto foi tomado como ato de indisciplina pelos elementos que o ditador havia carregado para o partido, por sinal a maioria dos seus membros. Alegavam os srs. Baeta Neves e Segadas Viana que o general Dutra estava transacionando com o PTB



FUTURA FACHADA

Neste flagrante, dois trabalhadores estão preparando a placa a ser colocada na fachada d sede do pritdo. Será uma das maiores, senão a maior no setor da propaganda política no Rio, medindo nada menos de 13 metros de comprimento. Por isso foi dividida em duas partes ajustáveis, de modo a permitir que de longe seja lido facilmente o cartaz

nas mesmas bases com que o fazia com o partido dos integralistas, o PRP, oferecendo em troca do seu apoio quase o mesmo que oferecia ao sr. Plínio Salgado. Dêsse incidente, resultou uma dramática reunião do general Dutra com os dois "insubordinados" e os demais membros diretores do PTB, entre os quais os srs. Nelson Fernandes, Romeu Fiori e João Neves da Fontoura, na residência do cel. Alencastro Guimarães. O PSD tentava, assim, obter completo e pacífico apoio de todo o PTB, mas o tiro quase saiu pela culatra... Ao ser exposta a proposta do general-candidato, pela qual seriam entregues ao PTB a pasta do Trabalho e outras mais, de conformidade com as legendas obtidas pelos dois partidos no pleito, tôdas as Prefeituras onde o PTB fôsse majoritário (as eleições para governador, prefeitos, deputados estaduais, etc. só viriam dois anos depois), a presidência de alguns Institutos e ainda incluiria no seu programa de realizações certos pontos básicos do programa do PTB (conservação da legislação trabalhista, direito de greve, participação dos trabalhadores nos lucros das emprêsas, etc.). O sr. Segadas Viana, que tudo ouvia calado, tomou a palavra para pedir ao general Dutra que fizesse a proposta por escrito.

Foi uma bomba! Todos os presentes se entreolharam, cismados, talvez aguardando uma resposta malcriada do general. Antes que isso se desse, o sr. João Neves saltou em sua defesa, dizendo que o general Dutra era incapaz de faltar à palavra empenhada. O sr. Segadas Viana manteve o pedido, e se justificou, alegando que agia em nome de um partido ao qual teria que prestar contas. Então o sr. Alencastro Guimarães intercedeu, apaziguando o ambiente e reafirmando que a palavra do general era insuspeita. Tudo foi acalmado. O sr. Segadas Viana e Baeta Neves jamais, porém, tiraram a pulga de trás da orelha... e o próprio sr. Alencastro Guimarães, mais tarde, escreveu uma carta ao general, já presidente, protestando contra a inobservância do acôrdo. Aliás, as relações acomodatícias que a princípio reinaram entre o PTB e o PSD não demoraram a ser postas de lado, desde 1947, quando o sr. Getúlio Vargas sentiu-se por demais atacado pela gente do atual govêrno. E hoje o PTB é partido da oposição.

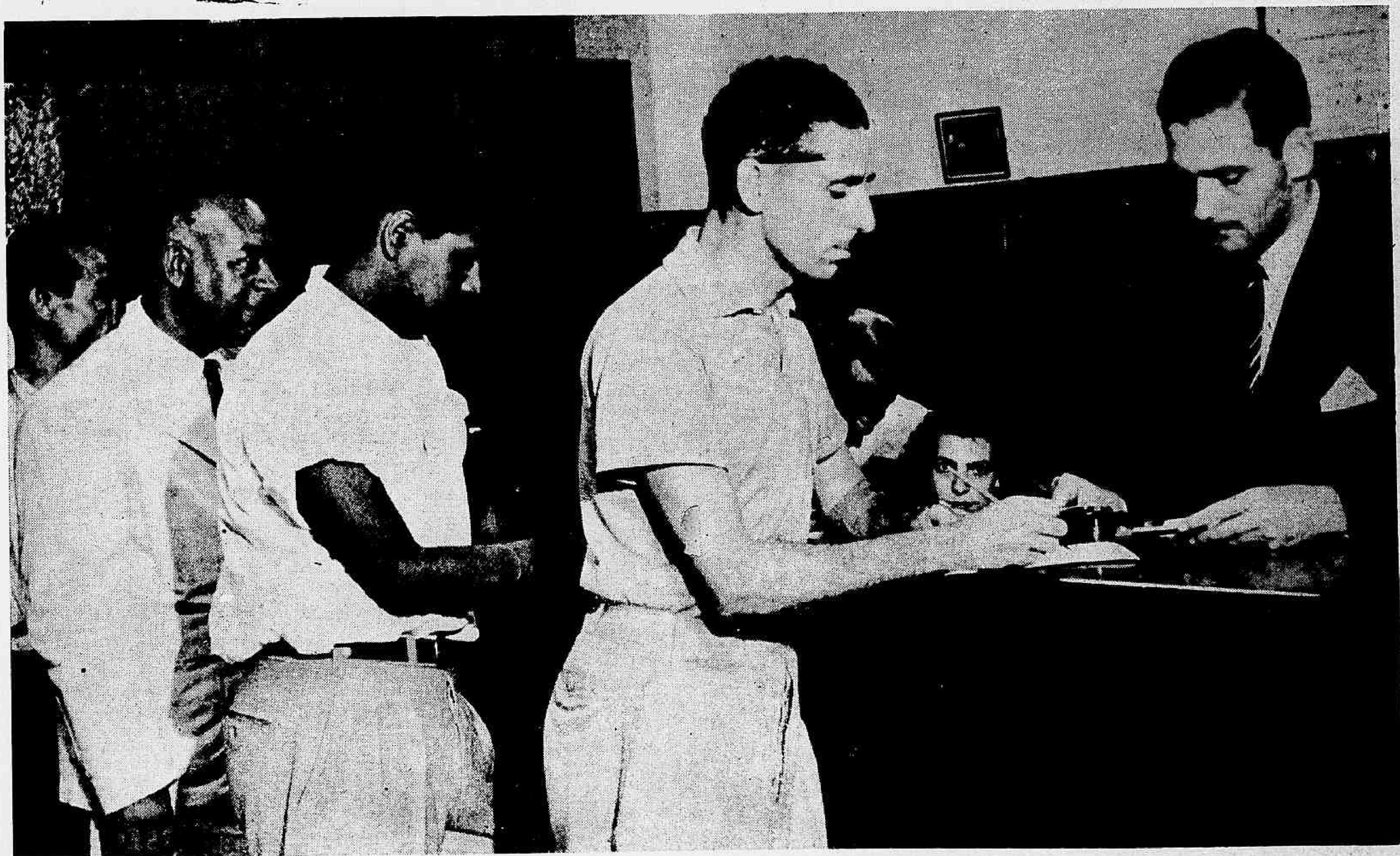
★

Outro incidente curioso, embora sem grande importância, da vida do PTB se prende ao seu registro na Justiça Eleitoral. O sr. Luiz Augusto França, em 1945, dizem que a mando do sr. Pedro Brando, tesoureiro do PSD e um dos maiores batalhadores da candidatura Dutra, tentou impugnar o registro do partido, alegando dualidade de direção, porquanto ainda se julgava presidente do partido, por não considerar válida a reunião que elegeu para substituí-lo no cargo o sr. Baeta Neves... O Tribunal Eleitoral não deu ouvidos ao sr. França. Êste, com o gesto, no entanto, conquistou as graças do govêrno e atualmente é um dos lugares-tenentes do ministro do Trabalho, no setor dos Sindicatos.



O CHEFE DA SECRETARIA

O Dr. Pamplona é boa pessoa, mas zangou-se quando lhe fizemos perguntas indiscretas sôbre a vida do PTB. Satisfeito, porém, o chefe da secretaria do Diretório Nacional petebista mostrou-nos as bandeirolas para a propaganda



ALISTAMENTO

Com as eleições de 3 de outubro dêste ano à vista, o PTB já está procedendo o alistamento. Por ocasião da nossa visita à sua sede, lá encontramos uma fila. Espera o PTB aumentar consideravelmente a votação êste ano, tomando desde agora as providências necessárias para isso. Mesmo não parecendo, o pessoal trabalha com vontade e entusiasmo



EUSÈBIO ROCHA
Deputado combativo, tem feito boas intervenções. O seu recente discurso sôbre a greve do abono na Central provocou longos debates e agitações se fizeram sentir



A DEPUTADA
A Sra. Conceição Santamaria é a única mulher eleita deputada pelo PTB. Figura graciosa e simpática, nos casos de seu interêsse na Assembléia paulista, age bem



MARCONDES FILHO
O PTB de S. Paulo o elegeu senador pelo partido de cuja fundação participou. Foi ministro do Trabalho do Sr. Getúlio Vargas. Orador fluente, mantém-se discreto



ALENCASTRO GUIMARÃES
O antigo diretor da Central do Brasil é considerado um elemento vibrante. Vereador pelo partido e presidente da Liga Brasileira de Defesa das Liberdades Públicas,

Não tendo eleito governador nenhum, candidato exclusivo do partido, o PTB, no entanto, já foi govêrno por alguns dias, no Rio Grande do Sul. Necessitando vir a esta capital para tratar de assuntos de alto interêsse político para o seu partido (problema da sucessão), o governador Walter Jobim, que é do PSD, em obediência à Constituição do Estado, entregou o poder, por alguns dias, ao sr. Brochado da Rocha, presidente da Assembléia gaúcha e líder estadual do PTB.

★

Fêz o PTB 23 deputados federais, nas eleições de 45, sendo 9 no Rio, além de vários outros, eleitos em coligações com outros partidos; 2 senadores; 85 deputados estaduais e 9 vereadores no Distrito Federal. Votou com o candidato vitorioso ao govêrno do Estado do Amazonas, sr. Leopoldo Neves (UDN-PTB), de Sergipe, sr. José Rolenberg (PSD-PR-PTB), do Estado do Rio, cel. Edmundo Macedo Soares (PSD-UDN-PTB e outros), do Paraná, sr. Moisés Lupion (UDN-PSD-PTB), e de Santa Catarina, sr. Aderbal Ramos (PSD-PTB). Nas próximas eleições conta o partido aumentar de muito a sua representação não só na Câmara e Senado, como nas Assembléias Legislativas estaduais. Aspira ser o partido majoritário em alguns Estados, como o R. G. do Sul. Entre os seus atuais representantes, figura a deputada estadual Conceição Santamaria, ex-atriz de teatro, uma figura graciosa e combativa, que enfeita a Assembléia Legislativa paulista. O sr. Getúlio Vargas foi eleito deputado pelo partido e outros em nada menos que sete Estados, e senador por dois, tendo dado preferência à senatória pelo seu Estado natal, o Rio Grande do Sul.

★

Como funciona o partido?

Sob o ponto de vista de organização, o PTB deixa muito a desejar. À procura de dados exatos para esta reportagem, estivemos em sua sede atual, na Rua Álvaro Alvim n. 52, 4º andar, onde funcionam, um ao lado do outro, o seu Diretório Nacional e o Diretório da seção do Distrito Federal. Uma boa sede, de aluguel, pois em questão de dinheiro o partido continua vivendo apertado, ao que parece. Solicitamos do chefe de sua secretaria, como o fizemos e fomos atendidos na UDN e no PSD, alguns elementos elucidativos, mas o sr. Pamplona — assim se chama o nosso amigo — negou-se a fornecê-los por se tratar de "coisa muito íntima e que só pode interessar ao partido"... De nada valeram os nossos argumentos de que o eleitorado brasileiro precisa conhecer melhor os partidos que vivem do seu voto. Ficamos sabendo que cada deputado e senador contribui com 10 % do subsídio para os cofres partidários, o que corresponde a cêrca da metade da contribuição dos representantes udenistas ou pessedistas (500 cruzeiros) e nem assim mesmo todos contribuem... Outros detalhes também nos foram negados, mas porque o partido não os tem. Perguntamos, por exemplo, pelo número de prefeitos e vereadores petebistas eleitos em todo o país, mas a sua secretaria nada sabe a respeito... Também observamos isso no PSD e na UDN, sendo que no último, a sua secretaria conseguiu recolher os dados em tempo, através as estatísticas publicadas pela Justiça Eleitoral.

No plano político, o PTB todo obedece ao comando do sr. Getúlio Vargas. Na sua ação parlamentar, no que se refira à administração do país, cada um de seus representantes pode agir de acôrdo com a própria consciência... ou conveniências. Os deputados trabalhistas, de um modo geral, são combativos e neste Parlamento tão fraco que temos, figuram entre os melhores, tais como o sr. Benício Fontenele, um tecelão, e o sr. Segadas Viana, ou o sr. Eusébio Rocha. No Senado, o PTB existe porque lá está sempre o sr. Salgado Filho, um cidadão simpático, atual presidente do partido.

Em alguns Estados, como S. Paulo, o partido apresenta uma bancada muito ativa. Como sejam autônomos, os Diretórios estaduais, exceto quanto à política nacional



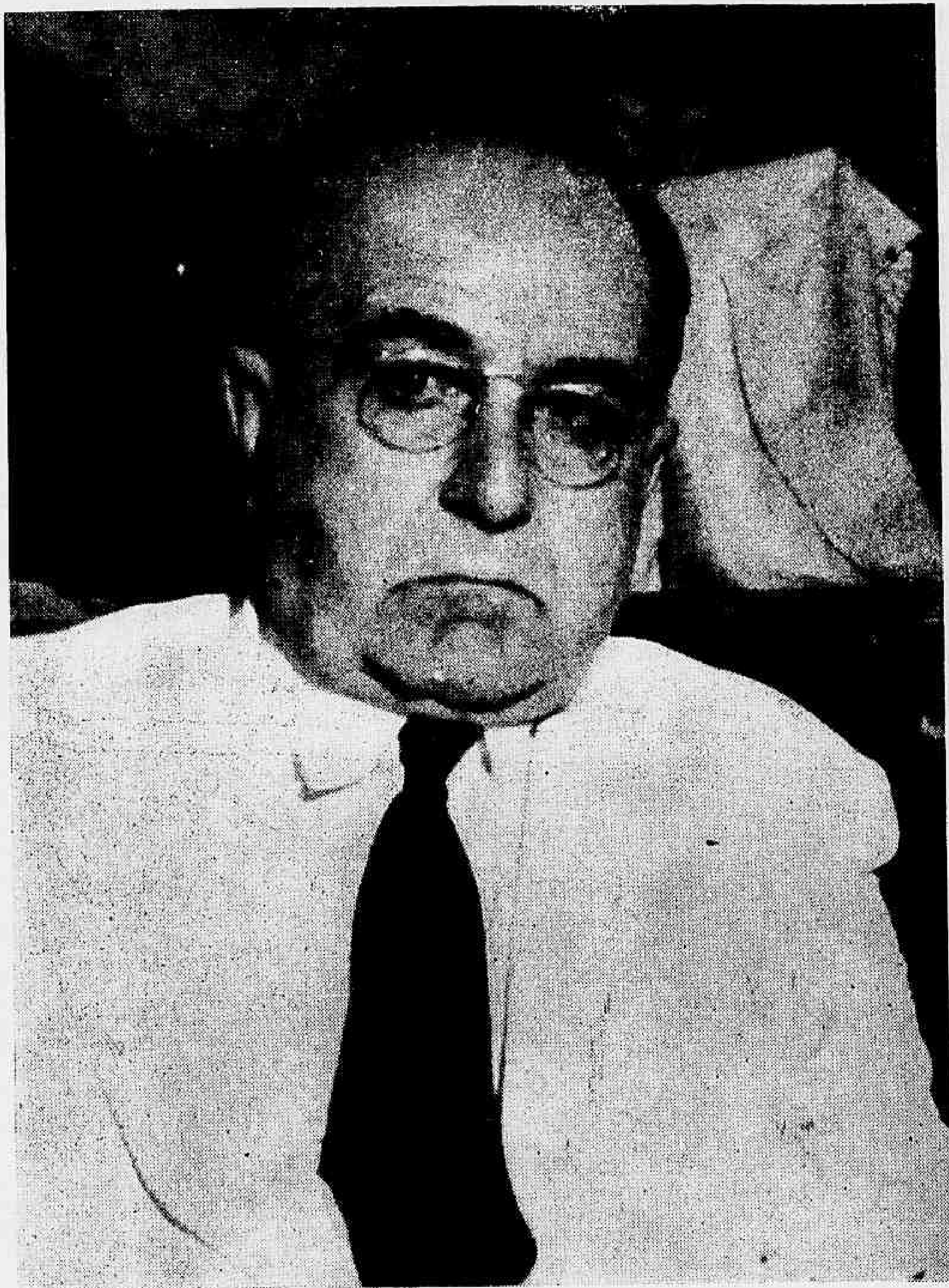
BAETA NEVES
Petebista da primeira hora, já foi presidente do Partido e continua sendo um de seus maiorais. Também quase foi expulso por reclamar uma decisão do Sr. Getúlio



RUI DE ALMEIDA
Deputado pelo Partido o Coronel Rui de Almeida é dos mais movimentados da Câmara, embora não acompanhe o movimento trabalhista do país. Mas procura produzir



GURGEL DO AMARAL
Líder do Partido na Câmara Federal. Jovem e bonachão, está sempre alegre e tem atuado bem. Será mesmo um socialista? Êle, pelo menos, diz que é — e de verdade



ÊLE

No Senado o Sr. Getúlio Vargas era visto quase sempre de rosto fechado, como está na gravura, talvez sentindo-se diminuído para quem já havia pousado em maiores alturas... Mas em S. Borja, a sua gargalhada enche o casarão e a todos recebe sorridente



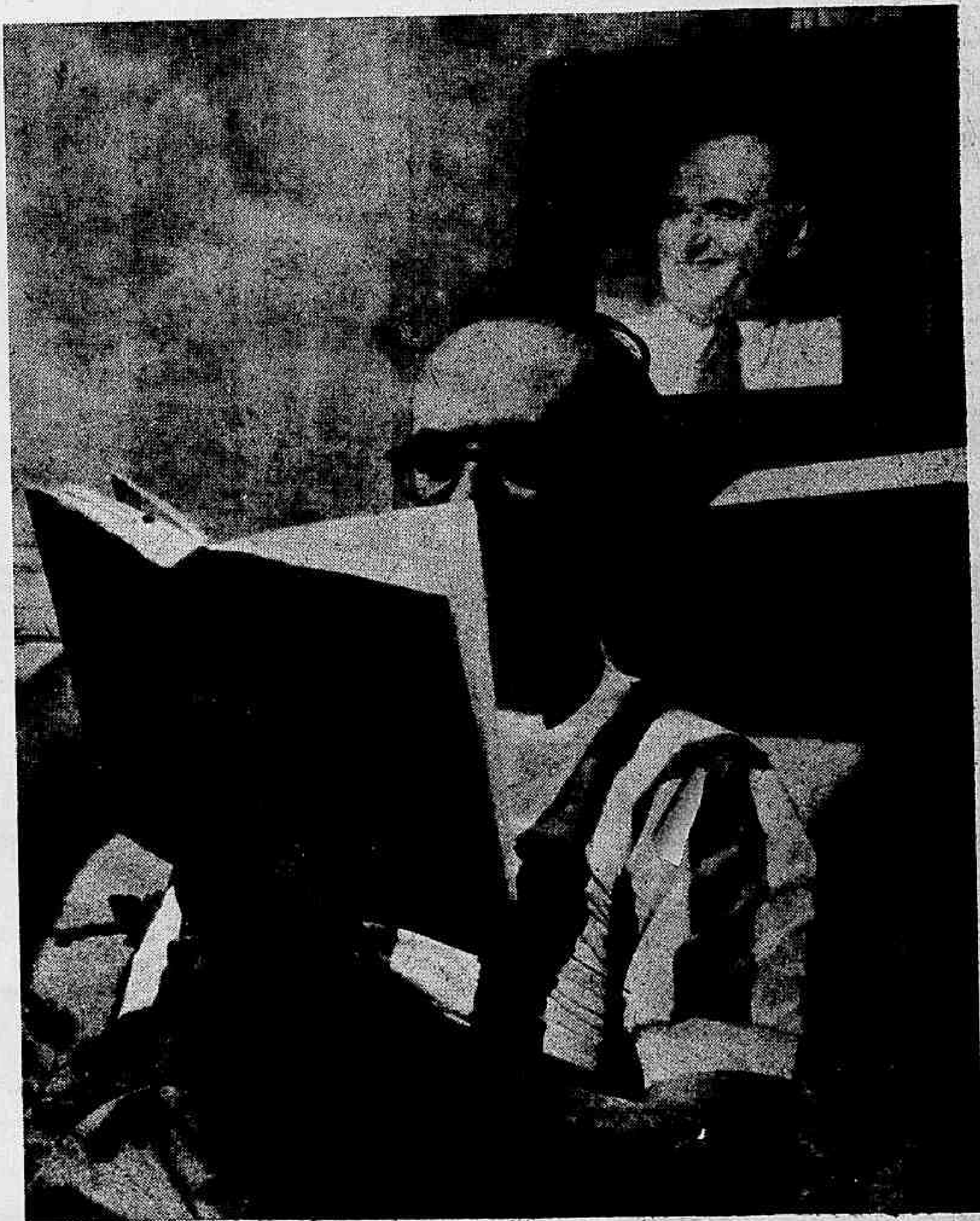
SALGADO FILHO

Depois do Sr. Getúlio, é a figura de maior projeção no partido, do qual é presidente. Falou-se muito no seu nome para a vice-presidência da República, mas o Sr. Salgado Filho, experimentado e cauteloso, prefere esperar. Tem projeção culminante no partido



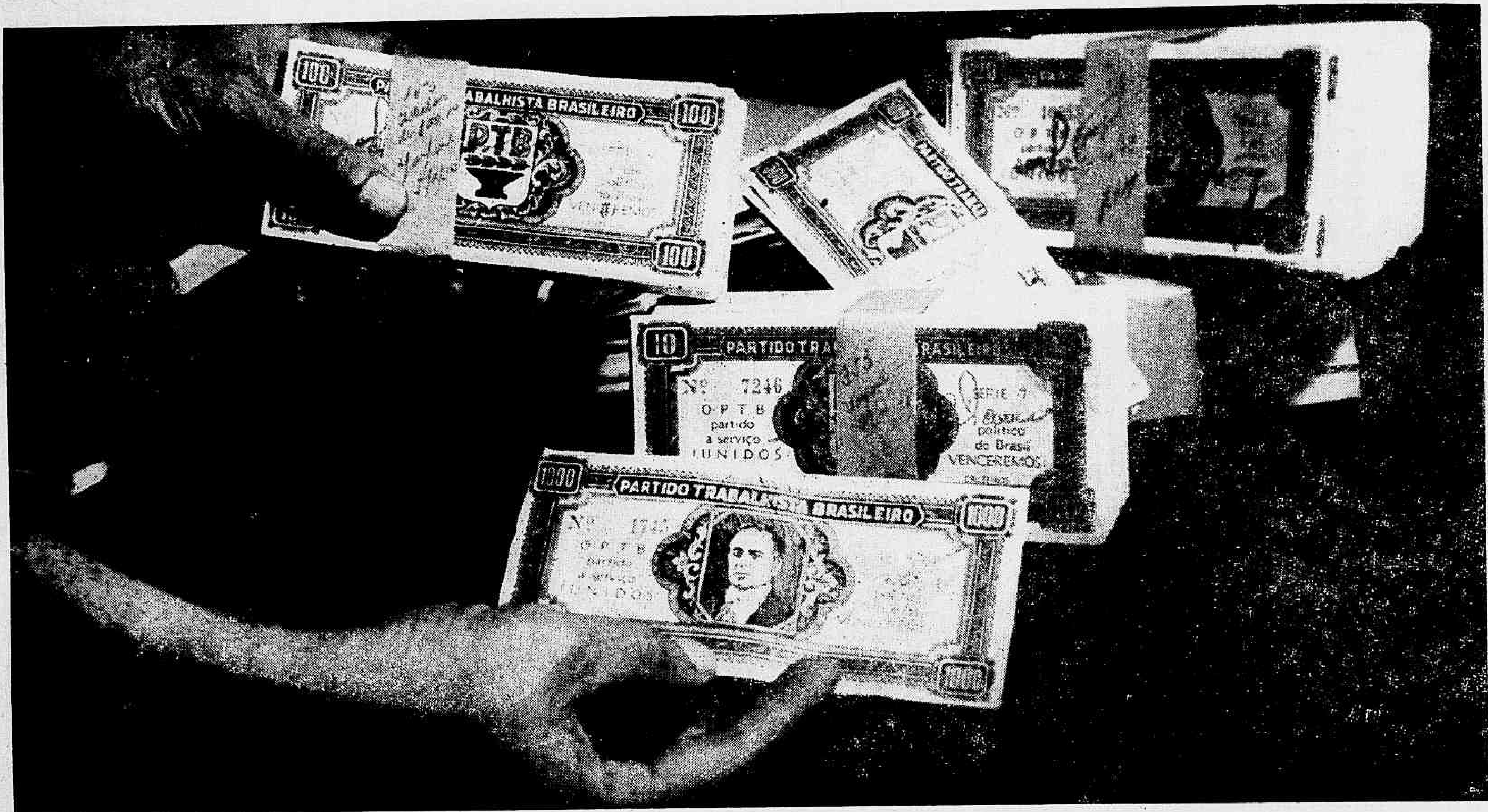
BROCHADO DA ROCHA

Eleito deputado federal pelo PSD, mudou de partido, mas de maneira digna: abriu mão da cadeira na Câmara e candidatou-se a deputado estadual e venceu. Como presidente da Assembléia estadual na ausência do governador, exerceu o govêrno por um mês



BARRETO PINTO

Francamente "do movimento" perdeu o mandato porque foi considerado um desmoralizador da Câmara, dizendo irreverências. Transformou-se em jornalista, ator cinematográfico e empresário teatral, embora garantindo que há de voltar à Câmara



DINHEIRO? NÃO...

Apenas material de propaganda. A princípio surgiram em circulação cédulas autênticas, trazendo carimbados, dizeres alusivos ao Partido e ao Sr. Getúlio Vargas, mas veio a saber-se que ficariam sem efeito. E a exemplo do que fazem os estabelecimentos comerciais, o Partido imprimiu notas de reclame com a efígie do ex-ditador, que agora distribui

do partido, funcionam sem dar quase sinal de vida aos chefes e correligionários aqui no Rio. O Diretório Nacional petebista resolveu, aliás, acabar com os Diretórios Municipais do partido nas capitais dos Estados, onde ocorriam constantes choques entre os membros do Diretório Municipal e o Diretório Estadual. Examinando a questão, todos os Diretórios Estaduais e mesmo os Municipais, aprovaram a medida, considerando que nos Estados não há razão para a existência dos dois, porquanto os membros do Diretório Estadual vivem quase todos na capital do Estado e podem, por isso, exercer perfeitamente as funções do Diretório Municipal das capitais. Dizem os estatutos do PTB que o órgão supremo do partido é a Convenção Nacional, a esta cabe falar dos seus problemas cruciais. Abaixo dela vêm as Convenções Estaduais.

★

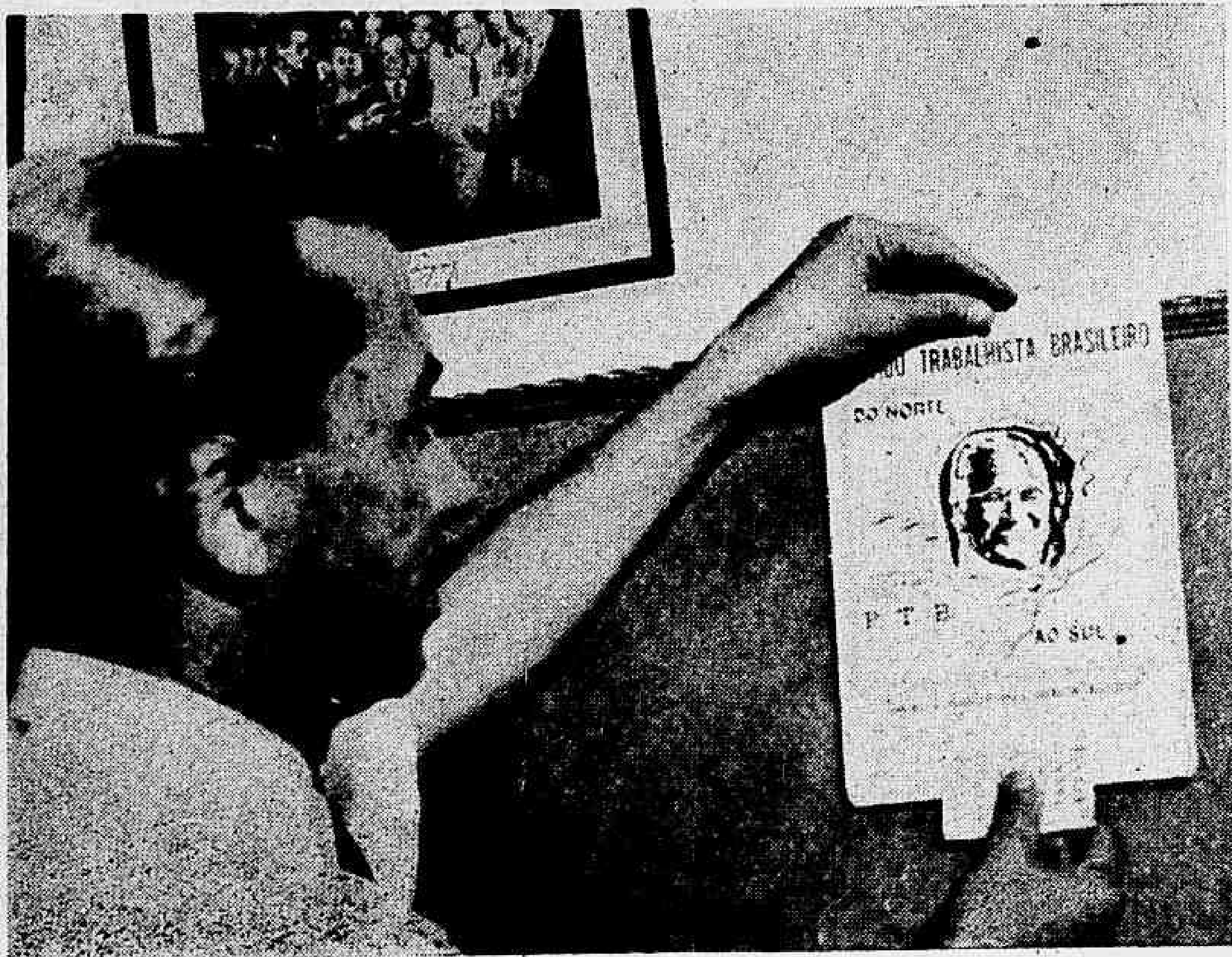
Um detalhe interessante que se encontra no PTB é u'a modalidade de assistência que oferece aos seus correligionários. Além de assistência médica e jurídica, segundo nos informou o chefe da secretaria do Diretório Nacional, o partido tem uma seção especializada para atender aos petebistas desempregados. Nenhum outro partido possui um serviço dessa natureza.

O PTB está lutando, como os outros partidos, para a criação do espírito partidário. E se ainda não o tem, isso se deve às próprias limitações e confusões ideológicas dos membros e dirigentes do partido. Muitos dêles vivem se justificando perante os "coronéis" da política, dizendo que não são "socialistas" e sim "trabalhistas", com medo de serem comparados aos socialistas reais, que não discutem se vão ou não coletivizar os meios de produção e as fontes de riqueza do país... porque já sabem que para isso são *socialistas*. O próprio sr. Getúlio Vargas declarou que é favorável à coletivização progressiva dos meios de produção, mas depois, com o grito da Igreja Católica gaúcha, andou recuando um pouco no seu socialismo... O PTB, por incrível que pareça, sòmente agora está redigindo o seu programa definitivo. Foi criada no partido, uma comissão para tratar do assunto, sendo relator o sr. Alberto Pasqualini, do Rio Grande do Sul. Êste, no projeto que, em resultado dos estudos, análises e observações fêz, recentemente apresentou um projeto, em que afirma: "No campo econômico será mantida a iniciativa privada e, portanto, a propriedade e a exploração privada dos meios de produção, porém, com as limitações e os encargos exigidos pelos interêsses coletivos". A mesma coisa diz o PSD, que nem de longe se julga socialista, como a maioria petebista, inclusive sua elite dirigente, diz que é.

★

De tôda maneira, qualquer que seja o socialismo do PTB, o partido é uma potência eleitoral devido ao nome que o carrega. O voto do sr. Getúlio Vargas está sendo disputado por quase tôdas as correntes políticas do país, até pela UDN, que nasceu para combatê-lo e disso fêz cavalo de batalha durante muito tempo. O PSD, esfacelado como está pela tremenda desunião interna que impera no partido, naturalmente tem que procurar o seu apoio, porquanto a maioria pessedista tem origem "queremista", embora procure esconder ou dissimular a preferência. Filho de peixe, peixinho é — diz a sabedoria popular, e o PSD não foi o refúgio dos antigos interventores, ministros e altos funcionários dos tempos anteriores a 45? Dessa "conquista" persistente em que vivem os políticos atrás do ex-ditador, resulta que os trabalhistas o defendem com unhas e dentes, pois não há um dêles sequer em todo o Brasil que não acredite que se Getúlio Vargas se candidatar não seja de novo presidente. "Êle voltará" — continua sendo o lema.

Eis, em síntese, o que observamos na visita feita ao PTB, um partido que tem muita gente boa, mas muito oportunista também lá dentro. Pode se constituir num partido trabalhista nos moldes do britânico, mas para isso será preciso que seus dirigentes e quadros adquiram maioridade política e ideológica, o que hoje não têm, porquanto 90% do partido vive em função do prestígio eleitoral do seu chefe. No dia em que o PTB passar a ter vida própria em vez de viver em função do sr. Getulio Vargas, então teremos de fato o Partido Trabalhista Brasileiro.



TAMBÉM CALENDÁRIOS

E a propaganda segue o seu curso, com distribuição de calendários para o ano entrante, nos quais se vêem, além do retrato do Senador, dizeres alusivos ao Partido Trabalhista



MAIS BUSTOS

Êsses bustos ainda não começaram a aparecer, mas já estão prontos para a distribuição. Quanto custaram? Não foi possível obter essa informação que seria deveras curiosa




força pol a serviço

JOÃO LUSO



É com melancolia que ponho o nome de João Luso no título desta nota — porque aqui falarei do escritor que, há poucos dias, nos deixou, para a longa ausência, e a perene saudade.

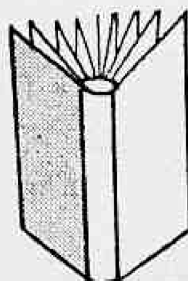
Por estranhas combinações do destino, aqui venho suceder, como comentarista de livros, justamente àquele que tanto me orientou e ensinou no aprendizado das letras. Lembro-me bem de que meu pendor pela literatura dialogada veio de João Luso. Posso precisar, exatamente, que foi num conto seu, "Os desencontrados" — publicado por uma revista de formato bizarro e vida curta, "Nova Era" — que, pela primeira vez, senti no diálogo um recurso ideal para o conto, para acentuar a verdade psicológica dos personagens e dar um ritmo ágil à história breve. Dêsse conto nasceu meu culto à "short story" em diálogo, onde a intervenção do autor é aparentemente apenas mecânica e os personagens surgem por si mesmos nas palavras que dizem, no assunto sôbre que conversam. Por isso, minha estréia literária, nos já distantes tempos do "Correio de Minas", de Juiz de Fora, deu-se com um pequeno conto dialogado. Por isso, tanto tenho cultivado o diálogo, no conto, na crônica e, mais recentemente, em trabalhos de rádio, em que resulta a forma de maior rendimento, mais viva e interessante, para divulgação de cultura.

Outros caminhos ainda, me aproximaram de João Luso, o que representou, para mim, uma generosidade do destino. Vim encontrar, na imprensa carioca, como um dos confrades mais próximos, êsse mesmo João Luso que fizera uma de minhas primeiras admirações de aprendiz de letras, dando-me uma lição, a do diálogo, que seria a mais conveniente à minha predileção pelas páginas curtas, o conto e a crônica. Quando cheguei ao Rio, em 1929, e passei a fazer a crítica teatral do "Diário da Noite" e de "A Batalha", foi João Luso um dos colegas veteranos que encontrei, como vizinho de poltrona, nas noites de "première". E, mais uma vez, foi a sua crítica teatral, proba, culta e brilhante que tomei como modêlo exemplar nesse setor do jornalismo.

Finalmente, mais uma estrada da vida nos fêz encontrar: o amor dos animais. Quando ingressei nesse grupo de lutadores pela causa inglória da defesa dos animais, encontrei-o na estacada, pondo seu talento, sua generosidade, seu prestígio, a serviço da pregação franciscana do afeto pelos nossos irmãos inferiores. O pouco que temos de compreensão sôbre o problema e de amparo aos animais, quase tudo se deve ao que João Luso escreveu, em jornais e revistas, a favor dos bichos. O único livro que possuímos, no sentido dessa grande cruzada, devemos à sua pena ilustre, e estou certo de que essa foi uma de suas obras realizadas com o maior carinho e o lavor mais enternecido.

Os mortos de nosso afeto não podem ser recordados senão como vivos. Nós nos lembramos através do legado que nos deixaram, em bondade e beleza, fôrças criadoras e permanentes que vencem a ausência e a morte. Assim, vivem sempre na nossa memória e nós os sentimos sempre conosco, como antes. João Luso continuará ao meu lado, como outrora na minha banca de trabalho, no jornal de província, como nas velhas poltronas do Lírico e do Trianon, como no afeto que a ambos tanto nos aproximou, pelo amor dos animais. E o gesto com que afago um pobre cão, na via pública, sempre me recordará as belas mãos do artista, cheias de ternura para com o melhor amigo dos homens, a nobre cabeça grisalha que tantas vêzes se curvava para êsses sêres de pureza e de humildade, dizendo-lhes, na sua voz grave e mansa, uma palavra de doçura.

Eis o que posso dizer de João Luso, mestre e amigo próximo sempre, mesmo quando parte para a longa viagem do desconhecido — ao abrir as páginas dos livros remetidos a esta casa e em que as dedicatórias de autor são encimadas por seu nome tão querido e tão vivo no nosso coração e no nosso espírito.



SEMANA Literária

EDMUNDO LYS

O ROMANCISTA E O AUTOMÓVEL

Há poucos dias, em uma das crônicas diárias de José Lins do Rêgo, encontramos uma lição para todos os aprendizes de letras: o romancista não deve ter automóvel. Ou, melhor — como escreveria talvez aquêle grandíssimo Fernando Pessoa — o romancista deve não ter aumóvel.

Lins não escreveu isso, nem aquilo. Disse, apenas, que não possui, nem quer possuir um carro particular, como não quer entrar para a Academia, embora ache tanto o automóvel como a Academia nada desprezíveis. Apenas êle não gosta nem da idéia de ter um carro, nem de ter uma cadeira no Petit Trianon.

Daí, a nossa conclusão sôbre a incompatibilidade entre os romancistas e os automóveis — e os romancistas e as Academias, naturalmente.

O automóvel furta ao romancista no seu material. Ter um automóvel é sair da rua, do meio do povo, privar-se do convívio com as personagens, perder o contacto com a vida nos seus aspectos mais fortes e espontâneos. E o romancista não pode fazer isso, porque, isso, será sempre renunciar à sua função, em que a observação representa dois terços, pois a colheita da vida, das figuras e dos fatos, nas suas nascentes, no seu meio, no seu elemento — é que é a riqueza do romancista.

O verdadeiro Zola é o Zola dos tempos de miséria e frio rude. Pierre Frondaie escreveu "L'Homme a l'Hispano", mas nesse tempo êle ainda não possuía o seu belo "Hispano-Suiza" que os fabricantes lhe deram, pela excelente propaganda que lhes fêz o romance famoso.

Aliás, nesse livro de Frondaie está o germe desta teoria sôbre a "condição automobilística" — digamos assim. Vê-se, nessa história, como a posse momentânea, aparente e imprevista de um automóvel caro, muda a situação social, econômica e até psicológica de um indivíduo. Como as reações próprias, as do meio, são diferentes diante de um dono de automóvel e diante de um pedestre. A vida se transforma nas suas relações com o homem do Hispano — para usar o título de Frondaie. Perde em sinceridade. Torna-se cortesã, solícita, prestativa, falsa. O homem do automóvel não apenas sai da vida corrente, do cotidiano: a vida também se distancia dêle, voluntàriamente, em atenção ao prestígio que o automóvel acrescenta ao indivíduo. E a ordem de suas idéias e de seus sonhos também se altera.

Não se pode ser romancista, de automóvel. Dirão talvez que se pode ser romancista do e para os homens dos automóveis. E responderemos que não há romancista de determinado gênero, de um certo meio, para certo público e determinado núcleo de leitores: todos os romancistas realmente grandes — pensamos aqui em Balzac e Sthendal — mostram, em suas obras, que andaram sempre a pé.

O folhetim pode dar-se o luxo de um automóvel, mas o romance pertence aos pedestres.

Quanto à Academia — bem, essa já é uma outra história.

"PÉROLAS" CÉLEBRES

Pérolas — engraçado eufemismo com que se batizou o "cochilo" dos grandes escritores, na suposição de que sejam raros, raros como pérolas, mais raros do que entre os outros escritores.

Pérolas, embora, há sempre pescadores para elas.

Eis algumas, muito curiosas, "pescadas" na obra dos mestres da literatura francesa.

★

"Ela passou uma hora sem respirar" ("Os três mosqueteiros" — Alexandre Dumas).

★

Flaubert, na sua célebre obra-prima "Madame Bovary", refere-se a uma cabeça "toute marquée de chiffres jusqu'au thorax".

★

Baudelaire descreve alhures "um navio bastante sólido para afrontar as tempestades não previstas pela bússola".

★

E o próprio mestre da forma, Herédia, refere-se, em um soneto aos frutos — "que o sol amadurece à sombra do pomar"...

LOTI

Com a chegada dos novos livros franceses, editados depois da guerra vêm-nos também várias reedições de obras antigas. As de Pierre Loti, por exemplo.

Loti é um mestre do exotismo cujo encanto não perece. Êle foi realmente um precursor, cujos livros criaram todo um gênero literário. Revoltado da civilização européia, o mestre de "Le Mariage de Loti" andou viajando pelos países mais estranhos e pelas culturas mais ignoradas, no Ocidente, colhendo farto material com que trabalhou sua obra exótica, quase sempre feliz e cujo sortilégio perdera através as paisagens e as criaturas de legenda que êle incorporou à vida.



LYDIS, ILUSTRADORA

Mariette Lydis — Condessa Gavonne — é a fina, admirável pintora que a guerra trouxe à América e que se fixou em Buenos Aires. E' certo que a cultura argentina muito há de ganhar com a presença da sensível artista cujo mundo colorido palpita de poesia e de mistério, sem ser o mundo assombroso de Dali — sendo o mundo encantado, feérico, de Lydis.

Sabemos que os editores de Buenos Aires conseguiram interessar Lydis e alguns livros serão lançados com ilustrações suas. Entre as obras escolhidas está uma edição das "Cartas", de Soror Mariana, a apaixonada freirinha portuguêsa.

A pintura perturbadora, profunda, "passionnée" de Lydis, suas figuras sofridas e anêmicas, suas flôres e suas adolescentes quase trágicas, e que vimos anteriormente nas revistas européias e norte-americanas, podem nos dar uma idéia do que serão as ilustrações com que enriquecerá obras como as cartas da freira enamorada, sofrendo de amor na fria cela do convento. A beleza, a emoção da arte de Lydis há de recriar em imagens os lancinantes gritos de paixão que a pobre Mariana lançava a Chamilly.

Lydis tem ilustrado, entre outras obras célebres, o "Alcorão", o "Corvo", de Poe, as "Flores do Mal". Principalmente Baudelaire, cujos poemas malditos por quatro vezes foram editados com figuras suas, de uma fôrça, de um trágico cada vez mais intenso. E' que Baudelaire pertence ao mundo da pintora, onde se agitam aquelas criaturas de sonho, de poesias, de super-realidade... Criaturas — flores, objetos, paisagens — feitas em nuanças, sob ceus cinzentos, verdes violáceos, como flutuando numa atmosfera de subconsciência, mergulhadas num clima de catalepsia, opiúnico, cloroformizado.

Baudelaire, mas não só Baudelaire. Também a "Claudine", de Colette, foi ilustrada por ela. E que assunto para Lydis! Claudine adolescente, magra, angulosa, de ossos salientes e cabelos curtos — é exatamente uma personagem, um modêlo de Lydis. Ela gosta, realmente, de pintar essas meninas-moças esfingéticas, cloróticas e sonhadoras, como gosta de pintar as flores que sofrem e ficam feias, as paisagens imaginárias, impossíveis, iluminadas por um sol meio morto, num cenário sem contornos, um cenário de limbo, de nebulosa.

O crítico Leblond escreveu que ela é — "Boticelli no mundo de Dostoiewski".

Um álbum de J. Carlos

J. Carlos, o grande caricaturista brasileiro, vai ter sua obra consagrada oficialmente, com a publicação de um album, a ser lançado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, por iniciativa de seu diretor, o jornalista José Simeão Leal. Trata-se de publicação em grande formato, contendo cêrca de uma centena de desenhos de J. Carlos, apresentando-o em todos os gêneros em que êle tem sido mestre incomparável, ou sejam a caricatura política, a ilustração de texto, o "portrait-charge", a caricatura social, a simples ilustração de anedotas, o desenho para crianças, em páginas a côres, "doublés" e a preto. O escritor Herman Lima fêz a seleção dos desenhos, que vão de 1909 a 1949, e escreveu um longo prefácio crítico e biográfico, analisando detidamente tôdas as facetas do espírito e da arte dêsse grande ironista do lápis.

"Se o quiséssemos situar devidamente no cenário artístico do Brasil, segundo o critério de Francis Carco em "Les Humoristes" — diz Herman Lima, no final de suas palavras de apresentação — em vão procuraríamos um só rótulo restritivo, porque de justiça lhe caberia a totalidade de títulos: satírico, o tem sido, se não de preferência, tantas vezes; humorista, de permanente sutileza; ironista do eterno feminino; fantasista insuperável; caricaturista, propriamente dito, no correr de tôda a sua vida; "montmartrois", até mesmo, pela verve sutil de tantas de suas composições; mestre, sempre, a ombrear com os maiores, um Willette, um Abel Faivre, um Sem, um Albert Guillaume. Mas, acima de tudo, J. Carlos guarda, como Constantin Guys, "un mérite profond qui est bien à lui" — como disse Baudelaire do grande evocador das elegâncias femininas do Império.





COCTEAU, NA LEGIÃO DE HONRA

Jean Cocteau acaba de receber a Legião de Honra pelo conjunto de sua obra, no teatro, na literatura e no cinema.

Atividade polimorfa, pode-se dizer que nenhuma forma de beleza é estranha a êsse "enfant terrible" das letras francesas, poeta que tem praticado, inclusive, a pintura, a escultura e a música, cuja maior atividade se exerce no teatro e, em particular, no cinema.

Nesta fotografia, Cocteau aparece trabalhando em escultura sôbre latão, um porta-cachimbo representando uma cabeça grega, obra que executou para o visconde Charles de Noailles.

★

MACHADO, O REI DOS CACÊTES

Respondendo a um inquérito sôbre literatura brasileira, efetuado pela "Fôlha de Minas", declarou em certa altura o irreverente mineiro Jair Silva: "Lamento que muitos literatos tenham caído no conto do vigário de Machado de Assis, o rei dos cacêtes. Não existe prosa mais paulificante do que a dêsse divino mulato. Uma conversa miùdinha, arranjadinha e bem paginada. Uma intimidade constante com o leitor. Parece que o romancista nos fala segurando o braço ou botão do paletó. A linguagem é correta. Antes não fôsse! Porque o mestre foi efetivamente um cacetão do primeiro "team".

★

MALBA TAHAN NA COROGRAFIA DE MINAS

Malba Tahan tem mais de cinquenta livros publicados. Em Minas, no distante distrito de Goiabal, um admirador do escritor, o dr. Artur Oscar, querendo prestar-lhe uma homenagem, deu o nome de Malba a uma lagoa situada em terras de sua propriedade. Isso levou o "escritor árabe" a comentar jocosamente entre amigos:

— Posso não entrar para a literatura brasileira. Mas para a corografia de Minas, não haja dúvida, já entrei...



ILUSTRAÇÃO DE GUEVARA

Nesta página, tratando dos livros recém-saídos dos prelos, falamos de "Madona Felicidade", de Lawrie Reid, obra ilustrada pelo paraguaio Guevara, tão conhecido e apreciado no Brasil. Aqui está sua ilustração para o conto "Uma existência", da referida obra.

FÓRA DO PRELO

LITERATURA HISPANO-AMERICANA

Manuel Bandeira andou muito bem reunindo em volume e fazendo editar sob o título "Literatura Hispano-Americana" (Pongetti), suas lições de curso que dá aos alunos da Faculdade Nacional de Filosofia.

Fazia falta ao Brasil uma obra assim. Conhecemos pouco as literaturas hispano-americanas, tanto quanto somos desconhecidos nos países de fala castelhana, no Continente. Não sabemos a que atribuir o fenômenor, mas a verdade é que sabemos mais dos povos longínquos, do que de nossos irmãos geográficos, vivendo paredemeias conosco. À parte um ou outro nome das letras hispano-americanas, ignoramos tudo mais. E o mesmo acontece com êles. Todos buscamos, primeiro na literatura européia e, mais recentemente, na norte-americana — sobretudo nas culturas de origem — as fontes principais de nosso abastecimento. Os círculos intelectuais são melhor informados sôbre a atividade literária hispano-americana mas, mesmo êles, não muito, nem bem informados. Que diremos, então, a respeito do público? Êsse, ignora quase tudo e mêsmo o nome de poetas como Rubem Dario e Pablo Neruda são quase totalmente ignorados pelos leitores brasileiros.

Êste livro de Manuel Bandeira aparece, portanto, como uma contribuição necessária. E tanto mais que é uma obra breve, simples e bem informada, historiando a literatura hispânica do Continente desde sua origem até nossos dias, através vinte e oito capítulos em que entramos em contacto com os acontecimentos e as figuras mais importantes das literaturas hispano-americanas.

O novo livro de Manuel Bandeira constitui obra indispensável a qualquer biblioteca e representa, além de trabalho de alto merecimento no seu gênero, uma esplêndida contribuição à melhor aproximação entre os povos sul-americanos.

★

CRÔNICA DE PARIS

Maluh de Ouro Prêto estréia-se em livro com estas "Crônicas de Paris" (Editora "A Noite"), aparecendo assim com um livro de viagens, gênero outrora muito c u l t i v a d o e que, entretanto, não é comum hoje em dia.

O fenômeno do desaparecimento de um gênero tão explorado antigamente e, hoje, raridade, deve-se talvez ao fato de que, agora, todo o mundo viaja. A terra ficou pequena — e, tanto, que já se preparam excursões à lua e ao planeta Marte... As distâncias foram reduzidas com as linhas aéreas, o rádio, a televisão. Assim, nem o leitor tem grande curiosidade pelos livros de viagem, nem o autor tem, numa viagem, tempo suficiente para grafar suas impressões. Viaja-se muito ràpidamente e, no geral, vê-se o mundo de bordo de um quadri-motor. Vai-se de um ponto a outro do globo terraqueo a muitas centenas de pés de altura, em poucas horas, com breves escalas em aeroportos internacionais. E, então, porque se viaja mais, escreve-se menos livros de viagens. Atualmente, os aficionados do gênero têm que se voltar para as fantasias divinatórias de Júlio Verne ou para a literatura exótica de Loti.

Maluh de Ouro Prêto, cronista brilhante, com espírito de observação, vivacidade de estilo e um "charme" todo feminino, esteve em Paris e dali nos trouxe suas impressões. Estas crônicas parisienses da escritora brasileira, vasadas em linguagem ágil e fagulhante, não são, porém, demorados estudos do meio e da humanidade da "rue de La Paix". Maluh fixa impressões ligeiras, poéticas, humanas, tristes e alegres, um corte de paisagem ou um recanto de alma, como quem declancha o disparador de uma câmara minùscula. Dá-nos o flagrante em poucas linhas, na sua essência, no seu espírito, na sua emoção. Dá-nos postais de Paris, de um recorte exato, de contornos nítidos e, assim, conforma uma coleção de aspectos humanos e poéticos que podem contar com a permanência de seu encanto tão certo é que esta documentarista possui o segredo de penetrar através dos acontecimentos e das criaturas, para revelar algo mais do que a aparência das coisas e dos indivíduos.

"Crônicas de Paris" vem ainda nos matar as saudades da vida parisiense, por tanto tempo separada de nós pela guerra. Através das cento e seis páginas dêste livro — fazemos uma visita a Paris e passamos alguns dias na capital do mundo, guiados pela mais encantadora de suas filhas honorárias.

★

POETAS E CALIFAS

Numa brochura, cuja capa em côres, exibindo uma bailarina mourisca, aliás muito bonita, faz lembrar os livros do escritor Irajá, aparece esta obra do professor Mussa Karaiem, não sòmente bem escrita, mas, o que é mais, bem informada.

Nosso orientalismo continua bem ruinzinho. Nosso conhecimento da literatura árabe, pior ainda. Herdamos da Idade Média o horror a Mafoma e herdamos da peninsula ibérica o desprêzo ao mouro. Nossos historiadores literários nunca se deixaram perder por aquelas latitudes, nem o sr. Aurélio Buarque de Holanda quis fazer a peregrinação a Meca. Recebemos os árabes através de Toussaint, Loti, Farrère e outros viajantes mais ou menos aceitáveis. O que se tem feito pelo conhecimento dessa grande literatura no Brasil não vai além das traduções portuguêsas de "As Mil e Uma Noites" e das histórias de Malba Tahan, nosso grande e interessantíssimo contista.

O livro do professor Kuraiem vem abrir-nos as portas dêsse mundo encantado como um sorriso de Sheherazade. Leio na orelha da obra, "Poetas e Califas", que o autor já publicou outros livros de pesquisa, erudição e biografia, sôbre o mundo árabe. Infelizmente, não os conhecemos. Por êste aqui, podemos avaliar a obra gigantesca e meritória dêsse autor que está nos ensinando a conhecer e a admirar uma grande e velha civilização, uma alta e profunda cultura.

"Poetas e Califas" é uma espécie de coletânea com narrativas bio-críticas, vasadas em estilo simples e ameno, dando-nos, realmente, o ambiente dêsse mundo e o contacto dos vultos que apresenta. Mas, além da história dêsses califas e poetas, o livro nos traz capítulos curiosíssimos como, por exemplo, o que dedica ao problema "Dante e Maomé", pois que os historiadores já hoje concordam na possibilidade da "Divina Comédia" ter sido inspirada no texto do Korão! A página em que Mussa Kuraiem trata do assunto, examina a questão de todos os seus ângulos e representa um notável capítulo da história literária.

"Cultura Árabe", "Lendas Árabes", etc., são outros tantos estudos que vêm somar descobertas e revelações de uma literatura tão importante quanto desconhecida, não apenas do público, como da própria história literária.

Literatura de tal monta que a biblioteca dos califas da Espanha chegou a possuir seiscentos mil volumes! Mais expressivo ainda do que foi a alta e profunda cultura árabe é o fato de um sábio ter deixado de atender o convite do sultão de Bokhara, para residir em sua côrte, porque, para transportar seus livros necessitava quatrocentos camelos — como se lê em Draper, "História de los Conflitos entre la Religion y la Ciencia".

★

MADONA FELICIDADE

O conto — como o soneto para os poetas — é o grande teste literário dos prosadores. Não me parece bom, assim, que o estreante, a não ser governado por uma decisiva vocação para o gênero, se apresente fazendo contos, como no caso de Lawrie Reid, em "Madona Felicidade", volume de contos e novelas apresentado pelo eminente crítico Galeão Coutinho e com belas ilustrações de Guevara.

O autor ainda não se fixou no espírito dessa forma literária. Deixa-se levar pela inspiração e estende-se para além das fronteiras do conto. Sua forma é antes analítica do que sintética. Observa-se também que Lawrie Reid não seleciona mais exigentemente os assuntos de que trata e a categoria dramática de seus personagens. "Madona Felicidade" tem algumas páginas de boa literatura, alguns personagens vivos. A isso se contrapõem, entretanto, algumas imperdoáveis descaidas de forma e alguns bonecos inteiramente artificiais de composição e reação.

O prefacista tem, a respeito, uma feliz expressão sôbre esta obra, quando diz: "Nem todos os trabalhos dêste livro se situam no gênero sem dúvida difícil do conto".

E adiante: "Mas, nem tudo são notações evanescentes na coletânea de Lawrie Reid. Veja-se, por exemplo, "Uma existência", a nosso ver das mais belas realizações do livro".

Também preferimos essa página, não só como forma, mas, ainda, como emoção.

E' ainda de Galeão Coutinho esta observação que justifica o que dissemos acima sôbre o autor: "Também aqui, como em "O Velho", há o material condensado de um romance".

Lêem-se com agrado as histórias de "Madona Felicidade", simples de estilo e de evidente simpatia humana.

QUE LIVROS INFLUIRAM NA SUA VOCAÇÃO DE ESCRITOR?

A vocação literária já existe; é congênita, pois, desde Vergílio, e antes de sua fórmula — "poeta nascitur".

Acontece, entretanto, que a vocação literária desperta, cedo ou tarde, por uma centelha, por um fato exterior que fermenta o escritor — no geral um livro, entre as leituras infantis ou juvenis. Tornamo-nos escritores, como nos tornamos fumantes — um pouco por imitação. Os primeiros versos sôbre o crepúsculo não vêm de um pôr-do-sol, mas de outros versos sôbre êsse assunto, em geral. E os primeiros sonetos de amor saem de outros sonetos de amor.

Resolvemos fazer um inquérito, entre nossos escritores sôbre livros decisivos na sua vocação literária. Livros que influiram nos seus pendores ou lhes decidiram os rumos. Vamos dar aqui êsses depoimentos sobremaneira curiosos e que servirão ainda como elementos para estudos sôbre a orientação de leituras e sôbre as tão faladas influências literárias.

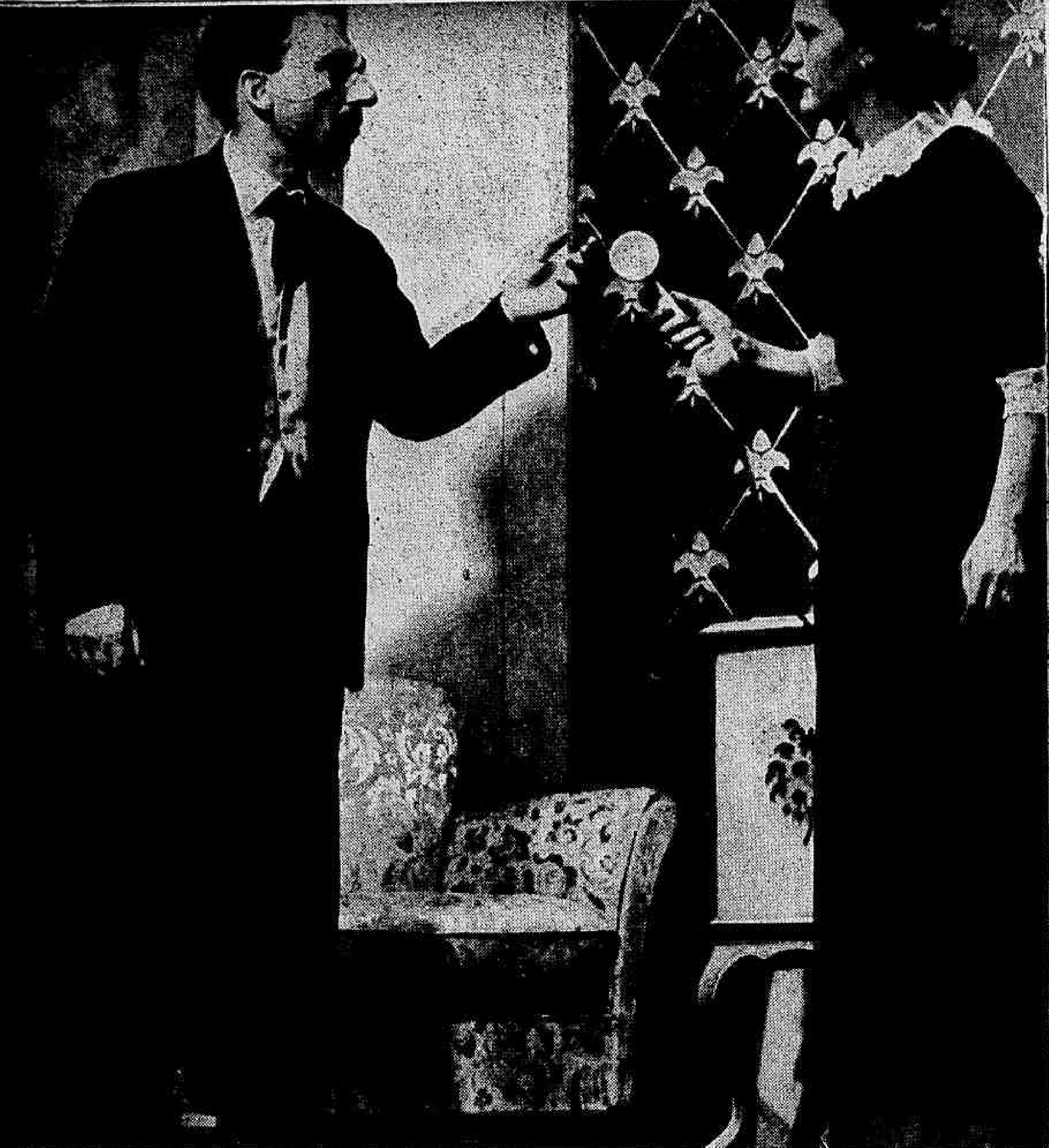
Estamos certos da grande curiosidade que terão essas confissões como um documentário da formação literária, pelos escritores que iremos consultar e pelo sensacionalismo das revelações, tanto é certo que é mais fácil um escritor ter sido despertado pelos quatro volumes de "Os três mosqueteiros" do que por uma das obras-primas da literatura universal.

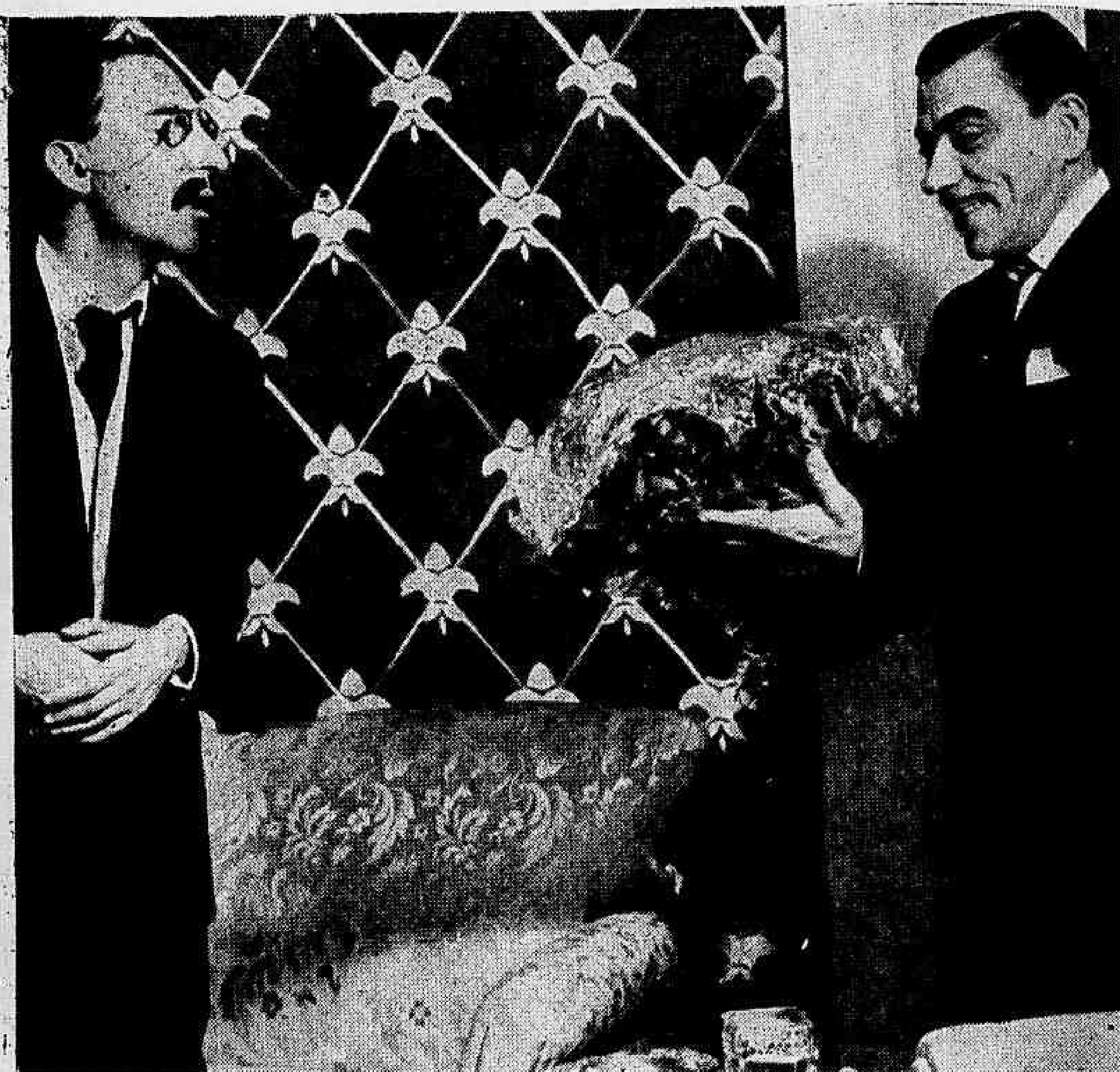
Já na próxima semana veremos as respostas de José Lins do Rêgo a êste inquérito.

TEATRO

AS MULHERES

De ALDO BENEDETTI — Trad. de R. MAGALHÃES JÚNIOR





1 Em Roma, época atual. Na casa do industrial Alberto Verani, sua espôsa Marina (Alma Flora) recebe a visita de Tomaz Savelli (Carlos Duval), amigo do marido e seu grandíssimo admirador. Tomaz é o tipo do burguês provinciano, ridícula figura de homem sempre a suspirar pela espôsa de seu melhor amigo. Marina comunica-lhe sua intenção de tomar umas férias da vida de casada. Pretende ir com a amiga Clara até Cortina d'Ampezzo, o famoso parque de esportes invernais no norte da Itália. Diz mais: que se fará passar por solteira, pois isso dará outro sabor às férias. Manda Tomaz se inteirar pelo horário dos trens, quando será a partida, pois deve combinar com a amiga os últimos detalhes.

2 Enquanto vai arrumar suas coisas chega Alberto Verani (Procópio Ferreira), que havia convidado o amigo Tomaz para jantar em sua casa. Como porém tivesse esquecido de avisar a empregada, vem a saber que o jantar não está pronto e que não há comida em casa. Manda então a empregada providenciar, e mostra-se satisfeito com a próxima saída da espôsa. Êle também declara que precisa de uns momentos de "escapismo conjugal". Toca o telefone. E' um engano, uma encomenda de rosas para a condessa de X. Alberto vê nessa coincidência o início de sua aventura durante a ausência da espôsa, e manda que o florista envie as rosas para sua casa. Recebe-as e escreve um bilhete amoroso, assinando-o "Mistério".





3 Tomaz quer dissuadí-lo dessa loucura, mas Alberto explica o seu plano. Enviará uma dúzia de rosas por dia, sempre assinando "Mistério" no bilhete que incluirá, para a condessa, até que esta, vencida, corresponda ao seu amor. Tomaz reclama a comida, e então decidem ir até a cozinha fazer uns sanduíches. Marina entra na sala e repara nas rosas. Chama a empregada e pergunta se sabe alguma coisa a respeito. Rosina (Wanda Pinheiro), a empregada, diz nada saber e então Marina abre o "bouquet" e lê admirada o bilhete. Aparecem o marido e Tomaz. Ela esconde apressadamente o bilhete e quando Alberto pergunta qualquer coisa sôbre as rosas, ela, visivelmente perturbada, diz que as mandou comprar.

4 Em seguida vai para o quarto, manda Rosina levar as rosas para lá, deixando Alberto e Tomaz surpreendidos com sua atitude. Alberto começa logo a fazer uma porção de suposições. Marina manda Rosina telefonar para a amiga Clara desmanchando a viagem, pois decidiu não mais sair de Roma e ficar perto do marido. Êste é logo tomado de suspeitas, faz perguntas sempre indiretas a respeito das rosas e Marina a tôdas responde com evasivas. Alberto então decide continuar a comédia e combina com o amigo que êle deverá comprar todos os dias uma dúzia de rosas, juntará o bilhete que Alberto terá o cuidado de escrever e as enviará para Marina. Quer verificar até onde chega a dissimulação da espôsa.

NÃO RESISTEM

e LUCIA BENEDETTI Texto de IBERÊ





5 Passaram-se vinte dias e Marina e Alberto, outrora tão felizes, estão se afastando cada vez mais, o amor entre êles está arrefecendo. Já não se entendem como antes, evitam-se, e qualquer motivo serve para armar briga entre êles. Alberto continua calmo, pois é dono da situação, já que foi êle mesmo quem a armou. Marina, porém, descontrola-se fàcilmente, traindo a emoção que a anima e a visível ansiedade de resolver de uma vez o "mistério" que a cerca e que é a única razão de sua vida nos últimos tempos. E' que as rosas e os indefectíveis bilhetes nunca deixaram de aparecer pontualmente todos os dias, aumentando sempre o estado de excitação em que vive.

6 Chega de visita o amigo Tomaz, que é friamente recebido por Marina que se retira. Vem êle fazer as contas com Alberto, pois o dinheiro que havia recebido para encomendar as rosas acabou-se. Alberto paga e lhe conta em que pé está a comédia. Marina deixou de ter atenções para com êle. Vive num estado de nervos horrível, acalmando só depois de haver recebido as rosas. Tomaz não pode compreender como é que Alberto demonstre ciúmes de um terceiro que, afinal de contas, é êle mesmo. E' que Marina, assim que recebe as flores e as cartas, responde, mostrando-se enamorada, para a caixa postal que o próprio Alberto alugara como "Mistério". Afinal chegam as rosas e então a mudança em Marina é completa.





7 Canta, conversa, sorri, oferece bombons e chá a Tomaz e ao maridinho a quem agora apelidou de Cocó. Alberto, irritado com essa hipocrisia, aproveita a presença do eletricista na casa para se ausentar. Enquanto isso, Tomaz, premido pelas perguntas de Marina, termina por dizer que conhece o "Mistério". Marina quer saber quem é. O amigo fica nas evasivas e Alberto volta trazendo uma carta para Marina, chegada pelo correio. Marina retira-se para o quarto. Alberto declara ao amigo que a carta foi êle mesmo quem a escreveu e que será a decisão da vida dêles, pois nela "Mistério" marca um encontro no Fôro Romano. Para averiguar se a espôsa irá ou não, Alberto envia ao local Tomaz.

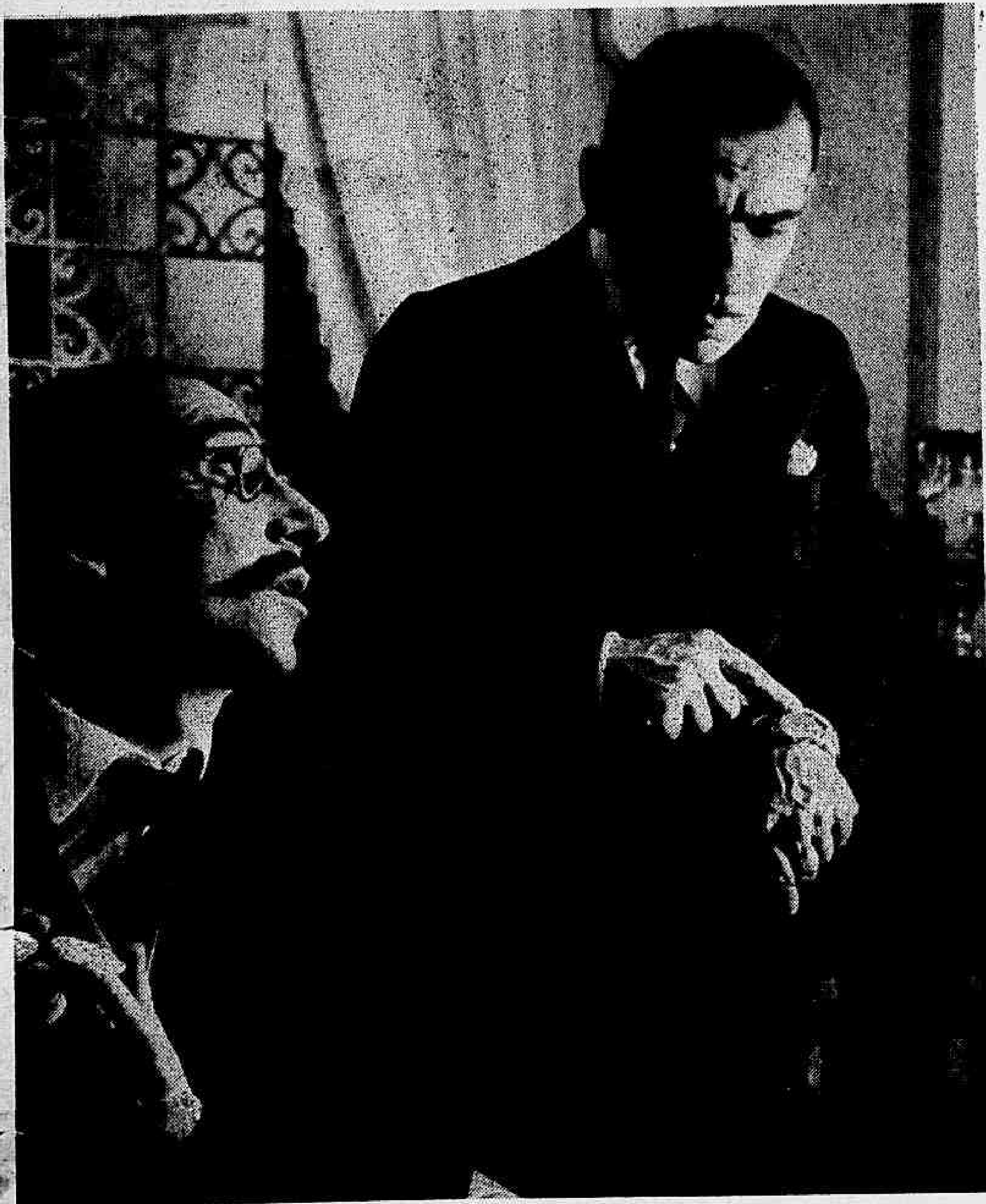
8 Poucos instante depois, Marina vai saindo, mas é retida na porta pelo marido que lhe pede satisfações. Ela diz que vai à costureira; Alberto quer saber onde mora, ou pelo menos o telefone. Marina perturba-se, desculpa-se da maneira que pode e insiste para sair. Alberto afinal revela-lhe que sabe tudo a respeito do encontro e espera que a espôsa dê uma explicação. Marina confirma que ia encontrar-se com "Mistério", diz que deixou de amar o marido, que já mediu tôdas as consequências e que não voltará atrás. Alberto apela para a sua dignidade, mas a deixa livre para agir como entender. Marina dirige-se para a porta, fica indecisa e volta chorando para o quarto.





9 "Mistério" deixou de mandar flores para Marina, que ainda não sabe que era o marido. Os dois decidiram, de comum acôrdo, separar-se. Depois do que aconteceu, a própria Marina não quer continuar a viver com Alberto. Tomaz não compreende o porque dessa decisão precipitada; afinal não houve traição nem enganados, já que o sujeito que mandava as flores e escrevia as cartas era Alberto. Êste encara a questão por outro lado, como de fato existisse mais uma pessoa com o pseudônimo de "Mistério". Enfim está tudo resolvido Êle irá viajar e para tanto está arrumando as malas, já comprou a passagem de trem para Turim, onde decidirá qual o seu destino definitivo.

10 Alberto sai para realizar os últimos negócios antes da partida. À chegada de Tomaz, Marina fica satisfeita, pois era justamente com êle que queria falar. Ela suspeita que Tomaz conhece a verdadeira identidade de "Mistério". Por isso faz ao amigo perguntas ardilosas para descobrir o que mais a deixa perturbada: saber quem é a estranha personagem que por tanto tempo a cortejou no anonimato e que a impressionou de tal maneira que ela não tem a menor dúvida em dizer que se sente apaixonada pelo incógnito conquistador. Tomaz, que está prêso à promessa que fizera a Alberto de nada revelar, limita-se a dizer que de fato conhece "Mistério", mas que Marina não faça mais perguntas. Êle nada dirá.





11 A bela senhora insiste. Não pode compreender como sùbitamente o "pivot" escondido de tôda a história desapareceu sem nada dizer. Ela declara-se culpada, mas quer saber quem é "Mistério", e para isso procura seduzir de tôdas as maneiras a vaidade de Tomaz, que pensa que tôdas aquelas palavras, carícias e olhares são a êle dirigidos. Na sua ingenuidade, Tomaz sempre sentiu mais do que atração por Marina e agora, que ela se diz apaixonada de "Mistério" e capaz de seguí-lo rastejando aonde êle fôr, aproveita a ocasião e, pedindo a Marina para que nada diga ao marido, cai de joelhos e diz que "Mistério" é êle. Marina espanta-se, revolta-se e expulsa Tomaz da casa, mandando-o procurar o marido.

12 Marina sente-se ofendida por haver traído o marido por um "Mistério" tão ridículo e mesquinho. Não se conforma e telefona para o escritório de Alberto. Êle não está e de fato pouco depois chega em casa. Marina pede-lhe que a perdoe. Alberto diz que já é tarde; então ela, não sabendo o que fazer para retê-lo, diz que já sabe quem é "Mistério. Alberto admira-se, e quando a espôsa lhe conta a confissão de Tomaz, ri muito da esperteza do amigo e vê nisso a única oportunidade de reconciliação, pois Marina, desiludida pela figura do desconhecido cortejador, mostra-se arrependida, e juntos saem para fazer uma viagem, enquanto Tomaz fica a remoer o seu triste caso.

"Quarto mobilado em casa de família de respeito, a cavalheiro distinto, único inquilino; dá-se pensão, querendo. Rua... etc., etc."

"Seu" Rodrigues pousou o jornal sôbre a cadeira, ao lado e murmurou, recostando-se na espreguiçadeira:

— E' o que me serve. Tijuca, bairro "chic"...

Êle se considerava, modéstia à parte, o cavalheiro distinto que o anúncio pedia.

Desde que fôsse uma família de respeito, êle era o homem todo indicado para funcionar como hóspede de distinção.

Idade, tinha a que apresentava, hesitando nas imediações dos quarenta anos, graças a certas elaborações de "toilette" e à cumplicidade do alfaiate. Cultura, certo não era um bacharel palrador, mas declamava bem versos e podia citar, sem enganos senão de pouco mais ou menos, "aquela passagem" de um ou outro romance que a linha média da gente não pode confessar não ter lido.

Quanto à posição, "seu" Rodrigues sorria ao lembrar-se regaladamente de que o escritório que lhe dava dez mil cruzeiros por mês, fora a casa do Engenho de Dentro que lhe legara uma tia e lhe aumentava os proventos de uns oitocentos cruzeiros mensais, fora umas *luvas* que extorquia do inquilino novo.

Neste passar de qualidades econômicas e biográficas com que se inculcava o "right man" para as credenciais exigidas naquele anúncio, não lhe vinha ao caso recordar outras, mas que lá por ser hóspede a gente não está impedida de desfrutar.

Adianto, pois, por minha conta, que "seu" Rodrigues era um temperamento ardente, ainda excitável, vivendo atrás da possibilidade da "aventura". Aventura, sonho de tantos espíritos românticos que se deixam seduzir pelo mistério dêsse atalho do Amor, com as suas surprêsas... Inclusive a de transformar-se num beco sem saída...

Dali a nada, o "seu" Rodrigues era hóspede de D. Marocas e família. E hóspede da espécie "dá-se pensão, querendo".

A família era excelente, sem cerimônias e cheia de agrados para o hóspede.

Sobretudo Maria da Graça, a filha casada cujo marido, taciturno, almoçava e jantava a horas trocadas, de modo que "seu" Rodrigues só conseguira conhecer, dêle, a manga do paletó, num dia em que chegara adiantado ao jantar e o genro de D. Marocas não saíra, ainda, de todo, pela porta da saleta que dava para o jardim.

"Seu" Rodrigues viu-lhe sòmente a manga do paletó cinzento.

Depois do jantar e depois do almôço, havia sempre cavaqueiras de que participava, apenas no princípio, a boa D. Marocas, pedindo-lhe sempre, ao sair, que continuasse distraindo a filha que "vivia muito prêsa".

E' muito difícil que êsses "a sós", a dois, não se transformem, mesmo nos casos gerais, em duetos de sentimento.

Ali, porém, havia ainda o temperamento e contribuía, mais, o desejo de aventura de "seu" Rodrigues.

Serviços prestados, versos lidos e ditos, a coisa foi até ao primeiro esquecimento de u'a mão sôbre a outra...

Quando vinham "bombons" e balas, os dedos de "seu" Rodrigues demoravam pegajosamente na mão fina da moça.

Mais adiante, o busto de "seu" Rodrigues inclinou-se para mostrar umas passagens de Machado de Assis e colou-se ao de D. Maria da Graça.

...Nunca uma unha custou tanto a riscar uma fôlha de papel!

Certa vez, faltava dinheiro trocado para um pagamento que "seu" Rodrigues sentiu reclamado com certa urgência, no corredor de entrada.

"Seu" Rodrigues nunca chegou a saber o valor certo dessa nota para a qual não havia trôco, mas fêz questão de vencer a relutância de D. Marocas, adiantando, por conta da mensalidade Cr$ 730,00.

Deram-se outras faltas de trôco e vários incidentes em que demorava um dinheiro a receber ou teimava em esconder-se, perdida, a chave da gaveta do "toilette".

"Seu" Rodrigues chegou, afinal, aos empréstimos francos, a que êle atendia calorosamente, porque, agora, D. Maria da Graça, em certos momentos ligeiramente surda, fazia com que êle lhe falasse cada vez mais de perto.

Assim, êle lhe atirava as palavras mais banais a tão estreita distância, que mais pareciam beijos.

Essas inclinações foram, afinal, até aos contactos mais familiares.

"Seu" Rodrigues flamejava, não dormia, delirava, na ânsia dêsses "tête-à-tête" de todos os dias...



Nesse idílio ou nisso que lhe parecia um idílio, com todo o sabor de amor perigoso, só faltavam as palavras diretas, os gestos decisivos.

Mais aí é que "seu" Rodrigues esbarrava. Bem que êle dava aos olhos, mas D. Maria da Graça não sintonizava com um só de seus olhares eloqüentes, no tom de afinação que o hóspede esperava.

Se o gesto pretendia objetivar-se, tomar uma expressão irrecusável e inconfundível, logo se quebrava e descaía, porque D. Gracinha, como "seu" Rodrigues se permitia chamar-lhe, se fazia tôda uma superfície deslisante...

— Será possível que ela não compreenda? — dizia, à noite, "seu" Rodrigues, a revolver-se em febre, no seu leito de insônias.

E começava o dia seguinte emburrado, até que, à hora do almôço, surgia uma nota sem trôco ou de novo o caso da chave perdida.

Um dia, D. Gracinha, a sua d. Gracinha, falou-lhe numa operação de que "mamãe" precisava e que devia custar cinco mil cruzeiros.

Era um pedido e êle fogosamente meteu nas mãos de D. Gracinha cinco notas novas e rangentes que recebera naquela dia, apertando-lhe os dedos que, na forma do costume, ela fêz escorregarem para fora do arrôcho digital.

À noite, "seu" Rodrigues deu um balanço sério à situação.

Somou os apertos, os encontrões, os aconchegos, os diálogos corpo a corpo, com as palavras, do lado dêle, que tinham as mais evidentes intenções beijantes e pareceu-lhe que o saldo, lastreado com as várias quantias gastas em balas, presentes, empréstimos, faltas de trôco, etc. ... lhe davam o necessário crédito para uma ofensiva final.

★

D. Gracinha levantara-se da cadeira, sôbre cujo espaldar êle apoiava a mão...

O corpo esbelto da moça encostára-se-lhe ao braço... Êle sentiu-lhe o calor...

E sùbitamente fechou-a num abraço, avançando os lábios para os dela...

Era o gesto decisivo, era a ofensiva final!...

Num salto, porém, como se esperasse, na defensiva, aquêle ataque, D. Gracinda recuou com o brado revoltado de uma honra ofendida:

— Quem é que o senhor pensa que eu sou? Eu sou uma senhora honesta!

Corridíssimo, "seu" Rodrigues voltou ao seu quarto, num desabamento total.

Reconferiu o seu saldo, retificando muitas parcelas que lhe tinham parecido tão certas!

E verificou que, apesar de tantos apertos, de tantas palavras beijantes, de tantos aconchegos, tôdas as iniciativas tinham sido só dêle.

Ela nunca o olhara, nunca lhe apertara a mão mais do que o natural, nunca se lhe chegara por movimento espontâneo...

(Cont. na pág. 44)

CONTO DE **CORYNTHO DA FONSECA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **O. MATTOS**



REGENTE E COMPOSITOR, Vila-Lobos não liga ao que dele falam, e diz: — "Já se foi o tempo em que uma crítica por anônima que fôsse, me produzia insônia. Já disseram muito de mim. De elogios e xingamentos estou calejado. Sempre fui fiel a mim mesmo e à minha arte. O que não podem é dizer que eu nunca fui Vila-Lobos...

VILA-LOBOS VERDADEIRAMENTE GÊNIO, OU SIMPLESMENTE CABOTINO?

Campeão de sinuca e amante dos bons charutos, eis Vila-Lobos, o maior ★ Para o criador das Bachianas, Shostakowski é apenas "uma bêsta" ★ Francisco Mignone é um milhão de vezes superior ao mediocrão das estepes ★ Só importamos nulidades, canastrões para as nossas temporadas líricas

Texto de ARMANDO PACHECO



— "PRECISAMOS MELHORAR nossos programas de concertos e educar o povo artisticamente. Mignone, Camargo Guarnieri, Lorenzo Fernandes e Burle Max nunca tiveram a "chance" por iniciativa oficial como prêmio ao seu valor reconhecido no estrangeiro"

NO salão de bilhares da ABI, Vila-Lobos disputava animada partida de sinuca com alguns amigos, assistido pelos jornalistas Mário Cordeiro, Pedro Mota Lima, Vicente e Alberto Lima e Paulo Duboc. Em mangas de camisa e de charuto quase do tamanho do taco, êle com a juba de leão de orquestra rebelando-se de momento a momento ia matando as bolas. A perícia da tacada infundia-lhe visível euforia e o maestro mostrava-se num de seus raros dias de não possuído do espírito de porco que tem sido o tormento de jornalistas e admiradores de sua arte, por onde tem andado. Enquanto encestava a bola sete em difícil posição, o criador das Bachianas trauteava alguma melodia inaudível para os circunstantes. Depois que marcou os pontos o repórter puxou conversa:

— Bravo, maestro, o sr. hoje está em forma!

— Acha? Pudera! — aduziu sem falsa modéstia. — Não era prá menos, depois de trinta anos de treino!... Ademais, estou cansado de apanhar de muito pichote... Você devia dizer que não estou sòmente em forma: estou, isto sim, em grande forma...

Em seguida a êsse *modesto* desabafo a palestra variou do assunto sinuca ao penúltimo livro de Érico Veríssimo, "A Volta do Gato Prêto", no qual o escritor patrício narra as peripécias de Vila-Lobos nos concêrtos que realizou pela Califórnia, às voltas com os granfinos; os melomaníacos, os *snobs* e os "nouveau riche". Vila, irritado com as "gaffes" dos falsos entendidos em música e etc., Vila incivil e dizendo indiretas em português, fazendo Érico enrubecer diante da seleta assistência que só falava inglês. Enfim, Vila-Lobos no seu elemento, não querendo nada com os "cartolas", coerente com os seus pontos de vista que escandalizaram uma geração de criaturas impermeáveis à arte, como expressão popular.

VERDADEIRO GÊNIO OU SIMPLESMENTE CABOTINO?

Certa vez Joel Silveira me disse que admirava três homens no Brasil: Cândido Portinari, Heitor Vila-Lobos e o general Anápio Gomes. Agora tenho frente a mim, de cha-

ruto fumegante, suarento, esfregando giz no taco, o discutido maestro que vêzes sem conta fêz o público nas "estranjas" pensar um pouco no Brasil talvez. Geralmente, êle é do contra e investe contra tudo com uma fúria iconoclasta bem sintomática de sua perene juventude espiritual, ou, se o quiserem, da sua reconhecida independência de atitudes. Vila-Lobos está muito longe de ser um santo e por isso mesmo, por ser de barro ou de carne, nervos e ossos, é um homem cheio de defeitos. Precisamente por isso é um homem. Para muitos é um gênio, para outros tantos um cabotino.

Entre a mocidade Vila-Lobos goza de inestimável cotação. Já os velhos metidos a hermeneutas musicais opõem restrições ao seu talento. Ciente da história, o nosso gênio federal dá de ombros, menosprezando os gênios municipais:

— Que m'importa! Pouco se me dá que gostem ou não da minha música. Êles não têm ouvidos nem sensibilidade e seria exigir demais, penetrarem no reino de Bach...

Prossegue confiando ao repórter uma interessante confissão:

— Já se foi o tempo em que uma crítica por anônima que fôsse me produzia insônia... Deixo isso agora, isto é, lego êsses pequeninos nadas que irritam, aos bisonhos artistas na alvorada da vida. Já disseram muito de mim. De elogios e xingamentos estou calejado A verdade, no entanto, é que sempre fui fiel a mim mesmo com a minha arte nem um instante hermética. O que não podem é dizer que nunca fui Vila-Lobos.

Enquanto o maestro se debruçava no bilhar para a sua vez, o repórter ficava pensando no tempo em que era soldado do Exército e que Vila-Lobos ministrava uma espécie de aula de canto orfeônico aos recrutas na Fortaleza de S. João. E recuando dez anos revia a figura esquisita do vibrátil maestro com seus trejeitos simiescos fazendo a soldadesca cantar:

"O' manhã de sol! Anhangá fugiu!
Anhangá ê, êê! Ah, foi você!

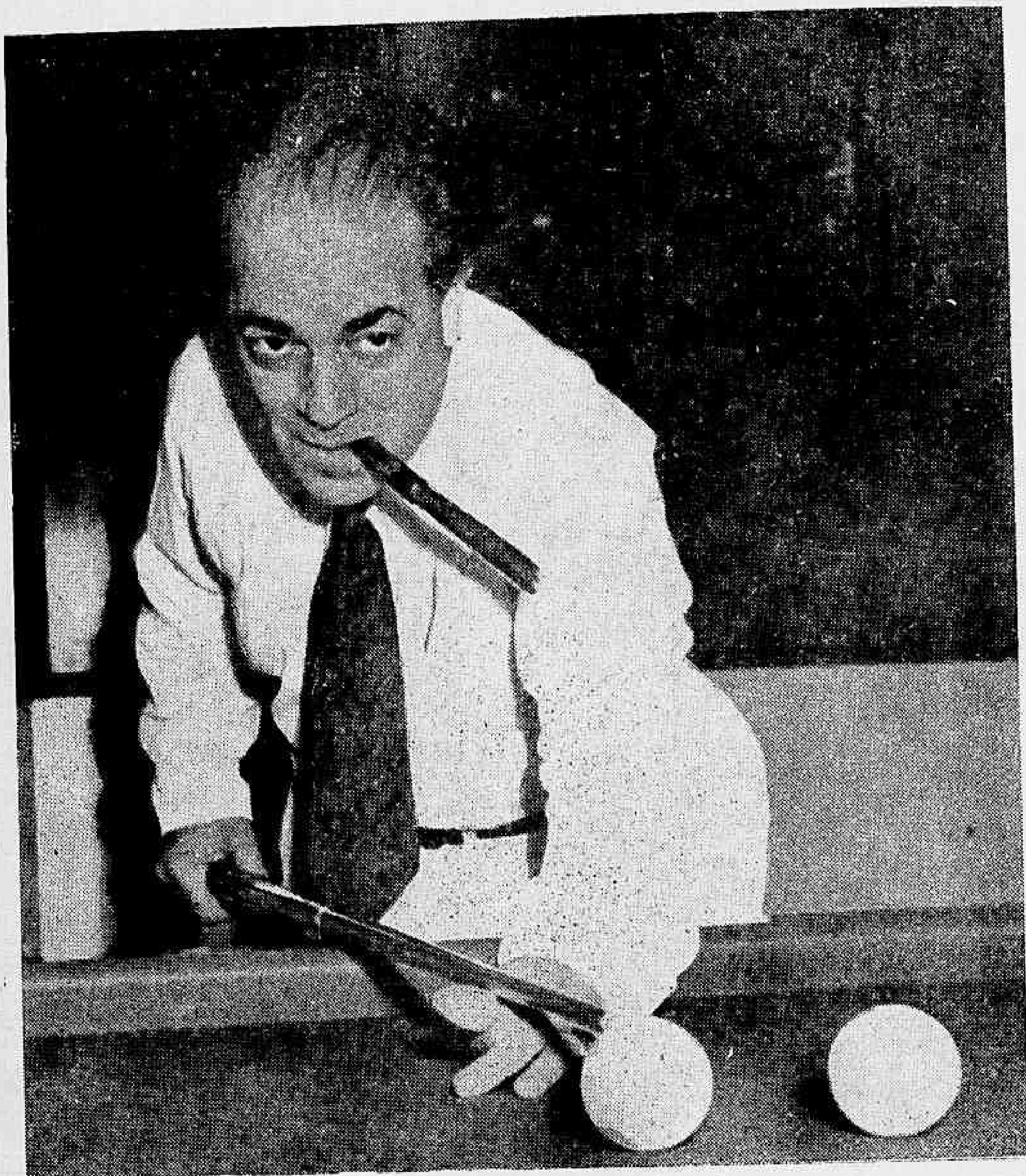
Naqueles dias, ouvindo e admirando o compositor, lendo tudo que se publicava a seu respeito, fazia, como hoje, a mesma pergunta, tendo em vista o cartaz internacional de Vila-Lobos: será êle mesmo, verdadeiramente, positivamente, um gênio ou simplesmente um cabotino? Um cabotino com algum talento? Um renovador em guerra contra fórmulas caducas ou velhos cânones, um genial egresso da Semana de Arte Moderna de 1922, ou mero músico genioso, apenas em oposição sistemática aos que não entendem sua melopéia, aos que não vão com a sua arte, com a sua cara, com as suas melenas grisalhas, com a sua irascibilidade?

PARA VILA-LOBOS, SHOSTAKOWSKI E' UMA BÊSTA

Os eruditos em arte, os entendidos que discutam o fenômeno Vila-Lobos. Mas que deixem o zé-povinho se deliciar o quanto pode com as criações do *tropo agitato* maestro. E' um direito que lhe assiste. Que façam êles, os críticos, possivelmente sabendo onde têm os narizes, restrições ao nosso atualmente maior musicólogo, mas que não neguem as boas intenções patrióticas de Heitor Vila-Lobos fazendo alguma coisa pelo bom nome da nossa cultura lá fora e aqui dentro mesmo. O maestro não guarda segrêdo do seu narcisismo! Em música antes dêle, êle; e depois dêle, êle. Contudo, Vilas-Lobos tem sobreposto seu respeito e amor ao Brasil às vêzes acima da sua incomodativa e proclamada vaidade. De uma feita fui entrevistá-lo uma tarde lá na Praia Vermelha com Hildon Rocha e Gerino Passos a propósito de um chamado que o maestro recebera para figurar em importante conclave artístico universal. Não obstante tratar-se de alta honraria e com promessas de bons lucros materiais, êle declinou do convite, alegando que não podia se afastar do país, declarando mesmo que coisa mais séria desejava realizar no Brasil. Membro da Academia Santa Cecília, de Roma, a maior do mundo, da Academia de Música de Viena e de outras instituições respeitáveis, a sua ida aumentaria o renome mundial e seu pé de meia. Todavia preferiu ficar entre nós trabalhando em sua obra, e para que a pátria não fizesse feio, primando pela ausência, indicou dois nomes: como maestro, Lorenzo Fernandez;



QUANDO ÊLE REGE sua máscara o acompanha e suas atitudes podem espantar muita gente, mas são sinceras



— "TENHO TRINTA ANOS de treino! Estou cansado de apanhar de muitos pichotes..." — declara o criador das Bachianas, mordendo o seu inseparável charuto

como solista, José Vieira Brandão, que a seu ver na época estava tocando direitinho.

Vila Lobos campeão de sinuca deu inúmeras caramboladas (perdoai a minha crassa ignorância do jogo), já afrouxou repetidamente o colarinho, e o charuto mal se equilibra entre os dentes. Quando volta, após a jogada, para o meu lado, peço sua opinião sôbre Bidu Sayão:

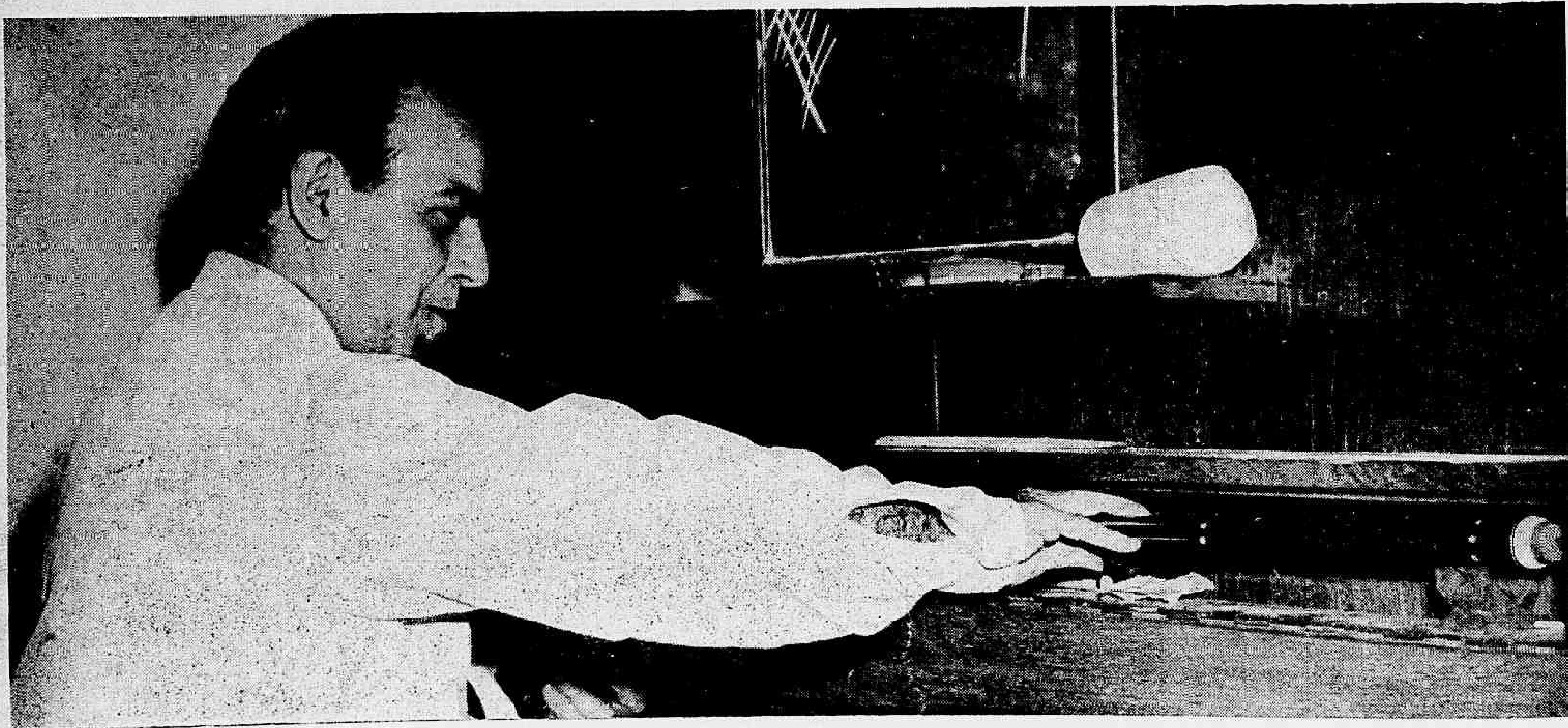
— O Brasil devia ter vergonha de ignorar que Bidu Sayão é a maior cantora do mundo hoje em dia...

Foi a resposta com o tôco do charuto dançando na bôca. A seguir acrescentou que via com profunda tristeza êsse descaso pelas nossas coisas, exemplificando com a Argentina:

— Sôbre isso Buenos Aires está cem anos acima de nós. Lá há de fato teatros, concêrtos, tudo com forte apoio oficial. Aqui infelizmente é a pasmaceira que sabemos. Basta lembrar que uma plêiade de grandes compositores como Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Lorenzo Fernandez e Burle Max nunca tiveram a merecida "chance" por iniciativa do Estado, como prêmio ao valor reconhecido no exterior. Em compensação (grife a compensação, pediu o maestro), só convidam, só trazem para as nossas temporadas, canastrões, medalhões discutíveis, maus regentes, tudo com segundas intenções, diga-se de passagem. Raramente, para contrabalançar, trazem expressões como Toscanini, Stokowski, Kousewitski Pierre Monteu. Deviam era contratar grandes vultos como Mignone em vez de trazerem ao Brasil mediocridades universais. Precisamos melhorar nossos programas de concêrtos. Mas, infelizmente, tudo no nosso país podia ser melhor, pois estamos alojados ainda na fase do acaso... E' preciso também educar o povo artìsticamente. Não falei em tese. Falei no duro mesmo, apontando defeitos quanto à parte de organização pròpriamente dita. Por outro lado temos compositores trabalhando como devem.

(Cont. na pág. 44)

COM O CHARUTO e o taco, Vila-Lobos se distrái no salão de bilhares da ABI. Não é apenas campeão na música, mas também na sinuca. E declara-se em grande forma



ESCOLHENDO O TACO para uma nova partida, Vila-Lobos vai dizendo: — "Shostakowski é uma gloriosa e redoirada mediocridade. Um nulo. Vazio. Mignone é um milhão de vezes superior a êsse mediocrão das estepes". E aceitando o desafio de um amigo prepara-se para jogar, depois de afrouxar o colarinho e acender, novamente, o seu charuto

Nicodemus

BUENADICHAMENTE LÊ

A PALMA DE SUA MÃO...

SEUS DEDOS AFILADOS DENOTAM UMA PERSONALIDADE ATRAENTE, DISTINTA, IMPRESSIONANTE E PERSPICAZ; TENDO O DOM DE SE ADAPTAR A TODO E QUALQUER AMBIENTE, SERÁ ESTIMADISSIMA.

PROCESSOS

A LINHA DO CORAÇÃO, PARTINDO DENTRE O INDICADOR E O MÉDIO, REVELAM O SEU PENDOR A UMA PAUSA PARA MEDITAÇÃO, A SUA SENSIBILIDADE, O SEU AMÔR AO PROXIMO...

A LINHA DO DESTINO. QUÃO NITIDA, QUÃO PERFEITA!

PODER, LUXO, RIQUEZA!

A LINHA DA CABEÇA, INCLINADA PARA O MONTE DA LUA. SIGNO MA-RA-VI-LHO-SO! GRANDE TENDENCIA PARA AS ARTES, A MUSICA, AS LETRAS...

GUERA NÃO PAS SIN!

O PITROLIU É NO$O

EM RESUMO: MUITO AMÔR
MUITO DINHEIRO,
MUITA FELICIDADE...
CINCOENTA CRUZEIROS, FAZ FAVÔR!

UM CASAMENTO SINGULAR

Há histórias reais que parecem fantasias criadas pelo espírito humano. Mas há, também, histórias fantásticas que possuem, no seu mistério impenetrável, todo o realismo terreno...

LEMBRO-ME perfeitamente de como o assunto viera à baila naquela noite em que nos achávamos reunidos para o "cocktail-party" que a famosa cronista e diretora dos célebres produtos de beleza "Hilda" nos ofereceu em seu luxuoso apartamento à praia do Flamengo. Um caso de amor que nos concentrou a atenção e absorveu "in-totum" o pensamento de meu amigo Luis Cláudio, atualmente em Vichy. Pareceu-nos, a nós, militantes da imprensa, um furo, para sensacionalíssima reportagem. Positivamente, êsse caso, passado há quase uma dezena de anos, não havia sido esquecido por meu amigo; teimava em não lhe permanecer no fundo da memória, tal rôlha de cortiça que, empurrada ao interior de recipiente com água, daria à tona, assim surgiu-lhe o passado em evocação inédita para os que o ouviam. No borborinho da redação, recordo-me de nossa palestra daquela esplêndida noite. Evoco-a, sorvendo goles de café e devorando com apetite "cachorro-quente", refeição frugal à bolsa do repórter mais exigente com a alimentação do espírito; enquanto aguardo ordens do diretor do "Bazar-Magazine" para entrevistar a dra. X, famosa "business-woman" devotada exclusivamente a problemas de filantropia. Alimenta a ilustre senhora ver realizados aqui seus planos científicos encetados em Nova York: a construção de vasto hospital modernamente aparelhado para tratar de criancinhas pobres. Entrevistar a dra. X, pôço de sapiência em que o humilde repórter deveria mergulhar! A vida nos tem cada uma! Entrementes, sobravam-me alguns minutos para os dedicar à evocação do magnífico sarau da bela sra. Hilda. Seus produtos em voga, constituindo a coqueluche do mundo elegante, trazem "tout-court" em letras douradas seu prenome — Hilda — entrelaçado por duas perfumadas violetas, como espadas cruzadas em duelos de amor, no áureo tempo do romantismo. Essa marca da casa artisticamente desenhada ornamenta vidros de perfumes e de loções, caixas de pó de arroz e de rouge, estojos de baton e potes de creme; enfim, infinidade de preciosas ninharias que, saídas aos mil exemplares para os toucadores femininos, aumentam consideràvelmente em cruzeiros a "quota e a cotação" de d. Hilda.

Estávamos no salão assistindo aos pares entrelaçados rodopiarem o trepidante "boogie-woogie" ou o tango "caliente"; como cenário exterior, tínhamos o deslumbrante panorama da baía de Guanabara; lá dentro, nos entonteciam o perfume, o sensualismo das lânguidas morenas e a graça sutil das louras vibrantes, "glamour-girls of double personality", nos lembrando as Crawfords, as Bergmans, as De Carlos, Lanas e Ritas. Frívolas bonequinhas "made in Brasil" com trejeitos provocantes, sorrisos enigmáticos e beijos sensuais nos despertam o sentido ao convite de aventuras e o concitam ao gôzo de volúpias. Claro, meus amigos, não rejeitaria o "bote" se não fôsse o eterno apêrto em que vivo. Como cordas de violino hàbilmente tocado, passam em surdina ante nossos ímpios olhares as mimosas figurinhas de salão, segredando-nos ao ouvido baladas de amor libertino que, tão logo satisfeito ao sentido, se evapora como cinzas dos cigarros pendentes de lábios perfumados. Lábios que nos sorriem o próprio sorriso da inutilidade, pois que dêles nos resta apenas a evocação evasiva dessas horas efêmeras que nem sequer chegaram a satisfazer o espírito, porque nem o atraiu o saber da novidade! Para Luis Cláudio, não eram evidentemente mulheres como tais que o arrastariam ao prazer de aventura, nem ao menos o envolveriam nas teias de amor. A verdadeira jóia que lhe deveria modificar o padrão de vida boêmia, diziam-lhe os amigos jamais a encontraria. E' exigente; como bom comprador não se deixa, absolutamente, levar pela aparência do invólucro; garimpeiro do amor, examina o diamante por todos os ângulos, pesquisa-o centelha por centelha e, com lentes que não lhe permitem falhas na análise, acaba dando-o por falso. Nas noitadas de boêmia, inspirado em fáceis conquistas, parodiando D. Juan, dizia-nos, como se em si houvesse fortaleza intransponível: "Si, si, amigos mios, yo amo a todas las mujeres, sin amar a la mujer".

Sim, meus amigos, Luis Cláudio, o personagem central dessa história, brilhante orador sociológico, homem elegante e "causeur" requintado dos salões, bacharel e médico a um tempo, possuidor de dote invejável que lhe legara o pai, abastado fazendeiro em Minas, foi celibatário até o dia em que... Bem, chegaremos lá.

Nessa noite fulgurante, embalada pelos tangos e sacudida pelos "boogie-woogies", acariciada pelo vento que dançava soprando mansamente da baía de Guanabara, ornada de luz sob o reflexo das estrêlas, que entoavam hinos de amor no firmamento azul, profundamente sombrio, no terraço do elegante apartamento de nossa "hostess" formávamos conjunto à parte. Grupo que, procurando afastar as pedras do caminho, se iludia a si próprio, atapetando-o com pétalas de rosas na evocação do passado remoto que lhe suavizaria as urzes da vida rotineira. Nesse ambiente convidativo, ouvimos dos próprios lábios de Luis Cláudio a confidência de seu "segrêdo" de amor. Por que êsse homem de espírito superior, meu brilhante colega de Faculdade de Direito, havia de descer à categoria dos demais mortais, tendo um "caso" para nos contar, talvez banalíssimo caso de amor igual a tantos dos que assaltam ao comum dos homens? E' bem possível que êsse homem conspícuo, inteligência lúcida, caráter sem mácula, estivesse apenas se divertindo a contar-nos histórias assombrosas, simplesmente pelo prazer de bancar o "snob" ou o cabotino. E' bem possível que Luis Cláudio, enquanto servira como médico voluntário no Hospital "Madre di Dios", em Pisa, estivesse sofrendo a neurose da guerra e, sob a consequência de traumatismo visual, andasse a ver alucinações. Não sei; sempre o julguei sensato e sincero em todos os seus atos êsse homem de valor, cujo espírito devotado à ciência é seiva permanentemente produtiva, à medida que o corpo lhe declina em anos, ao que hoje lhe têm a ventura de privar do convívio de mestre. Jamais lhe notei algo de insanidade ou de arrebatamento moral no verdor dos anos que o viesse desabonar no alto conceito em que o tivemos desde os bancos de academia à data em que juntos militamos no fôro e na imprensa: êle, por devotamento ao trabalho e por desvêlo à ciência; eu, coagido pelas exigências da vida até há um mês, data de nossa separação. Nunca, até então, lhe conhecera "caso sentimental", verdadeiro amor na acepção do sentimento; surpreendeu-me, pois, sua espontânea confissão, mais do que aos outros convivas: éramos cinco as pessoas que compunham o grupo da "terrasse": d. Hilda, Luis Cláudio, eu, Gilda (autêntico travesti da "outra") e Ninette deliciosa francesinha "à croquer"; assolada do temporal europeu, dera às plagas amenas: — "oh! le Brésil (dizia-nos, extasiada), le beau pays si plein des tendres Adonis!".

Meu amigo, sorvendo lentamente seu "whisky and soda", aspirou longa fumarada de seu Petit Londrino, expeliu-a depois, preguiçosamente, como se estivesse a monologar com as lembranças que povoavam de visões seu pensamento, nos disse pausadamente:

— Eu me casei com um espírito! Eu lhes digo isso, meus amigos, em meu perfeito juízo, com a melhor das intenções, embora leia a admiração e a dúvida estampada em seus olhares inquiridores.

A novidade desabada sôbre nós arrasava-nos sensacionalmente com o potencial da bomba atômica, lançada na desintegração de todos os átomos. Ninette protestou entre incrédula e amedrontada. — "Non, non; mon ami pas possible!".

Gilda parou incontinenti de tamborilar sôbre o balcão "Amado Mio", atirou a cabeleira para trás (exatamente como a outra), tentou rir enquanto acendia seu "Lucky Strike" que, ao sôpro do vento, lhe tremulava nos dedos esguios como flama incendiária da paixão recalcada que nutria pelo médico. — Essa é boa! Casamento com espírito deve ser algo espiritual! — Virou-se para mim: — Você sabia, Paulo?

Disse-lhe que "não" entre divertido e apreensivo, pois jamais meu amigo me fizera absurda confissão e não atinava com o desfecho dessa história bombàsticamente iniciada.

— Vamos, continue, dr. Luis — disse-lhe d. Hilda —; é possível que se trate de algum misterioso caso em que o espírito de travêsso garoto se tivesse reincarnado em meu amigo e viesse até nós, a pregar-nos das suas!

Rimo-nos.

— A senhora crê no espiritismo? — perguntou-lhe Gilda, sem atinar com o sentido da "blague", precupada, apenas, com o "sex-appeal".

— Respeito-o minha amiga, como ciência que se desvendará em futuro próximo; acato as religiões, sem me dedicar a uma, em particular. E' como se acreditasse em tôdas sem crer em uma, em especial.

— Paradoxal, madame! Quer me parecer que é livre pensadora, adepta da ciência cristã, ou, materialista, talvez? — Perguntei-lhe, como avião em "piqué", procurando penetrar a nebulosidade do pensamento.

— Engana-se, dr. Paulo; creio em Deus, o supremo criador de tôdas as coisas.

— Das sereias — disse Luis Cláudio, que não perdera o hábito de galantear, enquanto percorria vagamente com os olhos o mar fosforescente da baía sob o reflexo das estrêlas... e de Mlle. Ninette — concluiu.

— "Merci" — sorriu-lhe agradecida a francesinha — mas por favor, prossiga dr. "Louis".

— Positivamente — continuou meu amigo — não sou nenhum monomaníaco, nem tampouco clarividente. Como católico, procuro apenas praticar o bem, aliviando a consciência do pêso do eterno remorso para que, no dia do julgamento, não entre em conflito com os dogmas de S. Pedro.

— Nem com os de meus credores — disse-lhe a rir — pois desde os bancos da Faculdade o Luis fôra o anjo da guarda de minha vida, livrando-me dos apertos.

— Não me ridicularize, Paulo, hipotecando-me virtudes que lhe pertencem — disse-me meu amigo, enquanto pedia que lhe servissem outro "whisky and soda".

(Cont. na pág. 44)



NOVELA DE **YOLANDA CARNEIRO R. LORENZATO**



Em Bagé, município gaúcho tradicionalmente entregue à pecuária, serão desapropriadas dezesseis léguas de campos de pastagens para o cultivo exclusivo do trigo

A BATALHA DO TRIGO

Texto e Fotos de LUIZ CARLOS LESSA

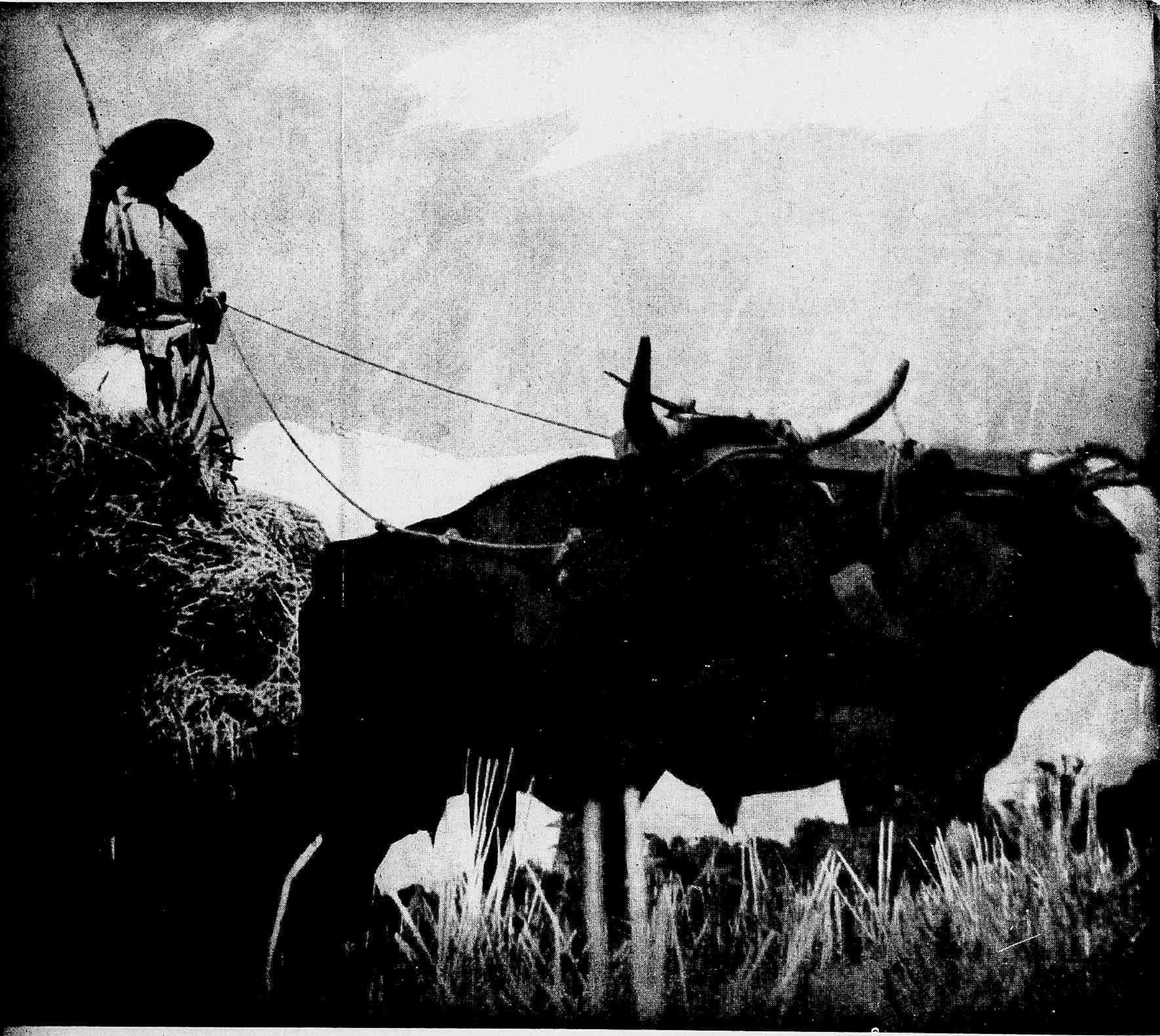
(Pôrto Alegre, Janeiro)

MAIS uma vez movimenta-se o Rio Grande do Sul, formando a vanguarda de nossa falada Batalha do Trigo. Mais uma vez a cultura do rei dos cereais torna a ser a grande preocupação dos sul-riograndenses. E é de notar-se que não sòmente os colonos — detentores máximos da produção agrícola gaúcha — mas também tradicionais criadores de gado, e mesmo capitalistas genuinamente citadinos, têm suas atividades colocadas nos louros trigais que se estendem, fartos, pelas coxilhas

"O ferro, o carvão de pedra e mais modernamente o petróleo caracterizam os povos ricos. Mas sem o trigo — o rei dos cereais — a sua prosperidade é falha e inconsistente". — (Lourenço Mário Prunes)

dêste Estado. Prolongamento geográfico do pampa argentino, o Rio Grande do Sul possui uma vasta zona apta a satisfazer règiamente às exigências da cultura triticola. A produção gaúcha conta-se pela cifra aproximada de 300.000 toneladas, o que pouco representa em relação ao consumo brasileiro de 1.500.000 toneladas. Mais de 1.000.000 de toneladas de trigo levam anualmente nossa moeda para os portes argentinos.

A "febre do trigo" que se verifica no sul do Brasil, porém, leva-nos a crer que não tarde o dia de nossa libertação econômica, no que diz respeito ao mais precioso dos cereais. Torna-se necessário, porém, que não venha a falhar o sistema protecionista que o Estado vem desenvolvendo em relação à expansão das lavouras triticolas. No dia em que os trusts estrangeiros ou as ma-



Um dos mais graves problemas da nossa produção trigueira é o da escassez de máquinas debulhadoras das espigas. Muitas vezes os feixes de trigo apodrecem nas lavouras, vitimas das chuvaradas, e quando as trilhadeiras chegam quase nada resta a fazer. Assim, o ritmo entusiástico da Batalha do Trigo vê-se ainda subjugado pelas morosas juntas de bois



Há mais de cem anos a peste "ferrugem" vinha sendo o espantalho da triticultura brasileira. Após uma década de pacientes estudos, Iwar Beckmann, genetista da Estação Experimental de Bagé, trouxe ao mundo botânico duas espécies de trigo, imunes ao grande mal: "Rio Negro" e "Frontana". São êstes os trigos da fronteira e da zona sul do Rio Grande

nobras puramente diplomáticas tornarem a se sobrepor ao espirito de sã brasilidade de nossos governantes, tudo irá águas abaixo. E ao Trigo Brasileiro restará sòmente ir ocupar, em nossa história, o triste capitulo em que repousa a nossa trágica borracha, nossa infeliz erva-mate...

MÉTODOS ANTIQUADOS NAS LAVOURAS DO RIO GRANDE DO SUL

Embora se tenha feito grande alarde da intensiva mecanização da lavoura triticola do Rio Grande, a verdade é que a produção gaúcha tem sua base na pequena lavoura. Os métodos utilizados são os mais antiquados possiveis. O boi continua a ser a grande "máquina" das lavouras sul-riograndenses. E' êle que puxa os arados e as grades, rasgando a terra; é êle que transporta os feixes de trigo, em velhas carretas lamurientas, para as medas (depósitos ao ar livre, feitos com o entrelaçamento dos próprios feixes) ou para os galpões — é êle



Após um labutar incessante, repleto de sacrifícios e de esperanças, o lavrador viu a riqueza loura dos trigais estender-se pelas coxilhas. Mas, será que, finda a colheita, alcançará êle um lucro compensador?... Somente uma efetiva proteção do Govêrno poderá assegurar a alimentação dêstes pequeninos camponeses, futuros esteios da economia nacional

que conduz as trilhadeiras através da região produtora de trigo, percorrendo lugares inacessíveis aos caminhões. E como se a sua colaboração não fôsse suficiente, são também muitas vêzes os bois que se encarregam do consumo, invadindo os "cercados" e, para desespêro do plantador, dando conta de boa parte do trigal.

Assim, a decantada plantação em grande escala é ainda uma modestíssima exceção nos campos do Rio Grande. A mecanização recém-inicia os primeiros passos. No município de Cangussu, na Serra do Sudeste do Estado do Rio Grande do Sul — cujos trigais serviram de motivo à parte fotográfica desta reportagem — um dos maiores produtores gaúchos de trigo, existe apenas uma lavoura mecanizada. Desta forma, as 27.000 toneladas de trigo (8% da produção geral do Estado) que aquela comuna entrega ao mercado rio-grandense, ainda são fruto do árduo trabalho do pequeno



A Batalha do Trigo vem felizmente apaixonando os sul-riograndenses mais do que a própria Batalha da Sucessão. Colonos e doutores atiram-se, confiantes, a esta patriótica luta, alimentando a esperança de que não tarde o dia em que poderemos bradar a nossa auto-suficiência, ao menos com relação à alimentação



Afeito à vida pitoresca e cheia de imprevistos dos rodeios, o gaúcho propriamente dito, o campeiro das estâncias sul-riograndenses, nunca viu com bons olhos os trabalhos da lavoura, a não ser em períodos excepcionais. Hoje, porém, a "febre do trigo" invadiu a zona da pecuária. E o gaúcho vai aspirar o cheirinho da terra amiga que se rasgará ao avanço dos tratores numa promessa de fartura



As lidas da pecuária requeriam, até poucos anos, um grande número de trabalhadores. Simplificados, porém, os trabalhos pastoris, graças aos engenhos da técnica moderna, tornaram-se as estâncias gaúchas o cenário de um grave problema social: os desempregados rurais. Atualmente, as granjas de trigo e de arroz, com dezenas de trabalhadores, vêm solucionando êste problema em certas regiões...



Existem aperfeiçoadíssimas máquinas agrícolas que colhem, atam, debulham, ventilam e ensacam o trigo, de uma só vez. Elas são empregadas, porém, em raras lavouras mecanizadas. De um modo geral, no Rio Grande do Sul, a única máquina utilizada é a trilhadeira simples (no clichê), debulhadora do trigo. Todo o restante trabalho da cultura tritícola é efetuada pelos meios mais rústicos



Como maior interessado na Batalha do Trigo, o Govêrno Federal vem desenvolvendo um eficiente trabalho, no sul. Além da distribuição de sementes selecionadas, da garantia do preço e do empréstimo remunerado de maquinaria, mantém o Ministério da Agricultura um serviço de orientação a cargo de competentes agrônomos, que invadem a região produtora, sentindo de perto os problemas dos agricultores



FARTURA NOS TRIGAIS DO RIO GRANDE

produtor, utilizando-se da tração animal, e dos métodos manuais de semear e ceifar.

Se, no entanto, permanecerem horizontes seguros na Batalha do Trigo, pode-se ter como certo que o Rio Grande, em breve tempo, será um viveiro de máquinas agrícolas. Pois entusiasmo não falta, entre os grandes empreendedores gaúchos, para levar avante esta patriótica campanha que diz respeito tão de perto ao problema básico do povo brasileiro — a alimentação.

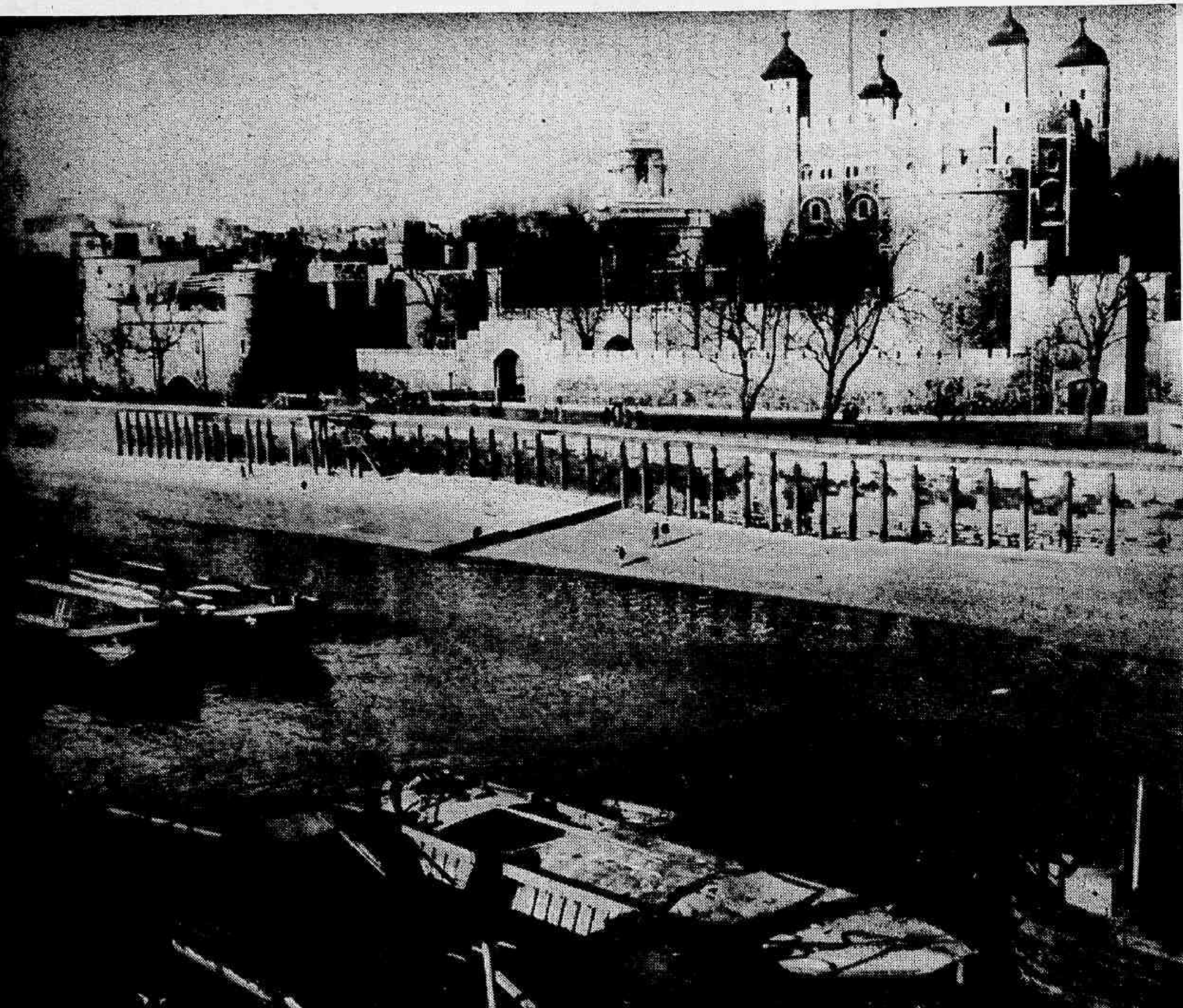
MANOBRAS INIQUAS RETARDAM A VITÓRIA DO TRIGO BRASILEIRO

Os agricultores rio-grandenses já por mais de uma vez têm sofrido os tropeços de u'a mal orientada Batalha do Trigo. À exceção dos casos em que a bancarrota teve motivos na peste "ferrugem" ou na praga dos gafanhotos, a grande causadora do mau desenrolar da luta em conquista do Trigo, no Brasil, foi a falsa proteção governamental. Primeiramente, sofremos o episódio dos trusts moageiros, exercidos por companhias estrangeiras. Sem interêsse algum em defender a economia brasileira, estas firmas faziam rodar as máquinas de seus moinhos, esmigalhando sòmente o trigo estrangeiro, comprado mais barato graças a convênios particulares, enquanto nossa produção apodrecia nas lavouras. E ainda há poucos anos, quando o sul do Brasil se viu invadido por cartazes coloridos apregoando que a cultura do trigo era um imperativo de patriotismo, os gaúchos ouviram êste imperativo, e o resultado foi a venda das colheitas por um preço irrisório, aos mesmos moinhos, os quais lidavam a seu bel-prazer com a produção nacional. Enquanto isso, nas cidades fronteiriças com a Argentina — sob o olhar complacente dos guardas aduaneiros — criava-se uma nova e numerosa classe de trabalhadores: os "formigas", carregando de um país a outro seus contrabandos de farinha, boicotando assim a produção nacional.

Hoje, novamente reboa pelos campos do Rio Grande do Sul a ordem do "Plantai Trigo", escudada na garantia de que a produção triticola brasileira será obrigatòriamente comprada pelos moageiros, a preço fixo. Mas nada adiantará apenas esta ordem de compra, pelo nosso Govêrno, sem a conseqüente fiscalização. Sim, porque o fato que se verifica é êste: embora a tabela fixe o preço de 180 cruzeiros para o saco de trigo de melhor qualidade, ou seja, o de pêso especifico acima de 82 quilos por hectolitro, na realidade vamos encontrar o agricultor vendendo seu trigo ao intermediário por 120 e no máximo 130 cruzeiros. Em resumo: depois de vários meses de incessante labutar, o pequeno produtor, que depositava o sustento de sua numerosa prole na colheita de suas lavouras, vê o já célebre intermediário se locupletar com seu suor. A razão disto reside no fato dos moinhos "abrirem o prêço" muito depois da trilha haver começado, causando êste compasso de espera natural apreensão aos produtores, que não vacilam em se desfazer das colheitas imediatamente, logo que o primeiro comerciante ofereça uma base razoável de preço. Já podemos prever a decepção sofrida pelo plantador: finda a safra, seus filhos continuarão quase sem roupa.

Desta maneira, nos trigais do Rio Grande há-de crescer uma infância descrente pelo

(Cont. na pág. 44)



A VELHA CIDADELA, com suas treze tôrres, reflete-se nas águas prateadas do Tâmisa, na foto superior. Em baixo, a Tôrre de Londres vista da Tower Bridge. Durante a última guerra foram internados em seus aposentos, espiões internacionais e traidores ingleses. Durante os bombardeios de Londres, uma parte foi afetada mas os danos foram de pequena importância

A TÔRRE DE LONDRES

O museu histórico m lho do mundo ★ Onde se desenrolaram as m e mais belas tragédias da humanidade ★ Os neiros ilustres que viveram e morreram n ssa cidadela ★ O recanto mais triste d do ★ A secular cerimônia dos chaveiros a Majestade britânica

Re n de NELSON VAINER
(Copy "Universal Press Service")

TÔRRE de Londres! Mil anos de história, esple decadência, grandeza, miséria, horror, sangue, c hediondos, episódios verídicos, superstições e le Tôrre de Londres! Onde se desenrolaram as maior mais belas tragédias da humanidade e que é um dos tristes recantos do mundo.

Sombria, esfumaçada e enegrecida pelo tempo, a mosa cidadela, com suas tôrres e muros, reflete a imagem nas águas negras do Tâmisa e, qual sent avançada dos tempos idos, continua dominando a velho bairro onde a vida londrina se instalou des alvores da sua existência.

Construida no ano de 1.066, por Guilherme, o quistador, passando por várias metamorfoses, servira diversas épocas, como Prisão, Cidadela, Palácio Real, senal, Palácio da Justiça, Arquivo e, durante a úl guerra mais uma vez como prisão, onde foram enc rados traidores da pátria e espiões internacionais, d cando-se Rudolf Hess, um dos braços direitos de H Atualmente, é um museu — sem dúvida o mais museu histórico do mundo!

O mais surpreendente da longa história da Tôrre Londres — que é "um rendilhado tecido com o mai conferido pela história da Inglaterra", segundo um mentarista britânico — são os grandes dramas grentos que ali se desenrolaram. Cada tôrre, cada cada canto e cada pedra, tem uma história maravi ra contar. Há poucos anos, um notável filme ameri no, "A Tôrre de Londres", com Basil Rathbone e Boris arloff, reviveu no écran algumas dessas tragédias.

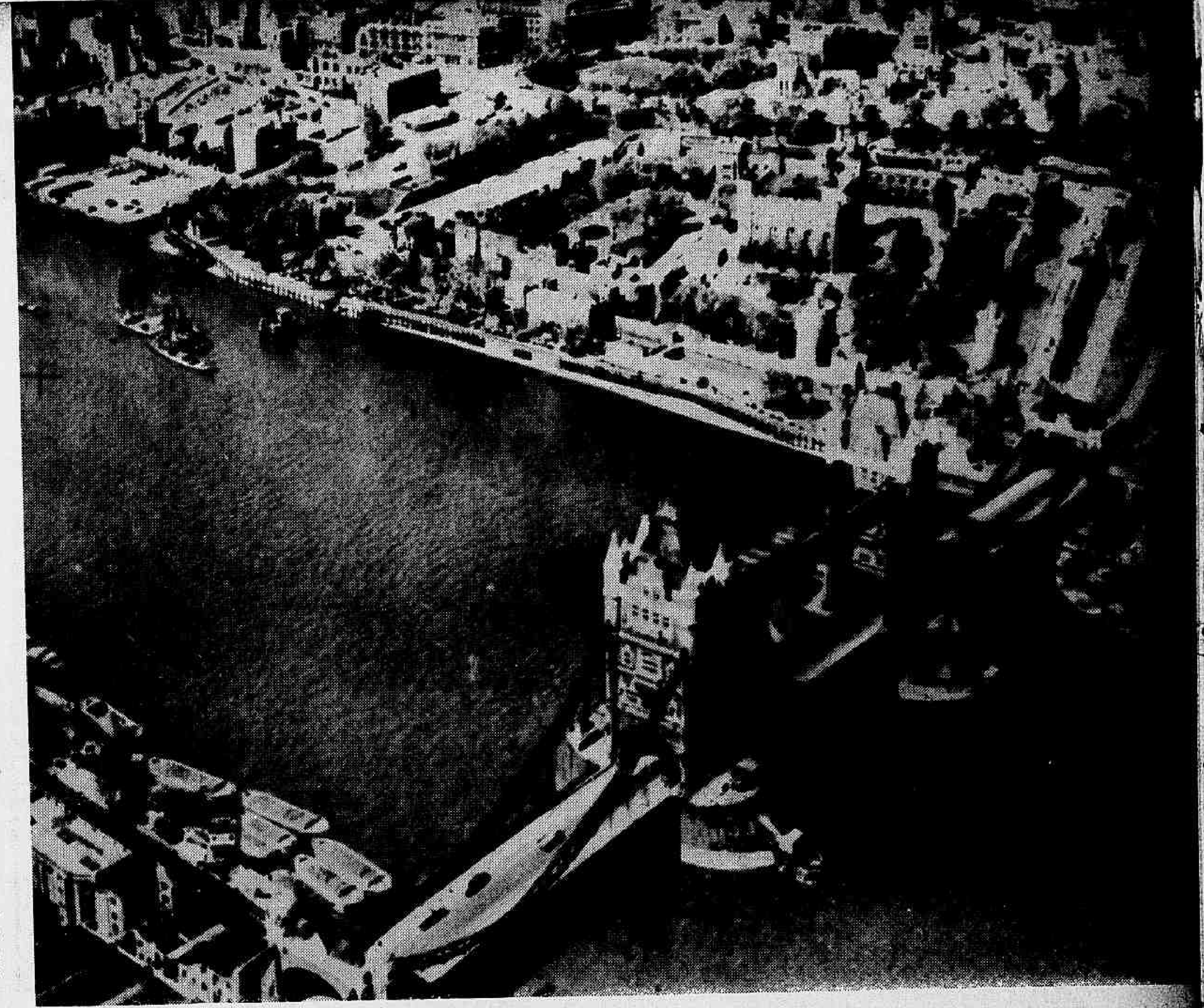
OS PRISIONEIROS ILUSTRES

Dentre as inúmeras e mais notáveis individualidades, e viveram e morreram na Tôrre de Londres, se descam: Sir Walter Releigh, Ana Bolena, Catarina Howard, dy Jane Grey, a condessa Margaret of Salisbury, Lord astings, o duque de Clarence.

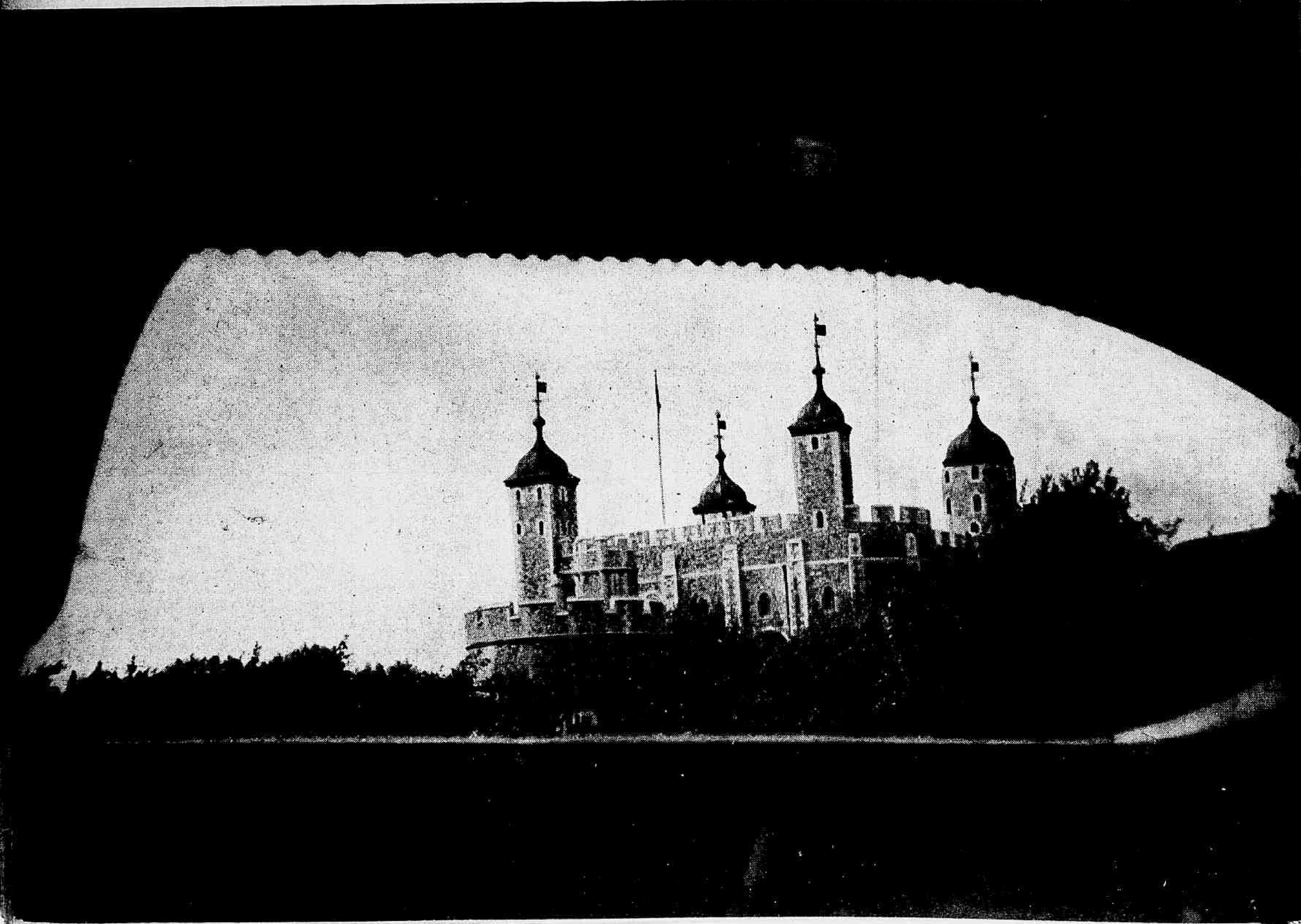
Walter Releigh, grande cavalheiro, historiador e estadista, quem se deve a introdução do tabaco na Europa, viveu ais de 14 anos na Tôrre Sangrenta, uma das dependên as da imensa cidadela. Foi ali que escreveu a notável istória do Mundo". O quarto em que viveu, é hoje seu mausoléu, no qual se acham expostos, além da cama que dormiu e da mesa na qual trabalhou, o original sua grande obra e muitos objetos do seu uso parti lar. Condenado à morte e subindo ao patibulo, apontou ra o instrumento do suplicio e disse com a maior calma ste mundo: "Eis um remédio amargo, que cura todos males".

O duque de Clarence, acusado de traição e condenado prisão, sendo encarcerado na Tôrre, pagou certa noite sa traição, ao ser afogado num barril de vinho!

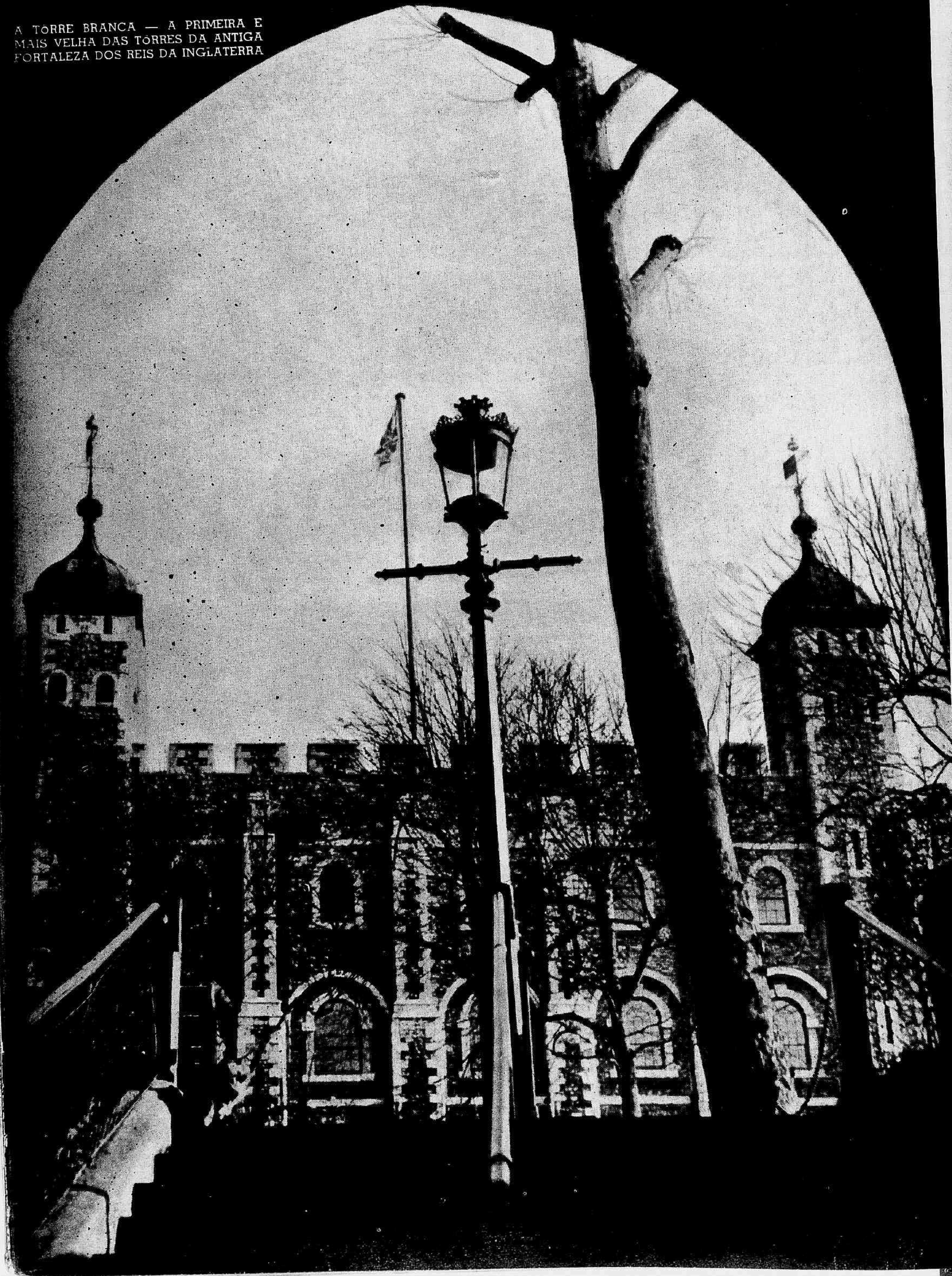
Ana Bolena, cujos restos foram recentemente encon-



VISTA DO ALTO, a famosa Tôrre dá êsse aspecto impressionante. Em primeiro plano, nota-se a ponte à qual a histórica fortaleza empresta seu nome: "Tower Bridge. Em baixo: Mesmo durante o "fog" e sob um frio intenso que faz mais sombria a velha capital britânica, a Tôrre de Londres não deixa de atrair visitantes, nacionais e estrangeiros. Mas seu ingresso é difícil!







A TORRE BRANCA — A PRIMEIRA E MAIS VELHA DAS TORRES DA ANTIGA FORTALEZA DOS REIS DA INGLATERRA



O CHEFE DOS GUARDAS, vendo-se uma das maquetes de prata da Tôrre Branca. A Tôrre de Londres foi construída no ano de 1.066 por Guilherme, o Conquistador. Na última guerra, Rudolf Hess ali também esteve prêso. Terminado o conflito, foi êsse monumento transformado em museu, e certamente o mais velho museu histórico do mundo

trados na capela da tôrre e identificados graças aos dedos, pois essa infeliz soberana tinha seis dedos em cada mão, condenada à morte, por ordem do seu próprio marido, Henrique VIII, ao subir ao patíbulo, proferiu estas últimas palavras: "Obrigado, meu rei: De simples servente da Côrte me fizeste Rainha e, agora, de Rainha, me transformais em Santa".

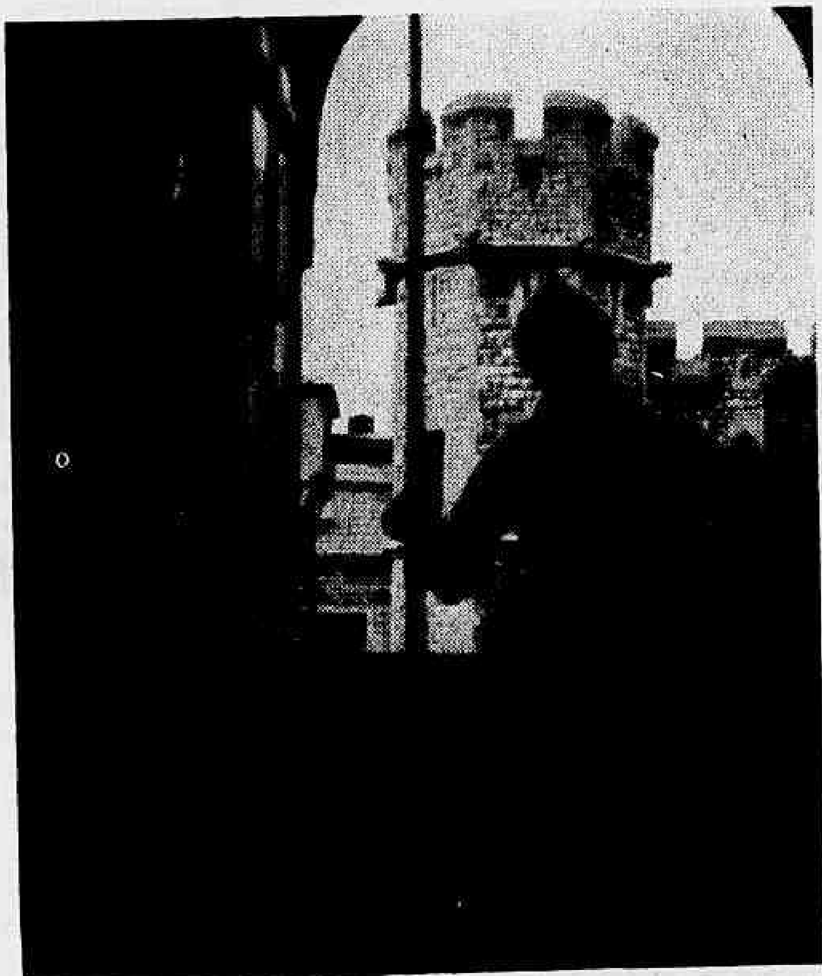
Atualmente, existe no pátio da Tôrre de Londres uma pedra que indica o local onde outrora se erguia o sinistro patíbulo. Ao lado, uma placa com os nomes das principais personalidades que ali foram decapitadas.

O RECANTO MAIS TRISTE DO MUNDO

Após a execução, os corpos das vítimas eram transportados para a capela da Tôrre e lá enterrados. Certo historiador denominou aquêle recanto como "o mais triste do mundo". Hoje, os guardas e os milhares de visitantes passam indiferentes naquele lúgubre local, enquanto muita gente prefere não pôr o pé naquele pedaço de chão que tantas tragédias presenciara. Vão à uma das dependências da Tôrre, para ver os atuais prisioneiros.

Sim, ainda hoje há prisioneiros na Tôrre de Londres!

(Cont. na pág. 44)



UMA DAS TÔRRES que circundam a histórica cidadela, vista da sala das armas e armaduras de todos os tempos, que integram agora o museu

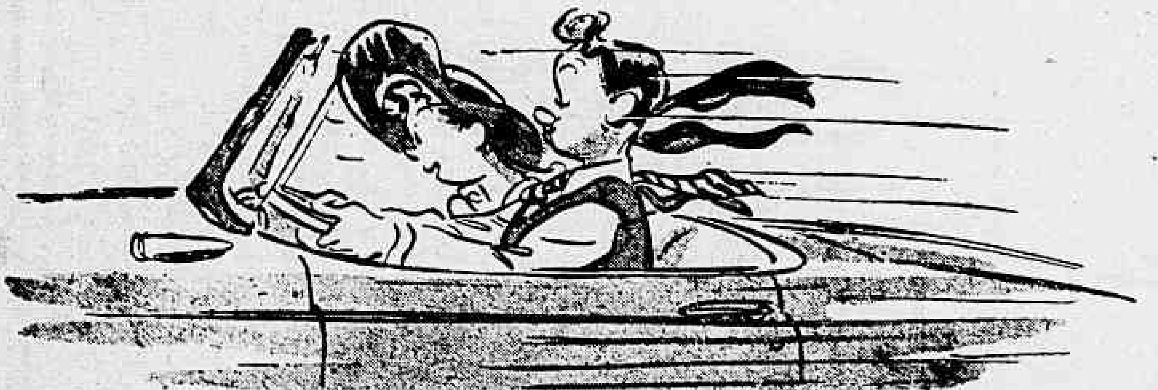


INÚMERAS VÍTIMAS foram decapitadas neste cepo, onde se vêem vestígios da picadas do machado, instrumento que também ali está exposto

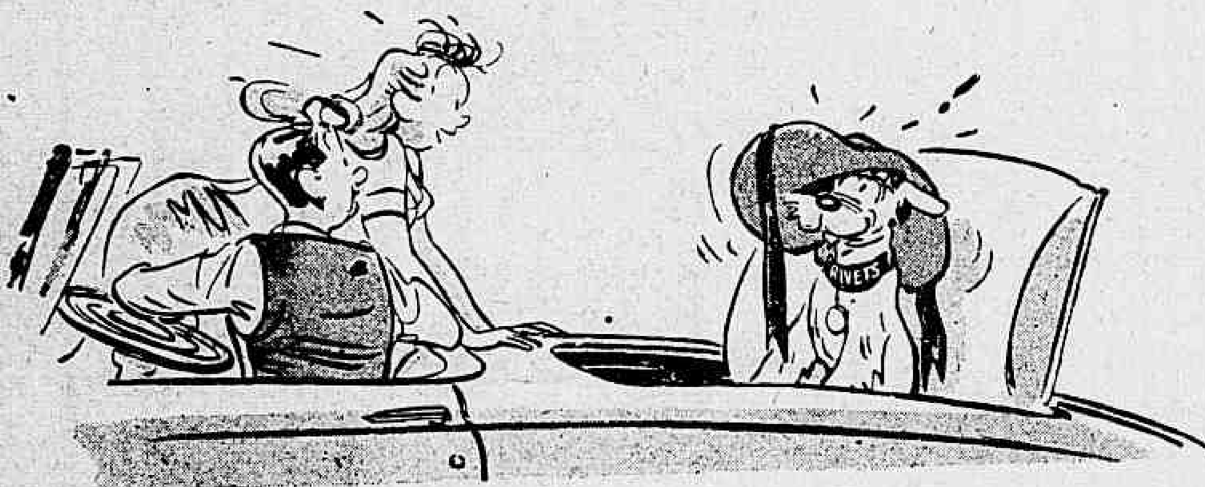


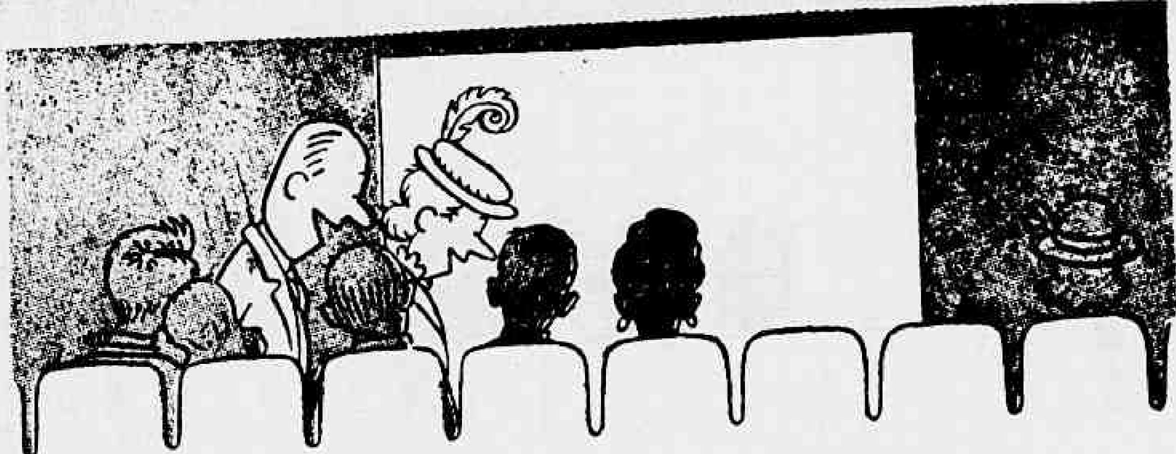
CENTENAS DE RELÍQUIAS espalham-se pelas dependências do museu: Cavalos, cavaleiros, armaduras e outros objetos dos séculos XV e XVI

BOM HUMOR



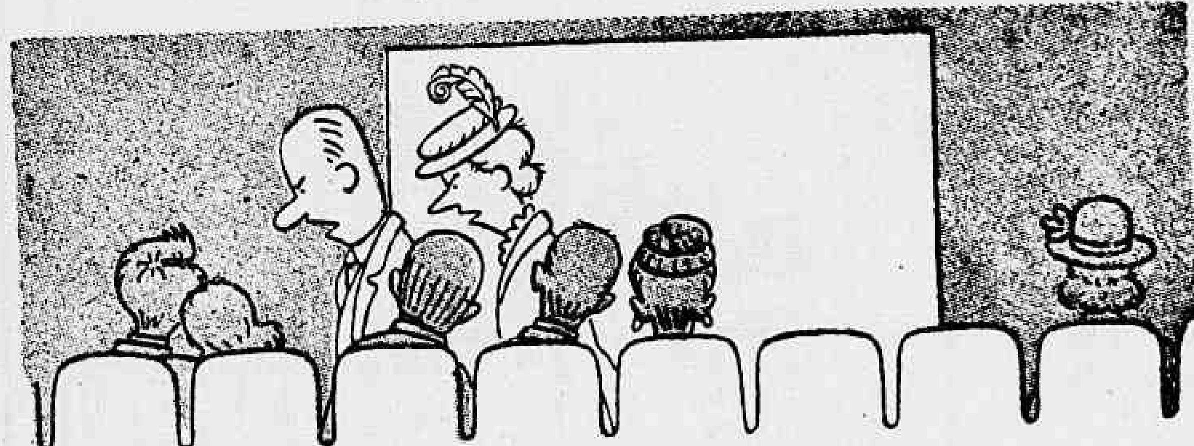




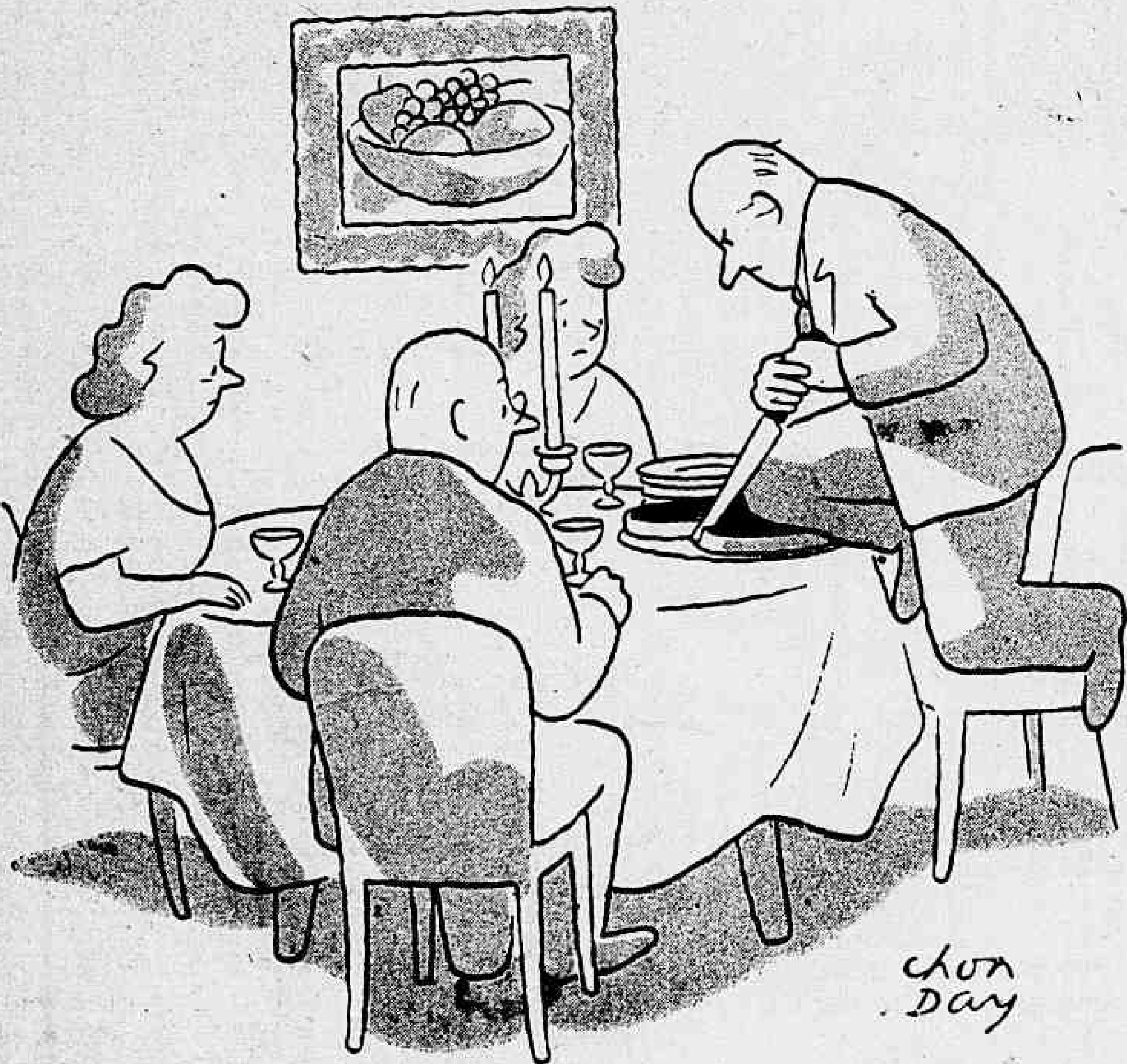


— Com licença... Desculpe... Com licença...



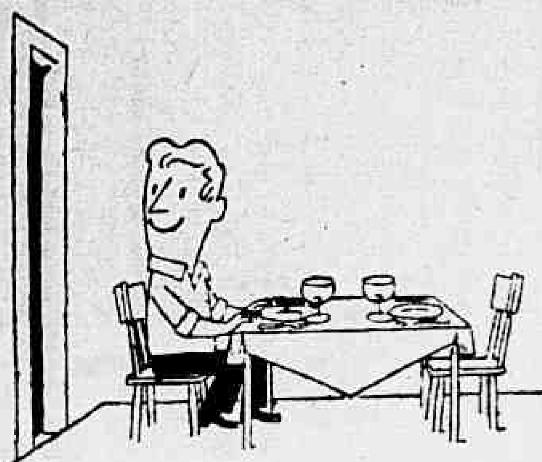


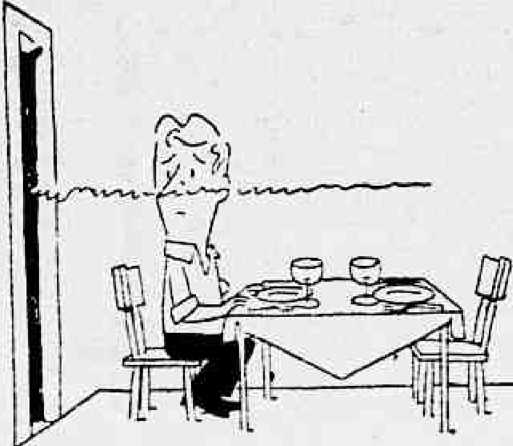
— Com licença... Desculpe... Com licença...

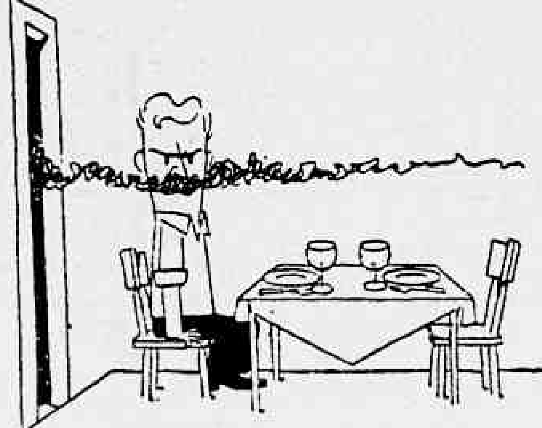


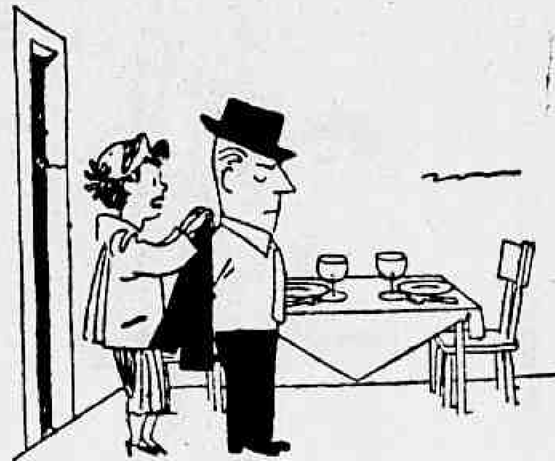


— Coitadinho do meu Hanky...











POIRET

Êsse homem que, depois da fortuna e da glória, morreu pobre e esquecido, na Paris ocupada, merece um "in-memoriam", porque êle também era um grande artista. Poiret foi o primeiro grande "couturier". De certa forma, podemos dizer que foi êle o inventor da moda parisiense e do "vrai chic". Aos imponderáveis da elegância, anteriores ao seu gênio, êle deu conformação e sentido. O "toque de Paris" que desde então etiquetou a "haute-couture" nos salões, nos teatros e nas "pelouses" do mundo inteiro, foi dado por suas mãos, tão hábeis e seguras em embelezar as formas femininas, em manejar os tecidos, as "soieries" e os babados, como as mãos de Rodin, esculpindo em mármore, e as mãos de Manet, pintando a graça e o encanto da mulher francesa. Ou, melhor, tão doces em vestí-las quanto as de Paul Chabas em despí-las. Figurinista de vocação, contou Poiret que, desde muito criança, apaixonado pelas formas femininas, sonhava em envolvê-las em belos tecidos de belas côres, talhados em belas linhas... Sentira sempre a moda como uma arte a que, até hoje, não deram a musa patrocinadora. Data dos seus modelos inspirados essa nova beleza feminina que êle transfigurou, juntando-lhe outros encantos, da mesma forma que a escultura de Bourdelle e a pintura de Jean-Gabril Doumergue. De fato, Poiret não foi apenas o poeta dos tecidos e das rendas, o artista do corte e das combinações de côres... R êle deve a mulher moderna dois grandes benefícios, no sentido de sua beleza, como no interêsse de sua fisiologia: a supressão do espartilho e a adoção dos cabelos curtos. O que foram êsses dois atos no reino da moda, no mundo feminino, todos sabemos, principalmente as mulheres, para sempre livres dos grandes penteados anti-higiênicos, que lhes davam dor de cabeça e inspiraram Schopenhauer — e dos tornos de barbatana e elástico que faziam as "cinturas de vespa" do romantismo, mas faziam também as tísicas e os desmaios, além de deformar a plástica e alterar o metabolismo feminino. Foi êsse artista, cujas ousadias associadas ao brilho e ao encanto com que produzia seu gênio criador, numa arte que serve tôdas as outras artes — porque é a arte de vestir a suprema inspiradora — foi êsse artista que morreu, depois de ter sido rico e glorioso, na pobreza e no anonimato, esquecido, abandonado na cidade que embelezara mais, porque êle tornou mais belo, dando-lhe o "chic", êsse ser de elegância e de "charme", inesquecível imagem de um tempo perdido, que era — a mulher de Paris... Pobre Poiret, admirável Poiret! — LYSE.

(Na foto: JUDY HOLLIDAY - M.G.M.)








CHAPÉUS DE PALHA




SELECIONAMOS aqui um grupo de chapéus de palha, simples e elegantes, próprios para acompanhar as "toilettes" de verão. Alguns são em palha de dois tons, o branco e o prêto, por exemplo; outros levam como enfeites grandes laços de fitas, véus etc. Trazem a marca dos maiores chapeleiros de Paris.





CINCO HORAS

OS vestidos para a tarde apresentam uma variedade imensa de detalhes, relacionando-se os mesmos não só às saias como também aos decotes, às golas, etc.





ROBERT PIGUET

apresenta um modêlo em sêda azul marinho, com saia drapeada de um lado e pano franzido do outro

★

PAQUIN

Elegantíssimo modêlo em cetim cinza-chumbo, moderno decote assimétrico de grande beleza. Saia drapeada

★

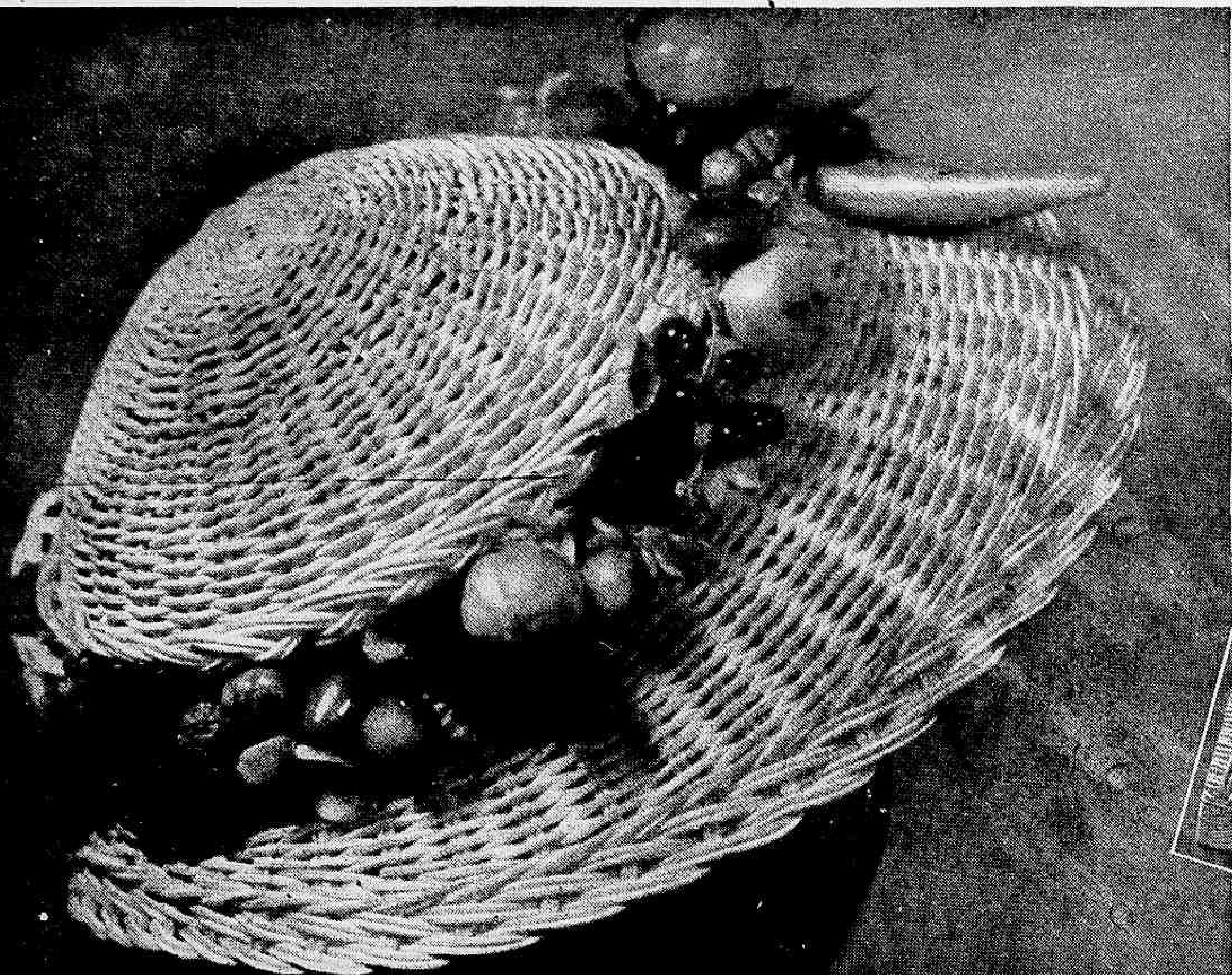
PAQUIN

Em ottoman é o "tailleur" que Paquin apresenta, com grande decote, gola alta, bolsos amplos

★

MANGUIN

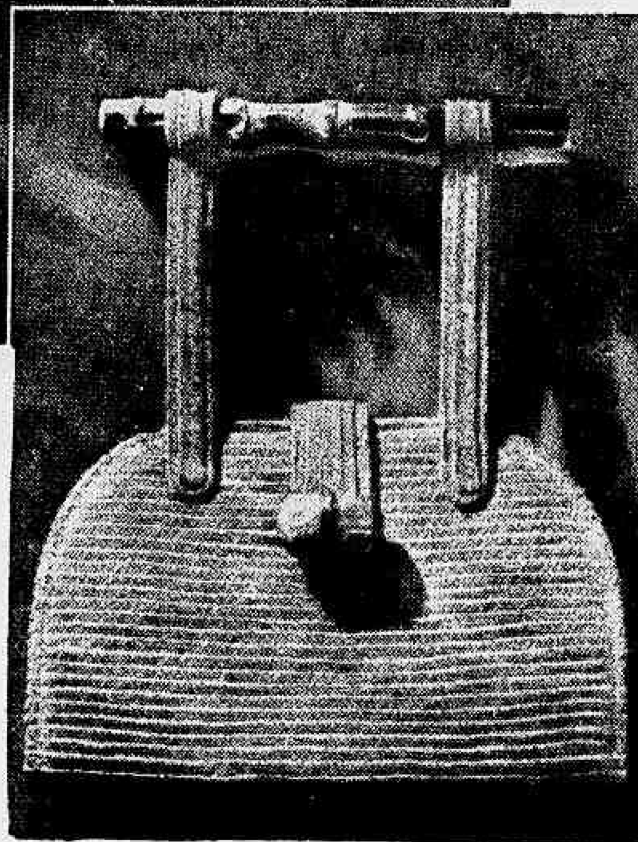
é quem sugere êste notável e audacioso modêlo para a tarde, em tecido listrado azul e branco, sem ombros, gola drapeada

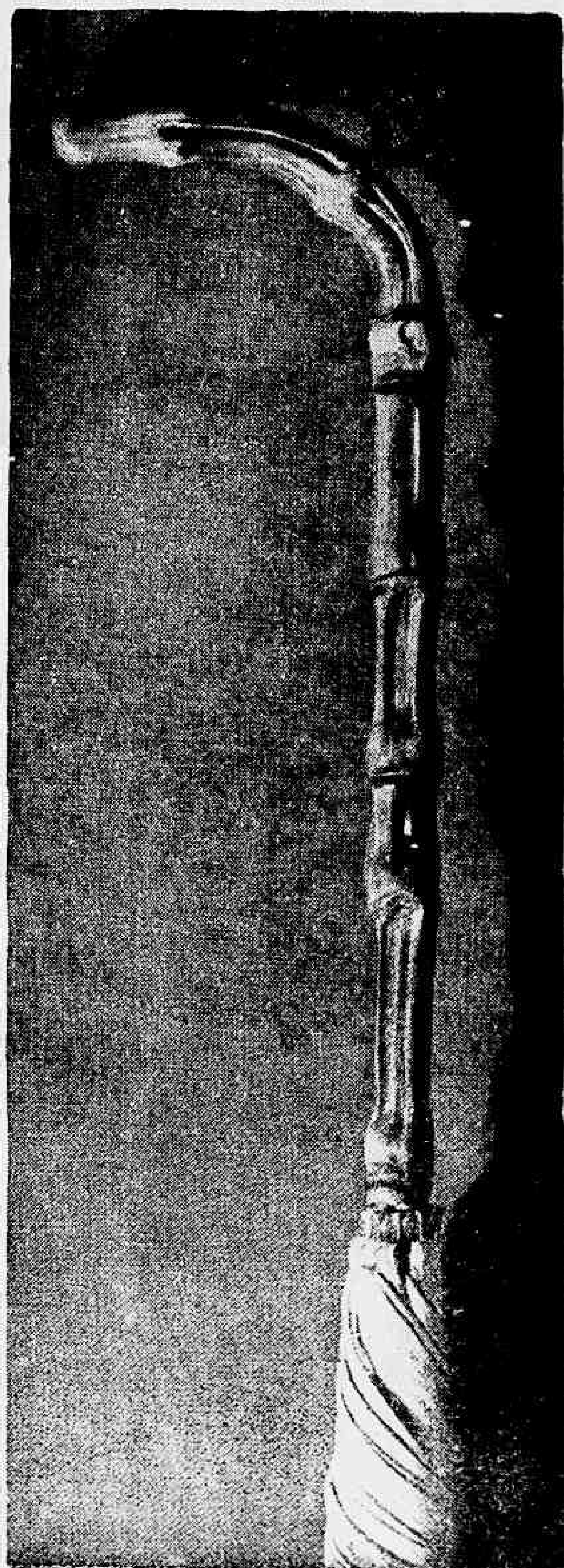




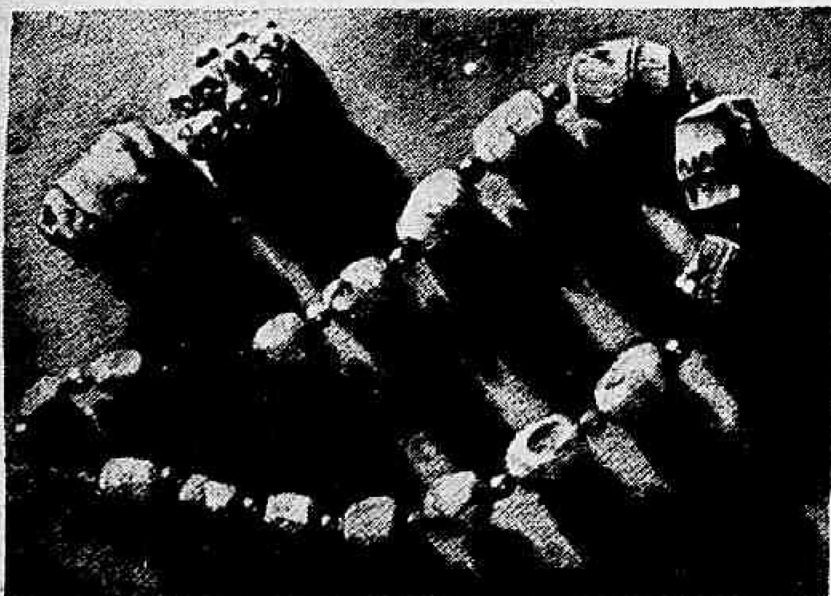
DETALHES DE VERÃO

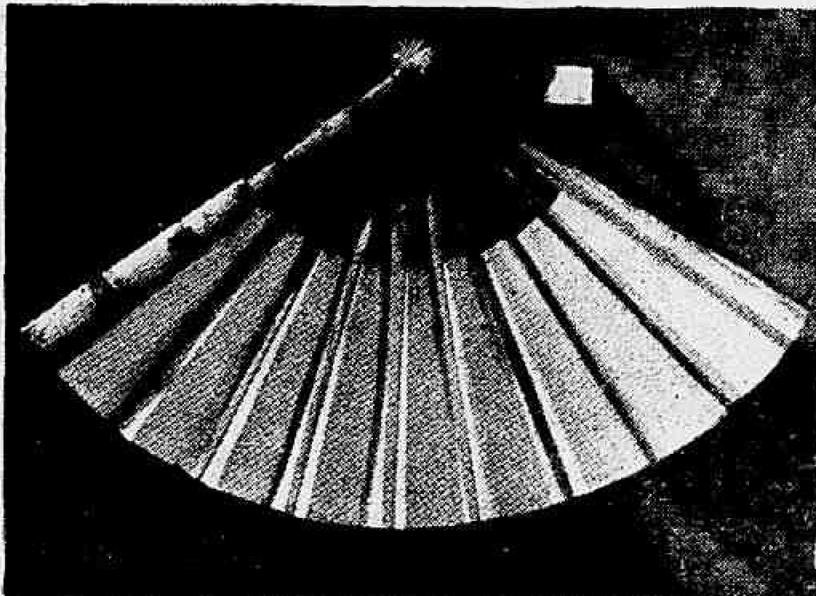






DOS acessórios depende, muitas vêzes, o sucesso de um vestido. No verão, principalmente, os acessórios deverão ser alegres, acompanhando o colorido vivo dos vestidos e fazendo realçar a graça dos modelos. Um chapéu rústico, por exemplo, como o de Rose Valois, com uma guirlanda de frutas, acompanha um vestido de linho; colar e "clips" inspirados em motivos selvagens; uma bolsa em vime e couro claro; um leque em bambu; uma bolsa em sêda grossa com alças também em bambu, e finalmente um guarda-sol com cabo de junco.






VÉRA BORÉA




CHARLES MONTAIGNE


GERMAINE LECOMTE

PARA as suas férias, a menos que você pretenda passá-los num lugar muito modesto, longe de qualquer contacto social, quando então será suficiente uma calça comprida, uma saia e diversas blusas, será necessário organizar uma guarda-roupa com inteligência e bom gôsto. Para ajudá-la, oferecemos uma sugestão que vai do "short" ao "tailleur" de viagem; do vestidinho para a manhã ao vestido para a tarde ou para o jantar. Para a manhã, o algodão e o "shantung" são os mais indicados e para a tarde, o linho e a sêda.

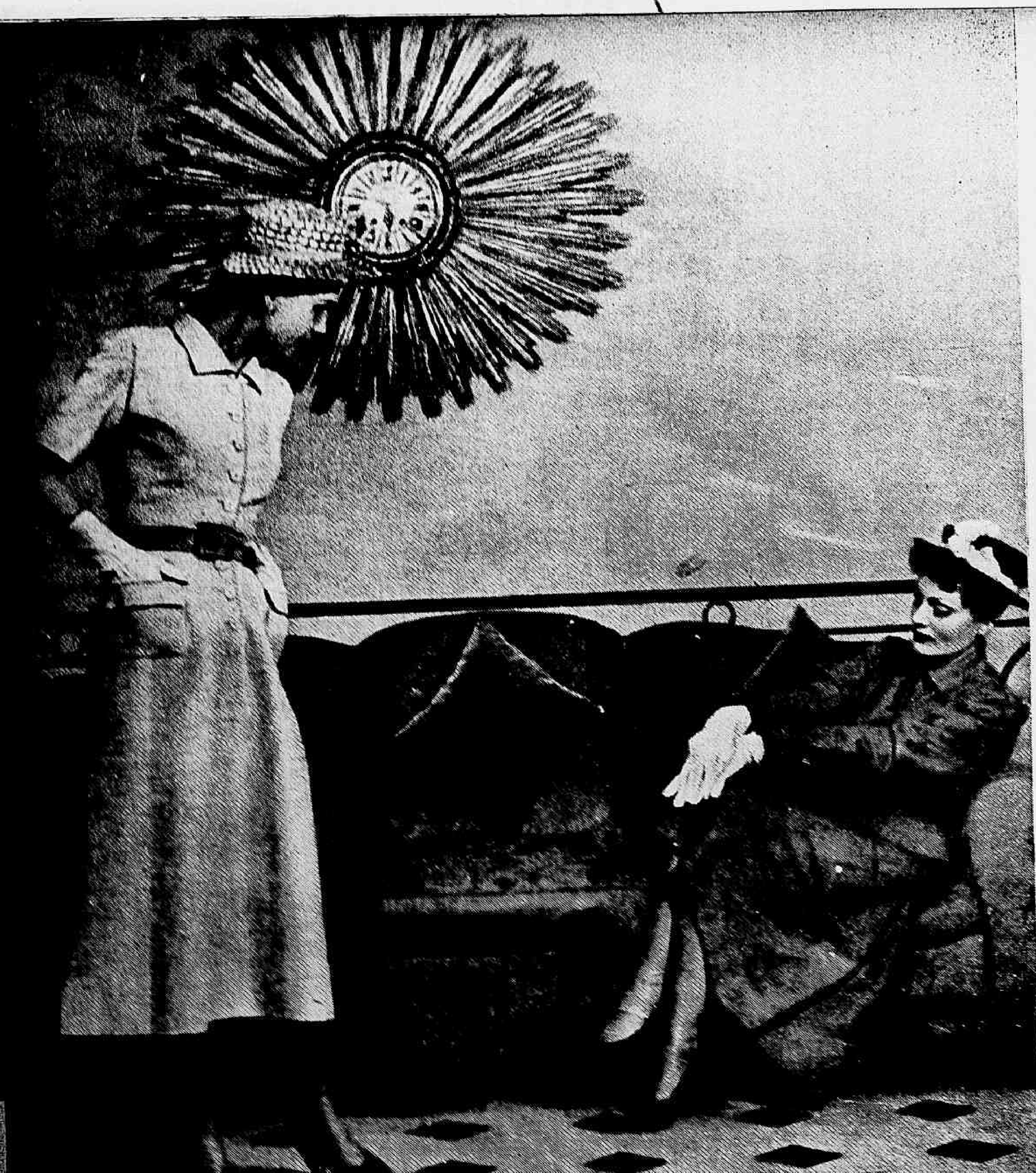

ANDRÉ LEDOUX

PARA O SEU GUARDA-ROUPA DE FÉRIAS


AGNÈS DRECOLL


PERLÈNE


HENRY A LA PENSÉE





OS tecidos de verão são, nesta temporada, os mais variados possíveis. Usa-se muito o linho, naturalmente, mas usam-se também outros tecidos como o "shantung" o "ottoman", o "surah", a alpaca, etc. As côres são vivas; o amarelo, o branco, o vermelho e há também o prêto que apareceu em Paris até nos trajes de praia. O linho prêto viveu, no verão parisiense, dias de verdadeira glória, aparecendo em tôdas as horas do dia, desde o "maillot" até o vestido de baile. Não cremos que faça o mesmo sucesso entre nós, pois as nossas patrícias, muito tostadas pelo sol, não ficariam bem de prêto. Não se pode negar, no entanto, que para as mais fortes o prêto é um grande recurso. Os modelos apresentados nestas páginas são de Schiaparelli, Balenciaga, Madeleine de Rauch, Jacques Fath, etc.

PARA O VERÃO





A SAÚDE DO BEBÊ

PRISÃO DE VENTRE NA CRIANÇA DE PEITO

DR. SABOIA RIBEIRO

MUITAS circunstâncias fazem com que o lactente não evacue diariamente, e dêsse simples fato não se deve logo concluir que a criancinha está com prisão de ventre. De um modo geral, somente quando amamentada à mamadeira, e quando não aumenta de pêso durante o alactamento ao seio, haverá razão de pensar nesse estado, já pela consistência dura e odor pútrido das fazes, já pelo esfôrço anormal do bebê em expeli-las (casos comuns no regime de mamadeiras mal orientado), já enfim pela própria escassez das fezes, no alactamento ao seio.

Se os primeiros sinais coincidem com certo mal-estar da criança, sono agitado, o ventre túmido (ventre de batráquio), manifestações outras de desenvolvimento em regra atrasado, então não há dúvida que o estado de prisão de ventre é verdadeiro, como consequência às mais das vezes de êrro do regime alimentar.

A escassez das fezes com perda de pêso no regime de seio indica, outrossim, a anarmalidade, valendo a conclusão que o leite é pouco e a criança está passando fome.

Ao contrário, se a despeito das evacuações raras ou poucas, a criança prospera e o pêso é bom, crescendo de acôrdo com o desenvolvimento do bebê, então não há prisão de ventre, porém aproveitamento ótimo do leite ingerido.

Não deve haver, portanto, precipitação das mães que amamentam, julgando que a criancinha está com prisão de ventre, somente porque não evacua 1 a 2 vezes por dia. O pêso e o desenvolvimento estando bons, o fato carece de tôda a importância, já se vê que a criancinha passando bem a outros respeitos, boas côres, sono calmo, natural vivacidade.

Quando criada ao seio, a criancinha torna-se suspeita de prisão de ventre o que há a fazer é esperar 48 horas. Muitas vezes então a evacuação se dá sem precisar outra providência. Pode-se aconselhar, contudo, 1 a 2 colheres de água açucarada após cada mamada até conseguir o efeito.

Duas pesagens consecutivas, com intervalo de 10 dias, permitem verificar se a criancinha está ou não aumentando de pêsó normalmente; verificado que está, a conclusão a tirar é que se trata de uma falsa prisão de ventre.

A propósito, cabe lembrar que a criancinha no primeiro e segundo meses, aumenta 30 gramas por dia; 3.º e 4.º, 25 gramas; 5.º e 6.º, 20 gramas, etc., etc.

Sendo o regime de mamadeiras, combate-se a prisão de ventre com uma farinha de tipo laxativo (várias marcas de aveia) e extrato de malte (ordep, biomals, digerose).

Juntar-se-ia, por exemplo, a farinha de aveia na proporção de 1 colherinha para cada 100 gramas de leite ou leite+água, e a cada mamadeira 1 colherinha do extrato de malte.

Quando a prisão de ventre resiste a essas medidas, então é que se trata de caso mais sério e não ligado à alimentação. Aqui se cogitará de neuroplastia (as crianças nervosas tanto propendem para a diarréia como para a prisão de ventre), do prixedema e outros estados, os quais, aliás, não passam despercebidos ao pediatra experimentado diante do bebê deles portador.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinem

Metrolina

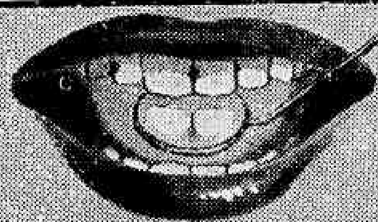
antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

ENCANTADOR E IRRADIANDO SAUDE ...é o sorriso da KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-301

Dê beleza e vigôr aos seus cabelos!





Com aplicações do TONICO CAPILAR "AMARALINA", torne sua cabeleira sedosa e bela. Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia, que é também uma grande esperança para os calvos. De base vegetal, com a continuação do uso do Tônico "AMARALINA", com certeza absoluta, como em milhares de casos já registrados em todo o Brasil, seus cabelos tornarão a nascer. Com um vidro, detém a queda dos cabelos e elimina totalmente a caspa. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc., a Cr$ 35,00 o vidro. Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. Burle & Cia. Ltda. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.° andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO.

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

WEEK-END

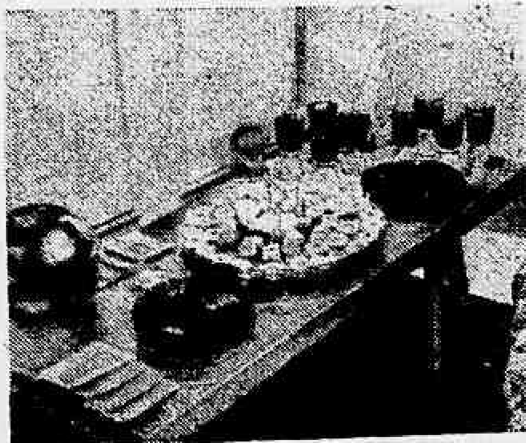
SALADA VARIEDADE

Rale uns 8 rabanetes, faça um môlho de vinagre, sal, pimenta, azeite e um alho esmagado, corte em tiras bem finas a parte tenra do repolho, mergulhe no môlho de vinagre o rabanete e o repolho umas 2 horas antes de servir. Quando fôr servir, junte rodelas de tomate e alface picada fina.

★

SUCO DE LEGUMES

Ponha a ferver 7 xícaras dágua com alguns pedaços de carne e um pouco



de tempêro. Enquanto isso, cozinhe 5 batatas, 5 cenouras, 5 nabos e um pedaço de abóbora em pouca água. Côe o caldo de carne, que deverá estar bem forte, e, juntando aos legumes amassados, passe pela peneira.

★

FORMINHAS DE CAMARÃO

Tome 1 quilo de camarões ensopados e picados. Misture com umas 3 cenouras cozidas e partidas aos pedacinhos; 2 pés de alface, partidos bem fininhos, e passados ligeiramente numa colher de manteiga quente. Adicione 3 ovos batidos, as claras em neve, e leve a assar em forminhas untados com manteiga. Tire das forminhas e arrume num prato redondo e ao redor faça uma corôa de alface crua, partida bem fininha. Sirva com môlho de tomates à parte, ou com manteiga derretida.

★

ICE-CREAM DE BAUNILHA

Misture bem 1 xícara e meia de açúcar, 2 colheres de maizena e uma pitada de sal. Mexendo sem cessar, adicione 1 litro e meio de leite quente. Cozinhe em banho-maria, mexendo para que não encaroce. Despeje um pouco dêsse creme sôbre 3 gemas bem batidas, misturando bem. Misture então o resto do creme, tirando-o de sôbre o fogo. Depois que esfriar, junte uma colherinha de baunilha, e as claras em neve. Coloque na sorveteira, batendo sempre, ou deposite na fôrma do refrigerador.

NINHOS

Faça um ninho de alface picada e coloque no centro de um prato. Cubra de maionese o fundo dêsse ninho e deixe nele bolinhas de beterraba ou xuxu, bem pequeninas. Enfeite a parte exterior do ninho com pingos de maionese.

★

BACALHAU RECHEADO

Tome um bacalhau pequeno, deixe de môlho. Escave o bacalhau e passe à máquina o retirado. Refogue com todos os temperos, misture 3 ovos batidos. Cobrir com ovos e farinha de rosca.

★

FATIAS DE TOUCINHO RECHEADAS

Misture: 2 xícaras de miolo de pão, 1 colher (de sôpa) de cebola, picadinha, 2 colheres (de chá) de salsa picada, ½ xícara de maçã ácida, sal, pimenta do reino, 1 ovo, e ¼ de xícara de leite. Divida em 8 partes e faça cada uma em forma de cilindro. Envolva cada cilindro de recheio numa fatia fina de toucinho e prenda com palitos. Fôrno regular. Cêrca de 35 minutos, ou até o toucinho ficar assado.

★

SANDWICHES TRIPLOS

Cortam-se umas fatias de pão próprio para sandwiches e passa-se manteiga misturada com mostarda, por cima. Preparam-se os seguintes recheios: passa-se um pouco de presunto na máquina, mistura-se com manteiga e mostarda. Faz-se outro recheio da mesma forma, porém com salsicha de Viena. Passa-se em algumas fatias recheio de presunto e nas outras o de salsicha. Toma-se uma fatia coberta com o recheio de presunto, coloca-se sôbre ela uma fatia de pão preto untada com môlho de maionese e sôbre esta coloca-se uma fatia coberta com recheio de salsicha.

★

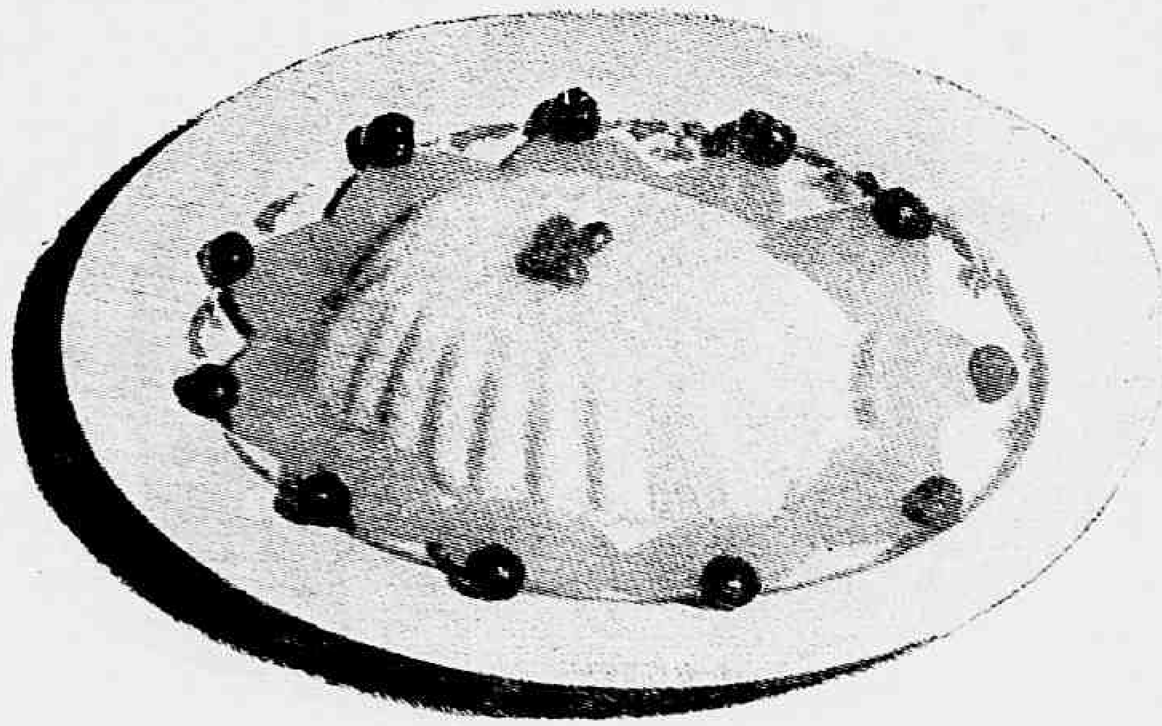
BOLINHOS DE FUBÁ DE ARROZ

Bata 6 claras em neve, junte 250 gramas de açúcar e sempre batendo, adicione 6 gemas, 125 gramas de manteiga derretida, 1 pitada de sal, e por último 250 gramas de fubá de arroz. Leve a assar em forminhas untadas.

★

CROQUETES DE BATATA COM QUEIJO

Tome ½ quilo de batatas, descasque, parta em quatro e leve a cozinhar em água fria e sal. Escorra bem e leve a secar na boca do forno. Passe



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35.00

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
SÓ COM VELAS



ESTERILISANTE
FABRICADAS PELO PROCESSO SENUN

NA COZINHA

pelo espremedor; junte umas 2 gemas, tempere com sal e um nada de casca de limão ralado. Deixe descansar ½ hora. Faça as croquetes bem pequeninas, passe em ovos batidos e em pó de pão bem claro. Frite na banha e arrume em tabuleiro forrado em papel pardo, onde poderá esquentar antes de servir.

★

MÔLHO CHASSEUR

Frite ligeiramente na manteiga 100 gramas de champignons frescos, picadinhos e molhe com uma xícara de vinho branco e deixe reduzir à metade. Junte ½ xícara de môlho de tomate, ½ xícara de caldo e leve a ferver por alguns minutos, adicione 1 colher de manteiga e tiras fininhas de pepino em conserva. Pode usar champignons de lata.

★

PEIXE AU GRATIN

Ensope um peixe em postas, e arrume num prato de ir ao fôrno. Côe o môlho, ligue com 2 gemas, junte um cálice de vinho, uma colher de alcaparras e cubra o peixe. Polvilhe com bastante queijo ralado e leve ao fôrno para tostar. Sirva no próprio prato.

★

OMELETE DE BATATA E QUEIJO

Bata 8 claras, junte 8 gemas e deite num frigideira com banha e manteiga. Antes de enrolar, deite no centro 1 ½ xícara de tirinhas de batatas fritas e ½ xícara de queijo de Minas picadinho. Vire fora do fogo, depois volte de novo ao fogo e vire dentro



de um prato. Passe manteiga por cima e sirva quente.

★

MASSA FOLHADA SIMPLES

500 gramas de farinha, 300 gramas de manteiga, ½ colher das de chá de sal, 200 gramas dágua. Deita-se a manteiga repartida sôbre a farinha na qual se fêz uma cavidade no centro, junta-se sal e água amassa-se tudo com os dedos formando uma bola firme de massa. Deixa-se descansar 15 a 20 minutos; depois estende-se com o rôlo e dobra-se a massa com o guardanapo em 3 partes. Repete-se êsse processo 3 a 4 vezes com intervalos de ¼ de hora.



SALADA SUÍÇA

Tomam-se 2 a 3 folhas de alface que se cobrem com maionese. Sôbre estas folhas coloca-se uma rodela de tomate, outra colher de maionese. Por cima de tudo colocam-se cuidadosamente 4 cabecinhas de espargos.

★

TORRADAS DE ERVA DOCE

200 gramas de açucar, 4 ovos, 275 gramas defarinh a de trigo, e um pouco de erva doce.

Bate-se bem o açucar com os ovos junta-se a farinha com a erva doce, estende-se a massa e cortam-se tiras de 6 a 7 cm. de largura. Põe-se em assadeira untada com manteiga e polvilhada com farinha, pincela-se com gema e assa-se em fôrno regular.

No dia seguinte cortam-se as tiras em fatias de 1 e ½ cm. de grossura, coloca-se na assadeira com o lado cortado para baixo, e assam-se em fôrno regular até tomarem uma côr alourada.

★

MÔLHO "CUMBERLAND"

Casca de ½ limão e de ½ laranja, 6 colheres de sopa de geléia de groselha, um pouco de vinho branco, vinagre e mostarda. Cortam-se as cascas de limão e laranja em tirinhas finas como palitos. Em seguida, deitam-se em água fervendo. Quando levantar fervura, tiram-se e passam-se em água fria. Mistura-se geléia com partes iguais de vinho branco e vinagre de modo a formar um môlho mais ou menos consistente. A êste môlho acrescenta-se as cascas preparadas e um pouco de mostarda. Êste môlho serve-se com carne de caça.

★

LICOR DE CAROÇOS DE PÊCEGOS

Tome 80 gramas de caroços de pêssegos e parta grosseiramente com o partelo, as cascas e as amêndoas. Deite de infusão, por uns dez dias, em 2 litros de álcool a 40°. Junte 2 xícaras de calda rala, feita com 200 gramas de açucar, perfume com uma colher de água de flor de laranjeira, filtre e engarrafe.

★

PATHÉ DE PEIXE

Tome um peixe de carne compacta, como cavala, namorado, etc., limpe, tire as peles e espinhas, tempere com sal e pimenta do reino, e arrume em pedaços bem comprimidos numa panelinha de barro. Junte ½ folha de louro, 1 ramo de cheiro, 1 colher de azeite, outra de vinagre e tape hermeticamente, deitando farinha amassada com água para tapar as gretas da tampa. Leve a assar em fôrno quente por 1 hora.

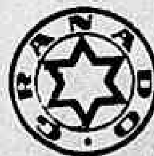


MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico

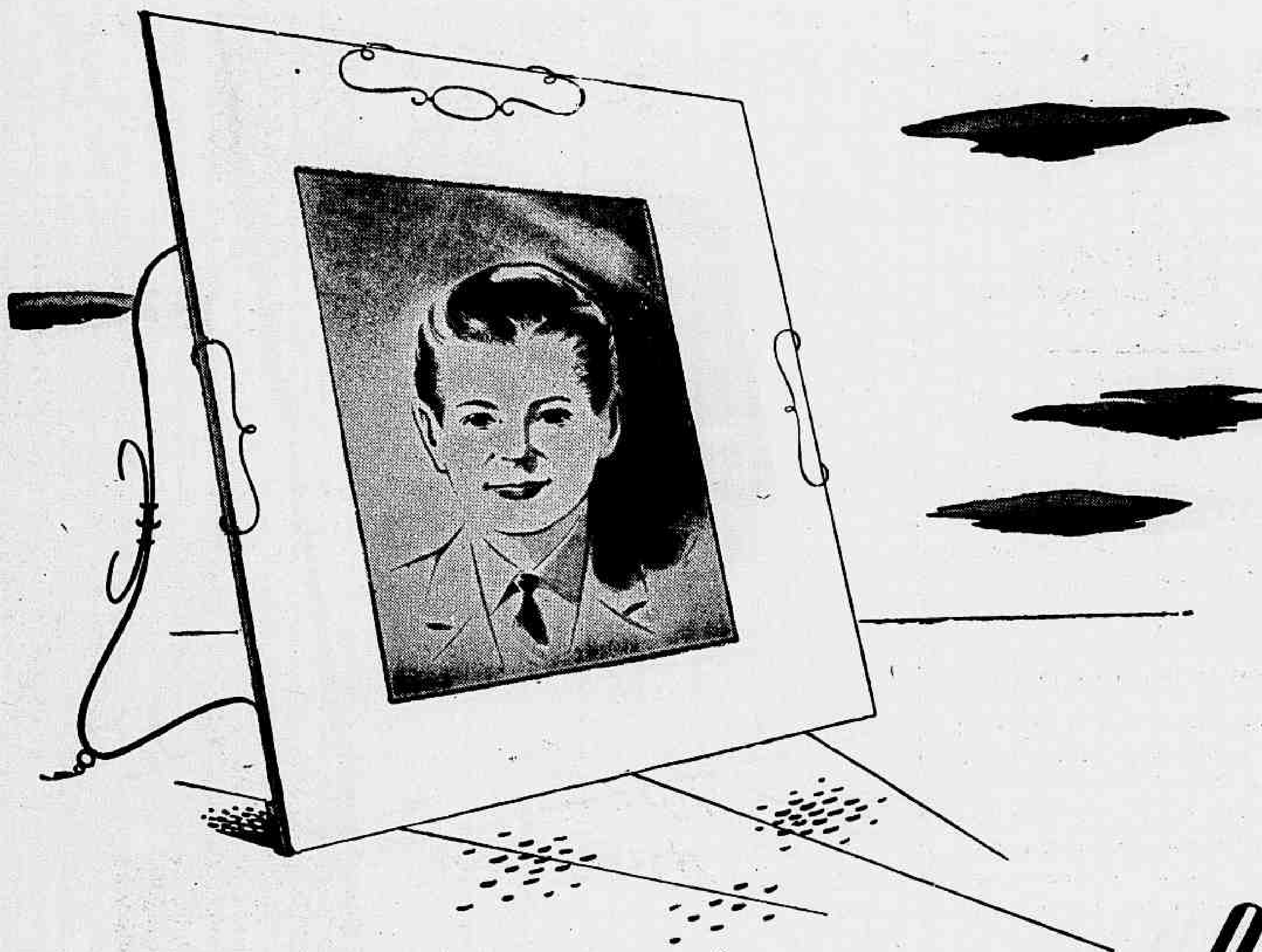


GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



CORTA OS RESFRIADOS



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou . . . ?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

Quarto para um senhor distinto

(Cont. da pág. 19)

— Mas deixara que eu o fizesse! — roncou "seu" Rodrigues replicando vivamente a essa razão do seu bom-senso.

Mas o seu bom-senso, irônico, lhe disse:

— E quem tem isso? Que é que isso prova? Não poderás negar é que, com isso tudo e apesar disso tudo, ela é que ficou com o direito de te afirmar que não sabias com quem estavas lidando e que era uma senhora honesta. Concorreste, apenas, para equilibrar um orçamento doméstico oscilante. O meio talvez seja semi-honesto, quase vicioso... Mas, que é que tu podes alegar como direito a que ela claudicasse contigo? — Ela — uma senhora honesta! — como te gritou quando fôste além do limite de aguçamento em que ela queria conservar-te, para fins nada amorosos e essencialmente econômicos?

"Seu" Rodrigues chegou a pensar na compra de um revólver de ocasião que vira num belchior da rua do Núncio.

Mas, quando se vive dentro das médias humanas e já se passou dos trinta, o Amor custa muito a dar tiros, e a gente pensa mais sòmente no título que os jornais dariam à notícia do crime.

"Paixão criminosa". "Amoroso assassino". "Conquistador que mata"... talvez até "Sátiro perigoso!"... que horror!

Foi por isso que o "seu" Rodrigues, em vez de dar tiros, mudou de pensão, deixando o lugar para outro candidato a êsse "quarto mobilado em casa de família de respeito, a cavalheiro distinto, etc .."

A BATALHA DO TRIGO

(Cont. da pág. 29)

cultivo da terra. Mais tarde, a luz das cidades ofuscará os olhos sonhadores do adolescente do campo. Olhará êle para o formigueiro das fábricas ou frigoríficos, onde o dinheiro parece circular em maior profusão que nas lavouras, e voltará para o seu chão com um mundo de pensamentos a atordoar-lhe o cérebro. Não tardará o dia em que surja mais uma vítima do êxodo dos nossos campos.

Cuidado, senhores governantes, com as promessas do "Plantai Trigo". Sòmente uma real organização protecionista assegurará a permanência do lavrador em seu pedaço de terra. Os gaúchos trazem viva na memória a recordação das passadas Batalhas do Trigo. Se tornar a imperar um regime de incerteza entre a classe dos agricultores, tenham por certo que ao menos esta nova geração de plantadores jamais pensará em se entregar à prodigiosa aventura de plantar trigo no Brasil...

VILA-LOBOS...

(Cont. da pág. 22)

Criadores de ritmos contribuindo para a nova técnica musical, para o progresso universal.

— Que diz de Shostakowiski, maestro?

— Quem? — fêz êle com as mãos em concha para ouvir melhor. Repetimos.

— Ah! Brrr! Shostakowski é uma gloriosa e redoirada mediocridade. Um nulo. Vazio. O nosso Mignone é um milhão de vêzes superior a êsse mediocrão das estepes.

— O senhor gosta de originalidade, não é, maestro?

— Não, não, não! Alto lá! Sou contra a originalidade sem preconceito.

— ?

— E você quer saber de uma coisa?

— Pois não, maestro.

— Precisamos dar um aspecto mais acertado às nossas coisas profundas.

— Essas idéias o senhor as trouxe da Semana de Arte Moderna?

— Não. De muito antes. Eu já existia artisticamente antes da Semana de Arte Moderna e dela participei porque fui contratado por Paulo Prado, que me pagou 14 contos de réis naquela época. Manoel Bandeira marchou comigo. E olhe, meu caro, tome nota de uma coisa: o Manoel Bandeira não é criança, não...

Confiou o maestro Vila-Lobos dando uma tacada e deixando um amigo em sinuca.

Um casamento singular

(Cont. da pág. 24)

— Mas Luis — indaguei-lhe — essa história de espírito que se casa, em que dará, afinal?

— Ah! até você duvida, hein, meu velho? Pois lhe repito, Paulo — disse-me com ênfase — casei-me com espírito e jamais amei outra mulher.

— Oh! "Est-ce une femme"? — perguntou-lhe ingênuamente Ninette, como se tivesse descoberto algo diferente na terra.

— Ora essa, minha inocente — espevitou-se Gilda — você pretendia que êste encantador D. Juan se apaixonasse por um barbado?

— O espírito não tem sexo — advertiu-lhes solenemente d. Hilda, ordenando ao garçon que nos servisse o "drink" solicitado.

— Contudo — prosseguiu Luis Cláudio, simulando não a ter ouvido — era uma bela jovem!

— Conte-nos — pedimos-lhe, mais interessados e entusiasmados pela sequência de "whiskies".

Meu amigo acendeu outro cigarro; tirou-lhe longa baforada que em espiral acinzentada se ia diluindo no espaço, enquanto o olhar meditativo lhe acompanhava a dança graciosa; depois, como se estivesse a esquadrinhar as recordações nas profundezas de seu íntimo, suspirou e prosseguiu lentamente, sem nos omitir detalhes:

— Cursava, por êsse tempo, o 6.º ano de medicina na Faculdade de Curitiba. Andava às voltas com as provas finais de obstetrícia e ginecologia; pretendia, tão logo me diplomasse, seguir viagem aos Estados Unidos para aperfeiçoar-me e adquirir a aparelhagem moderna destinada à instalação de meu consultório de cirurgia. Como a medicina sempre me seduzisse mais do que o Direito, dediquei-me com afinco, estudei-a com entusiasmo, a fim de ver realizados com êxito os projetos concernentes à nova carreira que abraçara e à garantia de meu futuro; ùltimamente, o tempo me andava escasso para gastá-lo em orgias ou em frívolos passatempos que entretêm nossa vida acadêmica. A meus velhos não lhes escrevia com a mesma assiduidade; a defesa de minha tese, "tumores inoperatórios", preocupava-me sobremodo, não obstante andar intranquilo pela saúde de meu pai. Nesse dia — contava-nos Luis Cláudio — havia recebido carta de Paulo em que relatava estar o velho se restabelecendo de comoção cerebral que lhe produzira hemiplegia dos membros superior e inferior esquerdos.

— Lembro-me, — interrompi-o, — foi no dia 8 de dezembro de 1940, exatamente nove anos da data em que aqui estamos.

— Perfeitamente, havia em minha mesa de trabalho um convite para a festa no palacete do banqueiro Nicodemus, em regozijo à formatura de Jorge, engenheiro civil e filho único do casal. Pelos motivos que enumerei, não pretendia comparecer; além disso, havia em mim qualquer coisa que me entristecia, entorpecendo-me os sentidos, tirando-me a vontade de viver.

— Oh! — exclamou Ninette. — "C'est la nostalgie"!

— Qual saudade, qual nada, "spleen" "mon ange" — disse Gilda, que a meu amigo fizera várias investidas inúteis. — Falta de sorte no amor, não é Paulo? — Em última hipótese, a "estrêla" da Guanabara apelava para mim.

— Ou "excesso" — disse-lhe maliciosamente.

— Dr. Luis é o "enfant-gaté" da vida que tudo lhe deu: dinheiro, amor, talento, posição e glórias — sentenciou-lhe d. Hilda.

— "Muchas gracias, amiga mia" — agradeceu-lhe, irônico, Luis Cláudio — mas exagera sua crítica a meu respeito.

— Não me agradeça — prosseguiu implacàvelmente nossa "hostess" — como é ingrato para com a vida jamais se sente feliz, porque não lhe cabe usufruir o quinhão que lhe coube por herança, não sòmente material, como também espiritual.

— Ah! Eis uma faceta de sua alma que me era desconhecida — retrucou a "estrêla", que não lhe perdoava a indiferença ao "brilho". — Dr. Luis é um mero egoísta.

— Ou, simplesmente, filósofo — disse em defesa a meu amigo.

— Sem os complexos que lhe pretendem atribuir — disse a francesinha.

— Não gracejem, minhas senhoras — prosseguiu solenemente Luis Cláudio. — Fui duramente castigado. A vida, essa mestra pregou-me a melhor de suas lições, permitindo que o aluno se apaixonasse por um espírito.

— E que se casasse com êle ou com ela — comentou Ninette, a rir.

— Exatamente — disse meu amigo sem se perturbar — mas... perdi o fio da narrativa. Por onde andava?

— "No outro mundo" — troçou Gilda, tragando seu cigarro.

— Você não queria ir ao sarau na casa do ricaço Nicodemus — lembrei-lhe.

— Ah! Mas fui; cheguei tarde; Jorge e o casal de velhos, gentilíssimos para comigo, trataram logo de dissipar meu acanhamento, apresentando-me aos convidados. Lindas mulheres, meus caros! Elegantemente vestidas, passeavam seu "donnaire" pelo salão, atirando-nos olhares provocantes; enfim, criaturas tão sedutoras e espirituosas, quanto as que aqui nos cercam e que serão capazes até de enternecer a um frade de pedra.

— Bem-aventurados os humildes de coração — disse-lhe eu.

— Contudo — continuou Luis Cláudio — como não estava em meus dias de bom humor, preferi comentar com os cavalheiros os últimos acontecimentos políticos, fugindo, dêsse modo, aos tentáculos de ferro com que o grupo encantador me pretendera cercar.

— E defender assim os teus "grilhões de ouro" — disse-lhe a rir.

— Não o ironize, dr. Paulo — implorou-me d. Hilda envolvendo meu amigo em tão terno olhar que me lembrei do axioma "a vida começa em qualquer idade, após a "infância" dos trinta".

— Pois bem, meus amigos — disse-nos Luis Cláudio — foi nesse ambiente simples e encantador de provincialíssima festa em família que encontrei a musa de meus sonhos para jamais a esquecer. Vi-a sentada, próxima ao piano, a ouvir, atenta, valsas e prelúdios de Chopin; não a havia notado antes; meus olhos seguiram-lhe fascinados a graciosa silhueta envôlta na simplicidade do vestido branco, ostentando apenas à cintura laço de cetim rosa.

— O. K., câmera a postos, exatamente como nos filmes — interrompeu vivamente a nossa "vamp". — E depois, que sucedeu ao galã?

— Apaixonou-se — disse serenamente meu amigo — porque ela era diferente; seus olhos azuis de um azul sombrio tinham expressão de pureza e de ternura que me enchiam o coração de esperança nova, completamente estranha aos meus sentidos. Seu róseo busto, arfando harmoniosamente ao compasso da música, me deixava antegozar paraíso de venturas e sentir-lhe o frescor das radiosas dezesseis primaveras. Em seu corpo imaculado, quase infantil, havia algo diáfano; tocá-lo me pareceria sacrilégio; contudo desejava apertá-lo, marcá-lo com meus beijos de fogo, diluir-lhe a forma fazendo-o palpitar na intensidade de meu grande amor. Em seu rostinho oval se retratavam a candidez e a ingenuidade de criança alheia às maldades da vida; não havia sequer o artifício de pintura! Era algo sublimemente perfeito!

— E monótono — ousou interromper-lhe Gilda, enquanto, propositadamente, retocava o "baton" dos lábios. — Aposto o que quiserem, graças aos processos de d. Hilda, que o dr. Luis não distinguirá a maquilhagem na mulher moderna.

— Maquilagem — emendou-lhe Ninette. — "Merci, mon ange", mas tem a palavra d. Hilda — retrucou Gilda com "ar" de quem perdera a parada.

— Absolutamente, não estou interessada em discorrer sôbre o assunto de minha especialidade, mas em ouvir o "caso" sentimental do dr. Luis; prossiga-o, por favor — ordenou-lhe brandamente d. Hilda.

— Estava perdidamente enamorado por Heloisa — continuou o médico — e declarei-me nessa mesma noite. Não desejava perdê-la; tamanha seria a inquietude de meu destino sem ela que, incontinenti, lhe pedi para que consentisse em se casar comigo.

Ela sorriu-me, aquiesceu. Amava-me também, disse-me mansamente numa voz débil que lhe traía a comoção a inundar-lhe de ventura o coraçãozinho virgem de amor.

Dançamos, contemplando-nos mùtuamente; grande era a felicidade que nos envolvia! De súbito, senti que Heloisa tremia; tinha as mãos frias; empalidecera repentinamente. Atribuí-lhe o sintoma vago-simpático a seu estado emocional. Perguntei-lhe se desejava regressar a casa; balbuciou-me um "sim". Fui buscar sua capa de arminho (não se esqueçam dêsse detalhe, meus amigos). Tomei o taxi e fi-lo rumar para o endereço de minha noiva. Sua casa era uma vivenda modesta de rua suburbana; à entrada havia um jardinzinho bem cuidado; engalanavam-no a formosura e a majestade das hortênsias; despedimo-nos. Beijei-a. Meu Deus, como estavam frios seus lábios! Heloisa acenou-me "adeus" e entrou. Ao saltar no hotel, louco de alegria, após haver gratificado règiamente o motorista, ouço que me chama para entregar-me a capa de arminho que minha noiva esquecera no auto. "Devolvê-la-ei amanhã, pensei, quando fôr pedí-la oficialmente". Não consegui conciliar o sono nem concentrar a atenção nos livros e preparar-me aos exames que deveria prestar. A imagem de minha noiva abstraía-me o pensamento, envolvendo-me c



Está faltando o melhor...

quando falta às suas refeições

MALZBIER DA BRAHMA



Faltou um alimento básico à sua refeição?... Então, enriqueça-a com Malzbier da Brahma. Rica em malte, Malzbier da Brahma completa seu almoço... melhora seu lanche... e reforça seu jantar. Um copo de Malzbier da Brahma tem o mesmo valor energético de um ovo de granja ou de um bom bife. Ligeiramente adocicada, Malzbier da Brahma é a cerveja preferida em todos os lares. Não deixe, pois, faltar o melhor à sua refeição... o melhor em sabor e o melhor em prazer: a nutritiva Malzbier da Brahma.

EM GARRAFAS E ½ GARRAFAS

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE — P. FUNDO

Record 3221

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

O SEGRÊDO DE SUA BELEZA...

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

coração palpitante de alegria na saudade de meu amor. No dia seguinte, bem cedo, saí a caminho da Faculdade. Não garantia o êxito da tese que escolhera; por que, na hora em que meu pensamento entoava o hino de amor, deveria me preocupar por coisas sérias e profanamente reais? Paradoxal é a vida! Entrei numa relojoaria; comprei duas alianças de ouro; dois aros singelos em que mandara gravar meu nome e o dela. Minha noiva pediu-me que não lhe ofertasse aliança de diamantes ou de brilhantes. Adorava a simplicidade. As coisas aparatosas não lhe agradavam. Nesse momento, em prece contrita agradeci a Deus a verdadeira jóia com que me ofertou ao coração. Preparei-me para atingir o ápice culminante na escalada de minha vida amorosa. Eram oito horas da tépida noite de dezembro; estava exatamente defronte da casa de Heloisa. Bati à porta; não sei por quantos segundos, esperei; uma eternidade talvez, dada a impaciência com que aguardei o momento de rever minha amada. As coisas mais simples me enterneciam; em tudo via o reflexo da bela imagem de Heloisa.

Um garoto compenetrado, na ingenuidade de suas 12 primaveras, mercava, cantando à maneira sulina, o ganha-pão que lhe rendia magros tostões ao sustento dos irmãos órfãos de carinho materno. Cartuchos de amendoim empilhados em lata de querosene: "Ió, ió, oh! freguês, é torradinho, bem quentinho, bem quen...ti...nho!". Surpreendeu-se ante minha generosidade e disparou doido de alegria com a "gorjeta" que lhe garantira o "mês de férias" e mais sossêgo ao lar humilde, à mercê dos caprichos do pai, alcoólatra inveterado. Bati novamente: atendendo-me, vejo diante de mim uma senhora extremamente simpática, beirando seus 50 invernos, sóbria no vestir e trajando luto recente.

Seus traços perfeitos, embora enrijecidos pelos anos de sofrimento, não me permitiram dúvida sôbre sua identidade: mãe de Heloisa.

Convidou-me gentilmente a que entrasse. Apresentei-me. Sem preâmbulos, disse-lhe que viera à sua casa a fim de devolver a capa de arminho que Heloisa esquecera no auto e contar-lhe que, em nosso encontro da véspera, a havia elegido para espôsa; pedi-lhe encarecidamente que nos desse seu consentimento. Foi com inaudito espanto que a ouvi, na frase que me deveria sepultar moralmente, roubando-me o último alento de vida.

— Minha filha morreu, há três meses, dr. Luis Cláudio. Sinto ter que lhe comunicar.

Muito lhe agradeço sua visita; esperava que a fizesse.

Estaria sendo vítima de algum embuste? Não, não era possível; aquela senhora, digna em sua dor, não mentia diante de causa tão nobre. Contemplei o retrato de Heloisa envôlto em crepe. Empalideci, deveria ter ânimo forte para não desfalecer.

Ia protestar, mas apenas pude balbuciar alguns monossílabos, deixando-lhe transparecer a confusão que me ia na mente.

— Minha senhora — retruquei-lhe ainda completamente aturdido, embora passado o terrível momento de confusão — ainda ontem, numa festa, dancei com sua filha; tive-a nos braços palpitante de vida, nos volteios das valsas e dos tangos. Disse-lhe o quanto a amava. Por favor, dê-me a explicação que o caso requer; não é possível que minha noiva tenha morrido. Veja seu casaco de arminho; esqueceu-o no carro em que a trouxe até aqui. Não é a prova que corrobora com a autenticidade dos fatos que lhe exponho?

— Sei como se sente, dr. Luis; mas é verdade: minha filha faleceu há três meses. Heloisa é sua espôsa perante Deus. Eis a prova eloquente dos fatos — exibiu-me a certidão do "nosso" casamento. — Reconhece sua assinatura e a validade das firmas passadas em cartório?

— Perfeitamente — disse-lhe, desorientado — mas não me lembro de nada, nem mesmo tenho a idéia de que se tivesse passado tudo isso comigo. Estarei sendo vítima de alguma mistificação? Ou, quem sabe, sob influência sobrenatural que me povoa a mente de visões fantasmagóricas?

— Também sou impotente para analisar a situação e encontrar explicação plausível aos acontecimentos de ordem superior. Minha filha o amava, eis tudo quanto sei. Ao morrer, na qualidade de sua legítima espôsa, pediu-me que lhe entregasse o documento anexo: a certidão de casamento e a lembrança de sua aliança; com ela se foi a que trazia o seu nome.

Nesse momento, lembrei-me de remexer o bolso; as alianças lá não estavam. Trêmulo, emocionado, recebi das mãos de minha sogra o aro de ouro com o nome de minha noiva — Heloisa — como alguém que recebe valiosa mensagem de além-túmulo para dela jamais se separar. Senti umedecerem-me os olhos; e pela primeira vez na vida não encontrei consôlo para meu coração amargurado pela saudosa lembrança de minha espôsa.

— Eis aí — concluiu meu amigo, profundamente abalado pelas reflexões que nos acabara de expor. — Sentindo-me irremediàvelmente ligado ao passado que amo, jamais poderei oferecer meu porvir a outra mulher!

Sentimos um "frisson" passar pelo corpo. D. Hilda levantou-se discretamente e baixou as persianas do terraço; dir-se-ia pretender afugentar uma "sombra".

★

Ouço o vozeirão do diretor que me tira do entorpecimento em que as evocações me envolveram; trombetas dos "anjos maus" despertaram o mísero pecador do reino de Satanaz.

— Vamos, homem — bateu-me pancadas no ombro — depressa, a dr. X acaba de chegar ao apartamento no Copacabana Palace. Rume imediatamente para lá, "seu diabo", e ofereça sensacional reportagem aos nossos leitores. Não se esqueça, hein, "velhinho"?

(Piscou-me o ôlho através das lentes de grau.)

— Por amor à profissão, "invente" o mais que puder, ande, afine os metais, seu coruja!

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super ...	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super ...	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF ...	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF ..	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF ...	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBÔLSO POSTAL

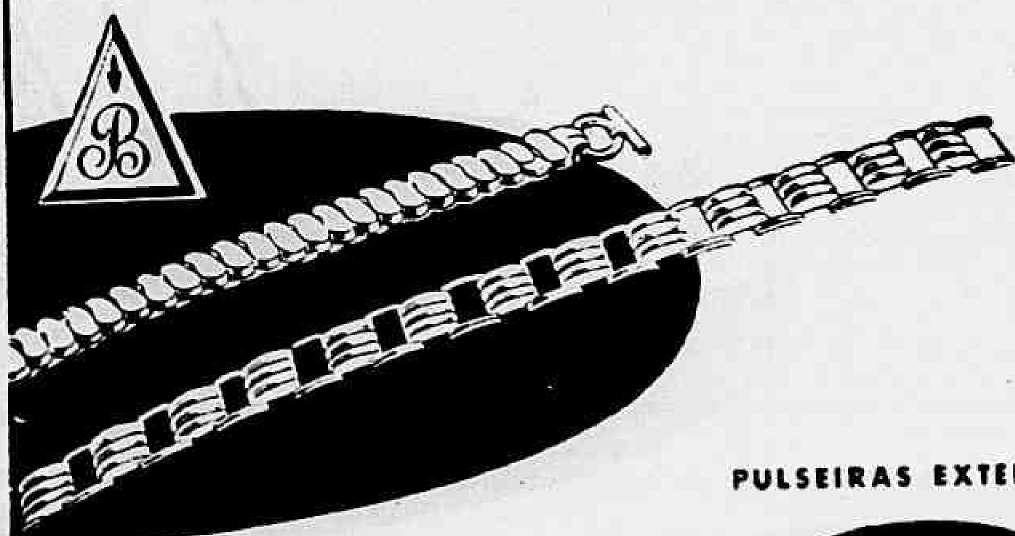
A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 Sob. — RIO DE JANEIRO

Perfeita como uma joia

Lindos modelos especialmente desenhados para harmonizar com o charme e delicadeza da mulher. Em tôdas as boas casas do ramo.





PULSEIRAS EXTENSÍVEIS

Indústria de Bijouterias BRASEX Ltda.

São Paulo

Propago

Onde não se faz agricultura

(Cont. da pág. 51)

no nosso "hinterland" está ainda muito precária, além do que o grau de alfabetização é mínimo e portanto inútil a letra de fôrma para o esclarecimento da massa maior do homem do campo. Setenta emissoras do interior divulgam as mesmas notas distribuidas à imprensa e outras e, aí, já o aproveitamento é maior, embora todos saibam como a fixação de conselhos técnicos pelo rádio sem uma insistência maior, pode até conduzir a erros e interpretações falsas. Conduziu o S.I.A. a campanha dos clubes agricolas escolares, cuja assistência e orientação lhe compete, entidades essas que se disseminam hoje por todo o país em número superior a mil. Sua seção de Informações atendeu a dezenas de milhares de consultas, sôbre os mais variados assuntos, inclusive sôbre indústrias rurais e sua seção de Documentação mantém um fichário de todos os assuntos agricolas. A seção de Publicações distribuiu mais de quatro milhões de exemplares e o gabinete cinematográfico produziu mais de cem filmes. Mantém o S.I.A. várias publicações e boletins e uma biblioteca, sendo de destacar o serviço para o estrangeiro. Conhecemos casos de dedicação e competência insuperáveis de funcionários dêsse serviço. Temos, na sua tradutora, um exemplo típico de competência e abnegação. Essa jovem, num desprendimento notável e sem nenhuma perspectiva de conseguir apoio monetário por parte do Ministério, está fazendo um livro informativo sôbre a nossa agricultura para o exterior. Fatos desta natureza acontecem em quase todos os Departamentos e serviços técnicos do Ministério da Agricultura. E' uma lástima não poderem realizar aquilo que deveriam fazer, por falta de meios e de compreensão dos responsáveis pela nossa lei.

Só nos cumpre, para encerrarmos, desejar que neste 1950, tenham prosseguimento os estudos sôbre a reforma agrária. Sem ela, objetiva e clara, feita para ser cumprida, nada avançaremos na situação da nossa agricultura, embora tenhamos poucos, mas dedicados técnicos que nada podem fazer por falta de recursos e de amparo das leis. Poupem, senhores do govêrno, as aflições do homem do campo. Auxiliem-no a vencer. Dêem-lhe um ponto de apoio e êle reerguerá o Brasil. Não o deixem cair em desespêro e no aniquilamento, que será o aniquilamento de todos nós, os outros, que nem ao menos poderemos ir plantar batatas, já que é tarefa perdida, pois a que nos chega de longe, atravessando oceanos e pagando fretes caros, custa menos que a colhida num quintal do Distrito Federal...

A tôrre de Londres

(Cont. da pág. 33)

São as jóias da coroa, que são vigiadas como o gato vigia o rato...

OS CHAVEIROS DE SUA MAJESTADE BRITÂNICA

Na Inglaterra, é a tradição a última que morre... Contudo, ainda viverá muitos anos e, talvez "in seculai seculorum"... Malgrado a onda modernista que varre atualmente o mundo inteiro, a tradição continua tão viva e sagrada, como na época em que surgiu ou foi criada na excêntrica Grã-Bretanha. A cerimônia dos chaveiros do rei, por exemplo, instituida há muitos séculos na Tôrre de Londres, continua sendo realizada tôdas as noites. Eis como, segundo uma descrição que devemos a B.B.C.:

Exatamente às 22 horas, tôdas as portas da tôrre devem ser fechadas. Nessa hora de cada noite, repete-se a secular cerimônia dos chaveiros.

Metidos em seus trajes medievais e com lanterna na mão, o porteiro grita em voz alta: " A escolta dos chaveiros".

Quatro homens, sob o comando dum oficial, se apresentam na Tôrre Sangrenta. Cada qual, com uma enorme chave na mão, fecha os pesados portões. Terminada essa tarefa, se retiram quando na calada da noite, se ouve a voz possante do sentinela:

— Quem vem aí? — pergunta.

— Os chaveiros! — responde o oficial.

— Que chaveiros?

— Os chaveiros do Rei Jorge.

— Passai em paz, chaveiros do rei. Tudo está em ordem.

— Que Deus guarde o rei Jorge! — ecoa no espaço a voz do oficial e, logo em seguida, se ouve a resposta da sentinela: "Amen!"

E assim termina a cerimônia dos chaveiros do rei, os chaveiros do Rei Jorge...

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Qual o sábio que é chamado "Pai da Medicina":
- Heródoto?
- Hipócrates?
- Sêneca?

2 Qual o ponto mais oriental do Brasil:
- A ponta de Mucuripe, no Ceará?
- O cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco?
- O cabo Branco, na Paraíba?

3 Que nome deram a Nova York, ao ser fundada:
- Nova Amsterdam?
- Hudson?
- Nova Jersey?

4 Qual o nome completo do Rio Grande do Sul:
- Pampas do Rio Grande do Sul?
- São Pedro do Rio Grande do Sul?
- Santa Maria do Rio Grande do Sul?

5 De onde vieram os primeiros povoadores de Los Angeles:
- Da América do Norte?
- Da Espanha?
- Do México?

6 Qual o idioma cujo alfabeto possui o maior número de caracteres:
- O chinês?
- O árabe?
- O mongol?

7 De que nação é o engenheiro considerado o construtor de Hong-Kong:
- Da Inglaterra?
- Da China?
- De Portugal?

8 Como se chamou a pessoa branca que viu, pela primeira vez, o oceano Pacífico:
- Cristóvão Colombo?
- Vasco Nunes Balboa?
- Américo Vespúcio?

9 Em que cidade foi inventada a profissão das "taxi-girls" (bailarinas contratadas nos "dancings"):
- Em Paris?
- No Cairo?
- Em Changai?

10 De que Estado era filho o grande pintor Pedro Américo:
- De S. Paulo?
- Da Paraíba?
- Do Estado do Rio?

11 Em que cidade Pedro Américo pintou a célebre tela "Batalha de Avaí":
- Em S. Paulo?
- Em Paris?
- Em Florença?

12 Com quem ocorreu, no Rio, o primeiro acidente de automóvel:
- Com o chauffeur de Rio Branco?
- Com o poeta Olavo Bilac?
- Com Rui Barbosa?

13 Que nome se dava, no nordeste do Brasil, ao atual samba:
- Tango?
- Polca?
- Baiano?

14 Domingos Fernandes Calabar, passou-se para os holandeses:
- Por ambição?
- Por traição à Pátria?
- Por idealismo patriótico?

15 Que significa a palavra palíndromo:
- Pista de corrida de rãs?
- Um conjunto de moléstias?
- Verso ou frase que tanto se lê da direita para a esquerda, como da esquerda para a direita?

16 Qual o nome de batismo do escritor João Luso:
- Anselmo Figueiroa de Erse?
- Armando Erse de Figueiredo?
- Arnaldo Figueira Erse?

17 O nome Xavier da Silveira dado a uma das ruas de Copacabana, lembra:
- Um prefeito do Distrito Federal?
- Um herói do Paraguai?
- Um escritor?

18 De quando data, no Brasil, a lei que separou a Igreja do Estado:
- 15 de novembro de 1889?
- 24 de fevereiro de 1891?
- 7 de janeiro de 1890?

19 Que nome tinha o pensador que fundou a Religião da Humanidade:
- Francisco Bacon?
- Augusto Comte?
- Cardeal Richelieu?

20 Em que ano o povo do Rio se revoltou contra o monopólio da carne verde:
- 1889?
- 1902?
- 1908?

(Respostas na página 58)



AUDIÇÃO DE PIANO DA MENINA AURIMAR REGINA

Realizou-se no Auditório do Ministério da Educação, em dezembro p. findo, uma audição de piano da menina Aurimar Regina, aluna da Professora Elza Vassimon, encerrando assim com pleno êxito o seu ano letivo. A pequenina pianista, de apenas 5 anos de idade, é filha do Dr. Henrique Cardoso de Castro, Assistente do Prefeito do Distrito Federal, e de sua exma. esposa Sra. Dagmar Geny Martins Cardoso de Castro. Ao recital compareceu seleta assistência que não se cansou de aplaudir os dotes artísticos e inteligência precoce revelados por Aurimar Regina.

CICLISTAS!

Este é o novo



O MAIS PERFEITO FREIO CONTRA PEDAL DO MUNDO

FARRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LIMITED

BIRMINGHAM .... INGLATERRA

VESPERAS DE CARNAVAL









OS MEIOS DE TRANSPORTE ainda hoje usados pelo nosso homem do campo são deveras primitivos. Enquanto o Cais do Pôrto, aqui no Rio, está abarrotado de automóveis de luxo, muitos ali abandonados, sem que os donos os reclamem, nossos irmãos sertanejos lutam com dificuldade para encontrar veículos mais apropriados para se deslocarem

NÃO VALE A PENA PLANTAR BATATAS

Mecanização da lavoura ★ Por que abandona o agricultor o campo pela vida da cidade? ★ Finalidade do Serviço de Informação Agrícola ★ Precaríssima a verba destinada ao Ministério da Agricultura ★ A reforma agrária

Reportagem de M. MERCEDES SANTOS

PROCURAMOS, na reportagem anterior, demonstrar da maneira mais objetiva e no plano geral, a situação da agricultura e do homem do campo em nosso país. Mostramos o desajustamento existente no que se refere ao pequeno agricultor, desajudado de tudo e de todos e tendo que aceitar uma luta desanimadora porque não pode fugir do aniquilamento, de vez que, trabalhando a terra por processos rudimentares, dela não consegue tirar sequer o próprio sustento à medida que tudo encarece e sua produção, embora chegando aos centros consumidores por preços absurdamente altos, não é a êle que remunera mas aos "intermediários" gananciosos e organizados. Sofrem, assim, as populações pobres de produtores e consumidores, enquanto enriquecem os que apenas estão a meio caminho entre ambos e, sem maior esfôrço, recolhem e distribuem as safras.

E, quando aludimos à inércia dos governos em face da situação existente, pensamos menos em culpar o Ministério da Agricultura, do que os responsáveis pela elaboração e execução do orçamento.

Incontestàvelmente, aquele Ministério conta com técnicos de grande valor e, o que não é menos importante, de inexcedível dedicação. Falta-lhes, porém, os meios para a realização da obra que sentem cada dia mais urgente por isso que, conforme já acentuamos no número passado, cada dia se torna mais difícil ao homem do campo a luta que está travando, desaparelhado dos meios modernos e compensadores que por tôda parte permitem produção farta a preço baixo com facilidade de colocação rápida nos centros consumidores, tudo isso significando maiores lucros para os produtores e melhores condições de aquisição para o povo.

MECANIZAÇÃO DA LAVOURA

Quando cuidamos da vida do homem do campo tratamos quase exaustivamente dêste tema. Mostramos, então, que o homem já se redimiu em quase tôda parte do castigo que lhe foi impôsto por ocasião do pecado original... A máquina, em outros setores, como no campo, já não exige quase o suor do rosto para o sustento do homem.



OS CARROS DE BOIS ainda constituem para o agricultor brasileiro, o meio de transporte mais rápido e eficiente. Ninguém pensa, por enquanto, em substituí-lo



APESAR DE SER a criação de gado, em todos os centros civilizados uma das maiores fontes de renda, o mesmo não acontece entre nós, pela inconcebível falta de transporte



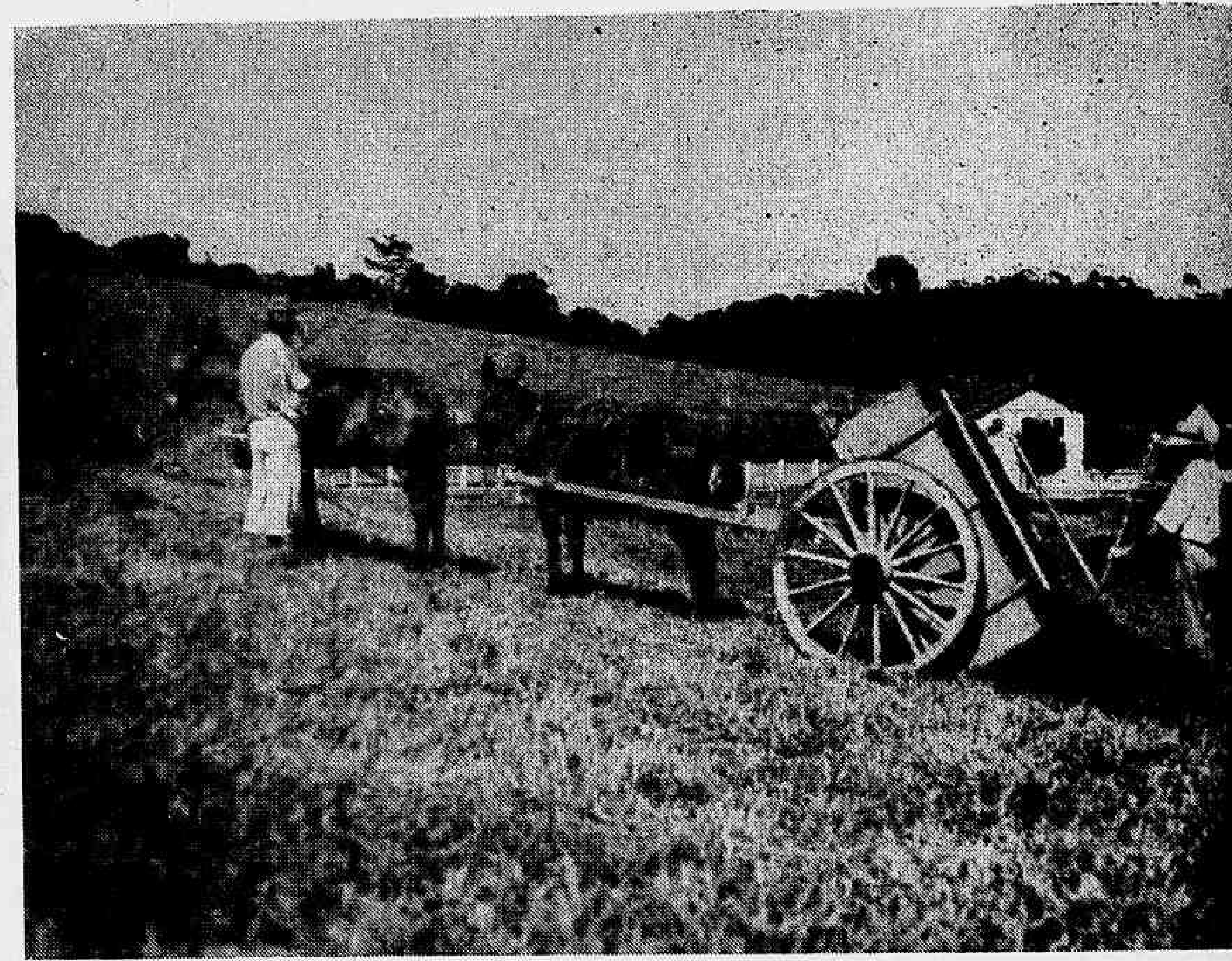
AS FAMÍLIAS numerosas, sem confôrto e assistência médica, constituem os eternos flagelados. Nossa gente do campo vive à míngua de auxílio, esquecida pelos governos



ÊLES LUTAM para tirar da terra o seu próprio sustento e são, realmente o braço direito do Brasil. Entretanto nesse aspecto, vemos a miséria contrangedora em que vivem



OS CASEBRES sem nenhuma higiene, levantados ao Deus dará, espalham-se por tôda parte e são um atestado da falta de assistência social em que vive o nosso sertanejo



AS CARROÇAS ainda são os meios de transporte utilizados pelos mais privilegiados. Ter um veículo dêsses e aproveitá-los nas jornadas de lavoura, eis o sonho de muitos

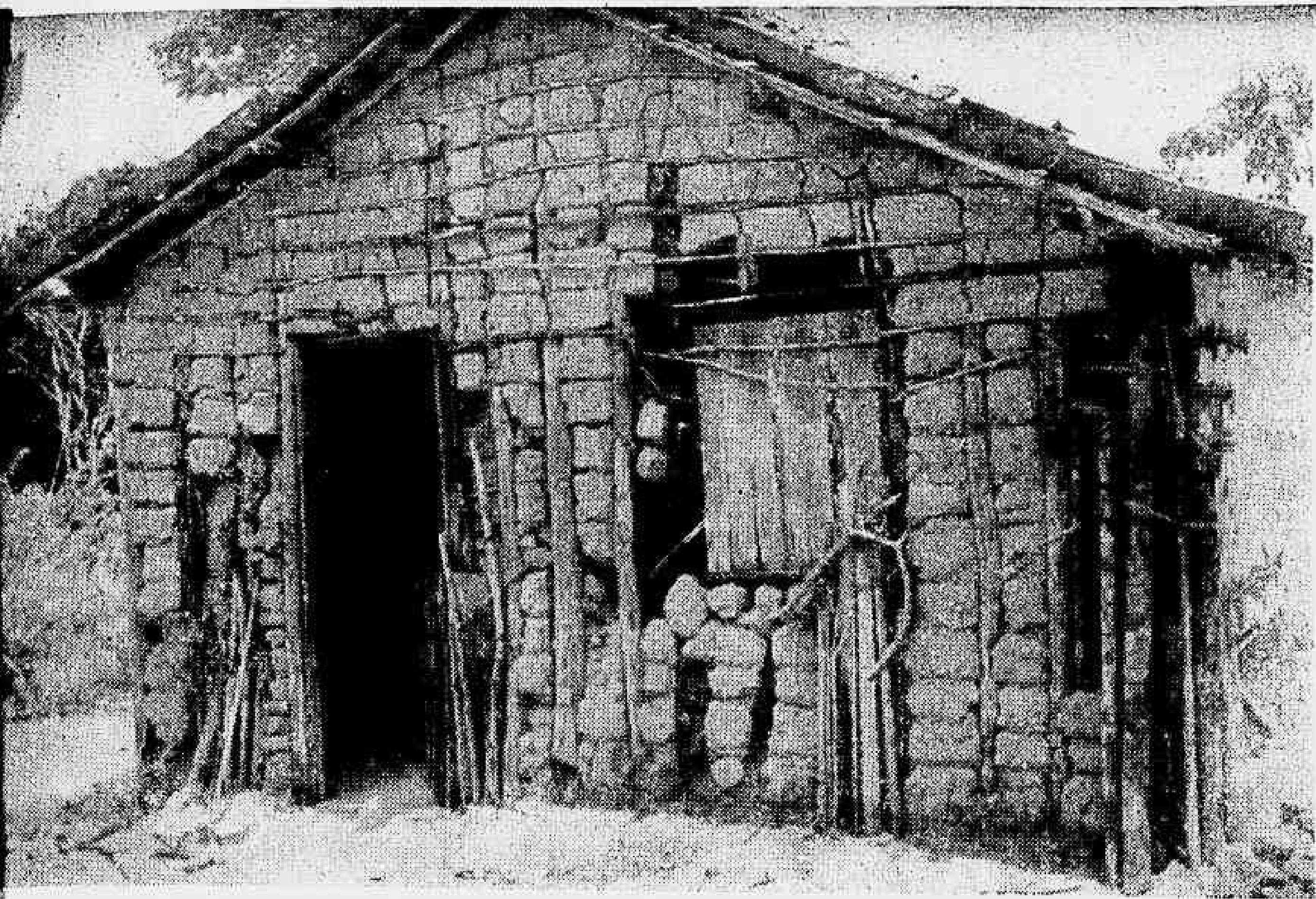


A FOICE é ainda o processo usado pelo pequeno agricultor na colheita do arroz. E enquanto vamos importando geladeiras, discos, automóveis de luxo e tantos objetos dispensáveis, êle vive abandonado à sua sorte, com os processos mais arcaicos de agricultura. Decididamente, o sertanejo é o homem intrépido e forte a que aludiu Euclides da Cunha

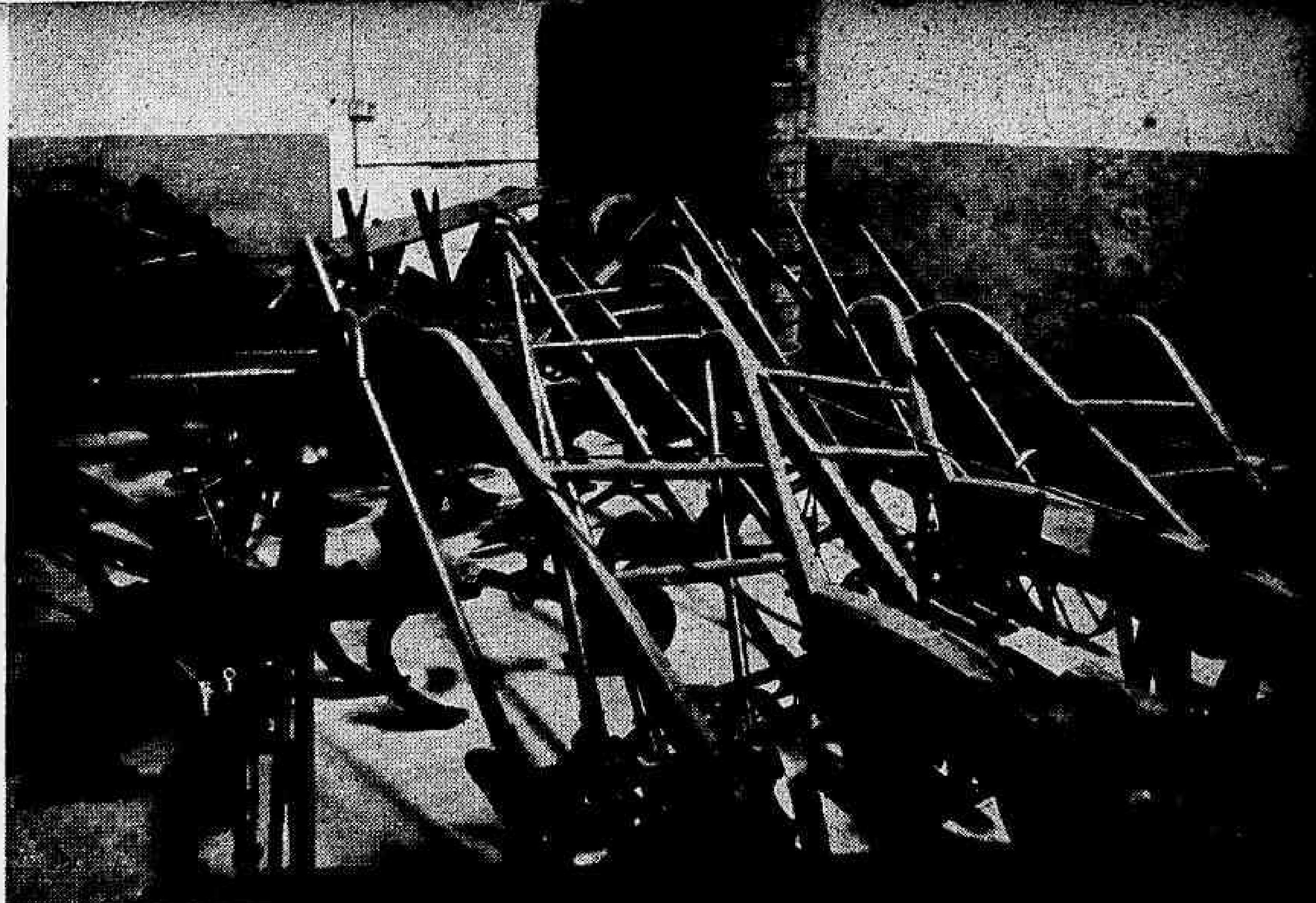
No Brasil, entretanto, ainda não é assim. Continuamos, apesar das restrições, a comprar muito mais automóveis de luxo do que caminhões e a receber rádios, geladeiras, vitrolas e discos — e não tratores, semeadeiras e máquinas de beneficiamento. Sonhamos — e que sonho caro! — possuir uma fábrica de aviões e outra de seus respectivos motores, sem cuidar antes da base que permitiria à população os meios de adquiri-los em grande escala — única forma de se tornar econômica a produção de aviões de treinamento médio — base essa que só poderia provir da prosperidade de muitos, feita através da grande e variada produção agrícola — e industrial também, é claro — com movimentação maior do meio circulante e desenvolvimento das riquezas particulares. Um país que só tem um punhado de homens a enfeixar em suas mãos todos os meios de produção e contrôle não pode se dar ao luxo de fabricar aviões. Êsses homens são poucos para consumir tantos motores. Ao contrário, são milhões os que, nos campos, estão à espera de máquinas muito mais baratas para o desenvolvimento de nossas reais possibilidades.

E se o nosso homem do campo ainda vive é porque, resignado, ignorante, heróico na sua teimosia, não reclama um mínimo de confôrto, desconhece rudimentares princípios de vida social, atravessa tôda a existência com dois ou três pares de sapatos que não calça e se alimenta como pária. Mesmo os que têem imigrado após esta guerra deixando atrás de si a terra arrasada, não vêm aqui viver o drama de miséria que nosso homem do campo sempre conheceu e, por isso mesmo, não avaliam o próprio infortúnio e as condições de miserabilidade, que encontra neste *mundo melhor* de que tanto se fala.

Por falar em mecanização da lavoura, nada melhor para esclarecer e recordar que as declarações do antigo ministro e técnico, o sr. Apolônio Sales, à imprensa, ao regressar de uma viagem aos Estados Unidos. E' que s. s. revelou um espanto (que o conhecimento das estatísticas não deveria ter deixado existir) em face da produção de milho de uma das menores unidades da federação norte-americana. Do tamanho de Pernambuco, êsse Estado, sòzinho, produziria mais milho que todo o Brasil. E nós éramos, então, o quarto ou quinto produtores de milho de todo o mundo. Tudo, concluiu o **ministro, graças à mecanização da lavoura.**



SATURADO de tanto desconfôrto e miséria, é natural que abandone o campo para viver pelas latadas, nas cidades, onde a natureza, apesar de tudo sempre é mais pródiga



PELOS APERFEIÇOAMENTOS técnicos dêstes instrumentos agrários, podemos avaliar a intensidade do trabalho da nossa lavoura. Sem êles, o agricultor não pode fazer milagre



SEM NENHUMA proteção adequada ao plantio do arroz, o nosso pequeno agricultor entrega-se a êsse penoso e detestável trabalho, horas a fio. E por isso produz menos



A MECANIZAÇÃO da nossa lavoura — eis um problema que urge imediatas providências. Quando tais providências forem tomadas, o cáos da nossa agricultura terá fim

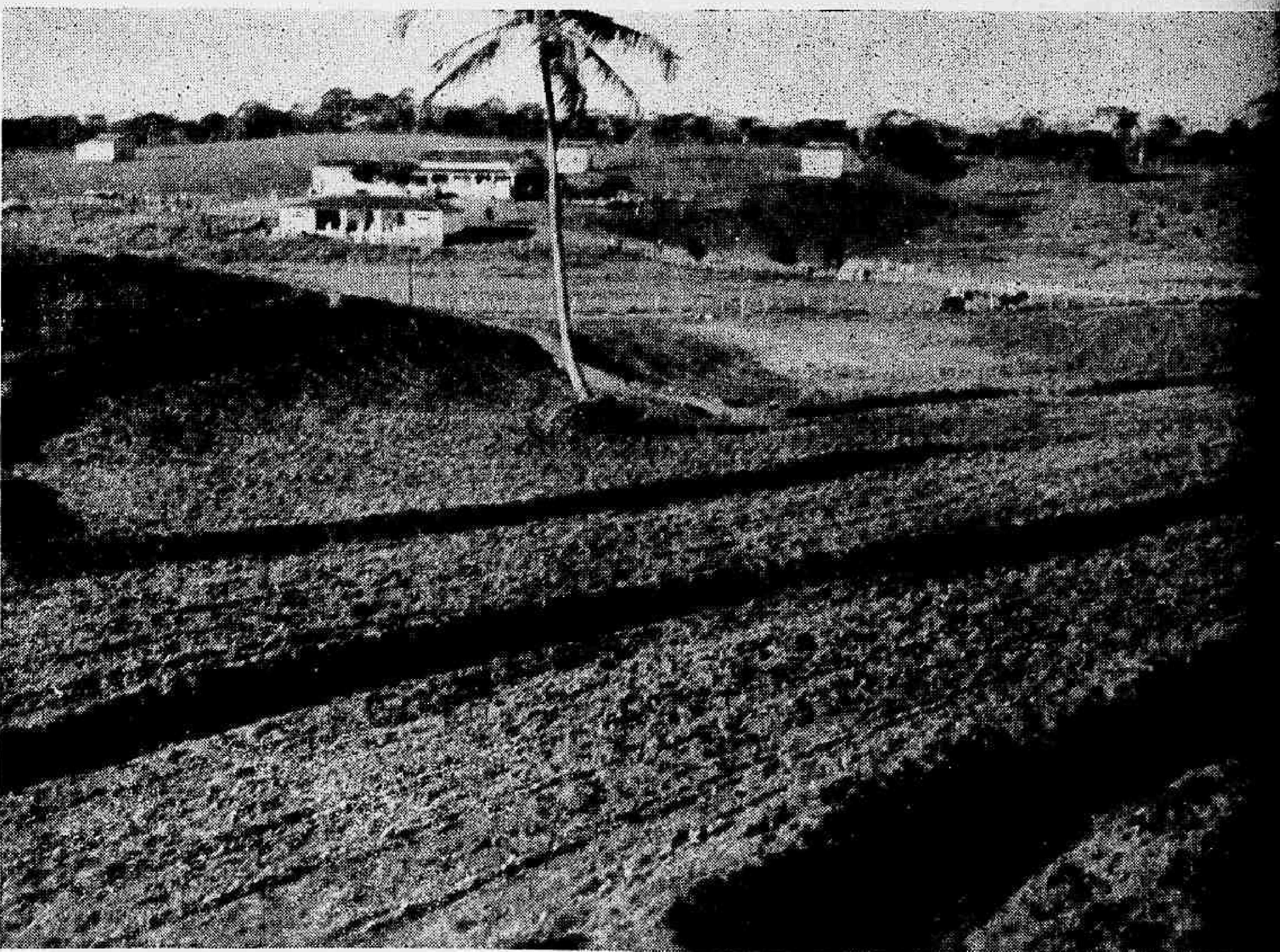
POR QUE TROCA O AGRICULTOR O CAMPO PELA VIDA DA CIDADE?

O que deveríamos perguntar, realmente, seria: — Por que ainda há homens que trabalham no campo? Não é o que espanta, depois de visto o quadro real da situação? O homem do campo vem para as cidades por ser naturalmente atraído pela miragem dos salários industriais e do comércio que, para os seus, minguados e eternamente insuficientes, parecem nababescos. Mas, nem êle está preparado para as tarefas das indústrias e do comércio, nem a nostalgia do campo lhe permite a fixação. Dêsse modo, sempre que lhe sobram recursos regressa ao campo desiludido, com o que não só parece ser um exemplo negativo aos que lhe desejavam seguir as pégadas, como um insatisfeito para o resto da existência, passando a ser um homem inútil a si mesmo e à nação. E' um paradoxo vivo a desorganizar a sociedade. Outras vêzes, êle é atraído à cidade apenas pela ilusão e a natural atração do meio mais civilizado e cheio de encantamentos que, afinal, não estão ao seu alcance. O que abandona o campo por êsse motivo não retorna mais e fica pelas cidades, entregue ao vício, à mendicância e ao crime. Há ainda — esta uma classe nova de elementos do êxodo do campo — os que se cansaram de esperar a chegada das leis sociais ao campo. Nas cidades, afinal, vêem que elas não valem tanto e que são mais um engôdo demagógico do que a liberdade das caatingas ou dos sertões...

FINALIDADE DO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

Tendo completado dez anos de existência, o Serviço de Informação Agrícola vem empreendendo, inegàvelmente, louváveis esforços no sentido de cooperar com os demais órgãos técnicos do Ministério da Agricultura no sentido de orientar os produtores e trazê-los informados àcerca das atividades de que vivem. E' sobretudo através da imprensa e do rádio que o S.I.A. desenvolve o seu programa de ação. A atuação da imprensa — 15 mil notas em dez anos — é a que menos atinge o objetivo, se considerarmos que a penetração do jornal

(Cont. na pág. 46)



COISA RARA no interior do Brasil é ver um solo bem cuidado. A falta de instrumentos apropriados é a causa. Por mais incrível que pareça, o nosso serviço de agricultura oficial não possui ainda uma seção especializada nesse assunto. E enquanto ela não existir, não se pode reclamar do nosso homem do campo o aumento da produção agrícola



O GRUPO FOLCLÓRICO

Os famosos "Pauliteiros de Miranda do Douro", tradicional grupo folclórico português, tal como se apresentam em suas excursões dentro e fora do país. E' o grupo constituído por moças e rapazes da região, cantando e bailando. Usam trajes regionais, um curioso guarda-roupa, e instrumentos peculiares da sua terra. Fala-se que êles virão ao Brasil

OS PAULITEIROS DE MIRANDA DO DOURO

DECIDIDAMENTE, Portugal é um país que sabe atentar na riqueza das suas tradições populares, que procura arquivar, selecionar e depurar os valores essenciais do seu genuino folclore, praticando òbviamente uma função cultural de suma importância.

Agora mesmo fala-se que virá ao nosso país o conjunto típico dos Pauliteiros de Miranda do Douro, e se tal coisa suceder, é certo que nós, brasileiros, conheceremos um dos ranchos folclóricos de maiores tradições da terra irmã. Trata-se de um grupo regional que se apresenta em danças e bailados andantes, corais polifônicos, coros com acompanhamentos, quadros vivos da vida Mirandesa, vestindo seus trajes pitorescos e despertando o mais vivo interêsse. Recentemente, os Pauliteiros visitaram Londres, onde foram muito aplaudidos, em suas atuações no Albert Hall. O grupo leva consigo largo repertório constante de dezenas de canções, bailados e corais religiosos, desintegrados do "Auto da Paixão", levando como assistente e capelão, o etnógrafo Padre Antônio Mourinho, sócio correspondente do Instituto Português de Arqueologia e de várias sociedades folclóricas americanas. O mesmo sacerdote acompanhou os Pauliteiros, depois, na sua jornada às colônias africanas. As exibições que se efetuaram em Luanda, marcaram época.

★

A principal razão do êxito dêsse grupo folclórico atribui-se à grande variação numérica e qualitativa dos números que apresenta. Essas caracteristicas do folclore mirandês, são o motivo porque os seus filhos se destacam **em tipicismo**, de qualquer outra região de Portugal. Têm os Pauliteiros, bailados rajanos, fandangos, passados, jogos de roda, com coros a uma ou a várias vozes, acompanhados de gaita de fole, tambor e bombo, castanholas e ferrinhos. Desde as cantigas de tempos medievais, ainda hoje repetidas em muitos lugares da província, aos romances, às canções da ceifa, do lar, de embalar, canções dolentes, marchas, outras de ritmo eclesiástico, profanas ou inteiramente religiosas, de um religiosismo medieval cheio de unção — tudo está incluido no seu repertório.

Em Madrid, a visita dos Pauliteiros fêz-se no mês de junho do ano passado, e ali o mesmo sucesso se fêz sentir. No Concurso Internacional de Danças e Canções levado a efeito na capital espanhola, o júri deu a Portugal o prêmio de honra, por ter sido o único país que se fêz representar com tal soma de valores folclóricos. Cantaram e dançaram os Pauliteiros, no Parque do "Buen Retiro", onde as simpatias e os aplausos foram unânimes.

O cancioneiro popular lusitano, um album vivo de côr, de movimento e de candura, imagem ardente e vivaz da natureza lirica e sonhadora da gente portuguêsa, está admiràvelmente representado por êsse conjunto. As danças e cantares do país, tão variados e belos, constituem motivo opulento para romancistas e poetas. Nos bailes de roda, algarvios, acentua-se por exemplo o ritmo da "polka-marcha", quer seja acompanhada pelo "fole", pela "flauta" ou ainda pela guitarra acompanhada pelos ferrinhos e o bandolim.

Os bailaricos das romarias provincianas, lá estão também: Os "viras" alegres de inúmeras variantes no Minho, dançados ao som do harmônio; a dança do Rei David, muito peculiar em Braga, a Dança de Paulitos, celebérrima em todos os Trás-os-Montes, a chula, os viras e os descantes da Beira Alta, o fandango e os jogos de roda da Beira Baixa, ainda o fandango da Extremadura, o bailarico e o verde-gaio, a contradança e o polqueado do Alentejo, tudo é reproduzido às maravilhas por êsse conjunto folclórico.

Todos os povos dançam e cantam, principalmente os europeus. O apuro civilizador, instrumental nativo, o isolamento ou o contacto com a evolução musical, fixa ritmos bailantes, tonalidades e melodias tipicas. Os motivos folclóricos portuguêses encontram nos Pauliteiros, excelentes divulgadores.

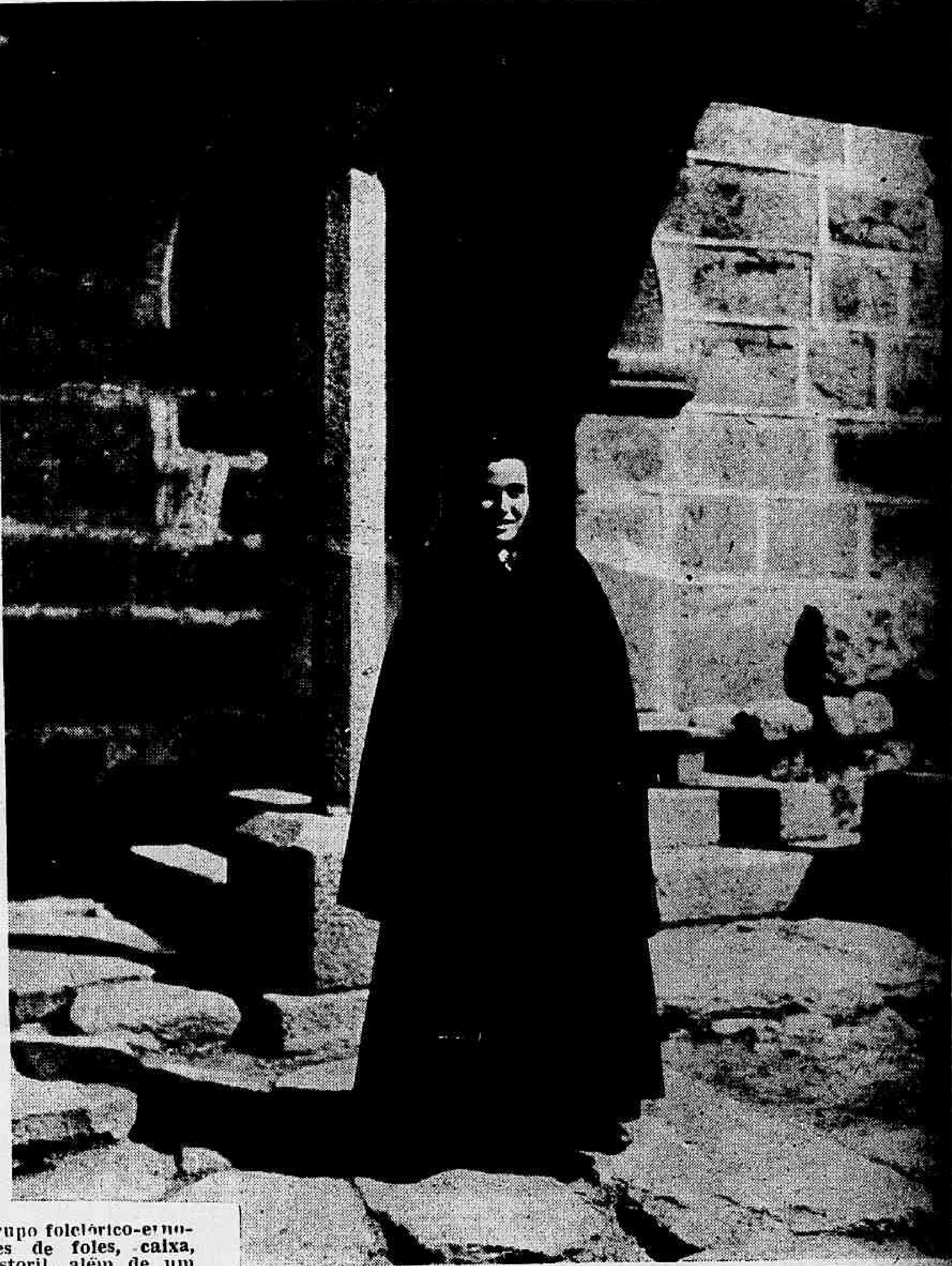
Se fôr confirmada a notícia da vinda dos Pauliteiros à nossa terra, êsse terá sido, por certo, um magnífico presente de arte popular que nos vai ser proporcionado.



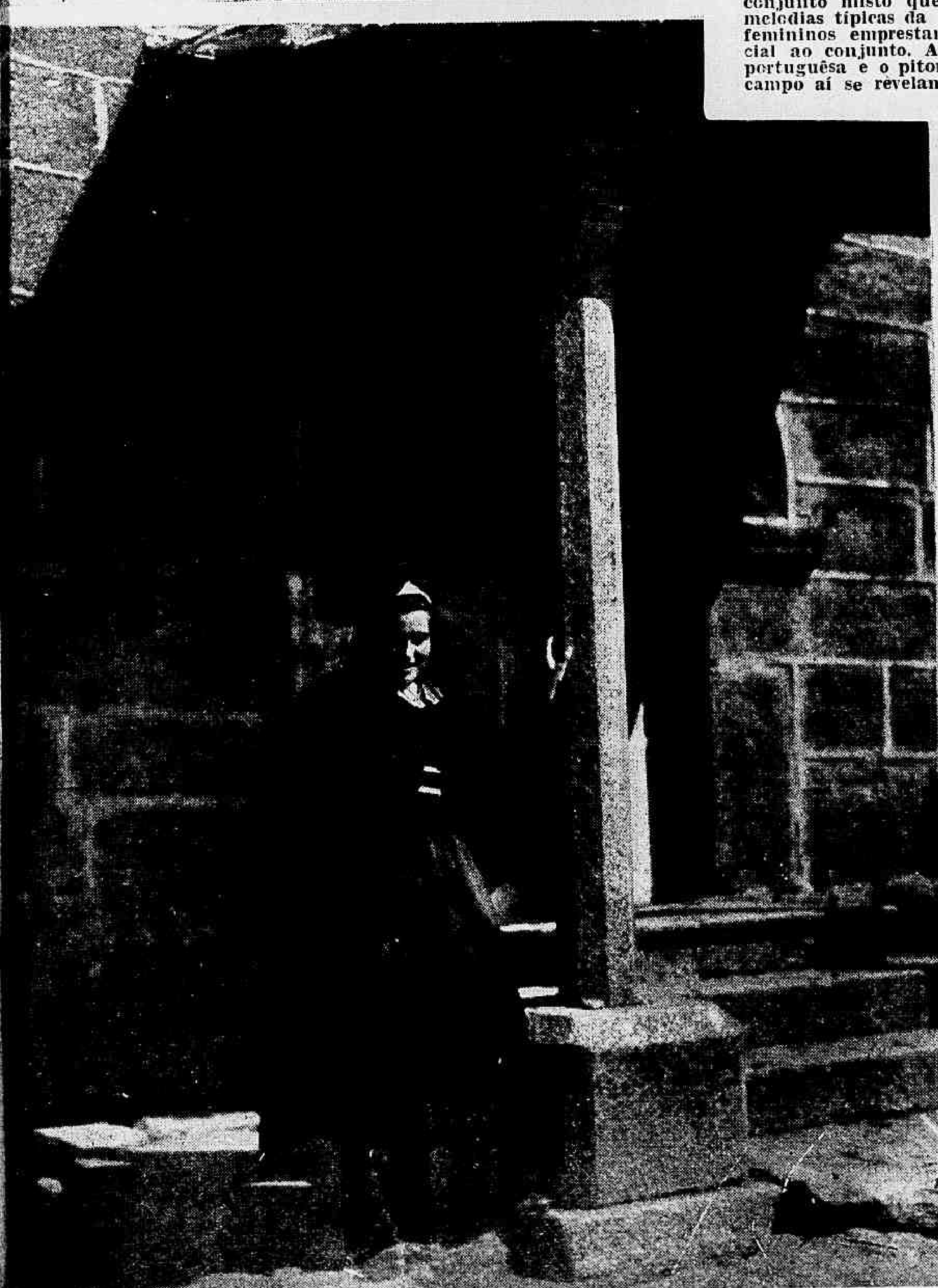
PAULITEIROS

E' assim vestem e se apresentam os Pauliteiros e assim vivem, entre montes protetores, como que numa ilha perdida no oceano, nos confins da terra portuguêsa. Assim dançam





Figuras avulsas do grupo folclórico-etnográfico — tocadores de foles, caixa, bombo e flauta pastoril, além de um conjunto misto que se faz ouvir nas melodias típicas da região. Lindos tipos femininos emprestam uma graça especial ao conjunto. A beleza da mulher portuguêsa e o pitoresco do homem do campo aí se revelam em sua plenitude









"REVEILLON" NO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

No dia 31 de dezembro último, o Jockey Club Brasileiro realizou nos salões de sua aristocrática sede, o "Reveillon de Ano Novo" que conta todos os anos com a presença dos elementos mais destacados de seu quadro social, e suas exmas. famílias. A festa, como sempre acontece, esteve animadíssima, e decorreu num ambiente de requintada distinção e elegância. Nas fotos que ilustram esta página vêem-se, entre outras pessoas de projeção no seio da tradicional agremiação turfista, os Srs. Dr. Pôrto da Silveira, Dr. Albert Fadel (em cima, à esquerda e à direita, respectivamente) e o General Lima Câmara (na foto ao lado). Em baixo, aspectos de um dos salões e da entrada do Jockey.







TUDO ISTO ACONTECEU

DIREITO DE MATAR

A civilização humana, através de todos os seus progressos, conquistas e glórias, defronta-se, de quando em quando, com certos problemas que lhe dividem as opiniões.

Um dêsses é o caso da "eutanásia", ou o direito de matar exercido pelos médicos diante de casos absolutamente perdidos na luta entre a cura e uma moléstia indomável.

Na verdade, há certos doentes sem cura que levam uma vida dolorosa, sem esperanças, vida de terríveis sofrimentos, que mais valia ser apagada pela morte.

Chamado o médico, êste receita paliativos, doses anestésicas, beberagens ou drágeas para fazer dormir; mas, no dia seguinte, ou quando a droga eliminadora da sensibilidade deixa de fazer efeito, volta o mal a martirizar o enfêrmo.

Para tais casos foi lembrada a eutanásia, palavra que significa "morte bela", "morte perfeita", "morte ideal"...

Sábios a têm defendido. Muitos



juristas acham que o médico pode aplicá-la sem qualquer atentado à dignidade humana, ao sentimento cristão. Mas a grande maioria dos juristas, dos legisladores e dos próprios médicos acha que a ninguém é dado o direito de abreviar, consciente e voluntàriamente, a vida de outrem. A morte é um fenômeno biológico e fatal; mas é preciso que todos esperem pela foice da Parca, deixando a Deus êsse direito de matar.

Está acusado de ter praticado a eutanásia, em Manchester, o dr. Hermann N. Sander, na pessoa da sra. Abbie Barreto, de 59 anos, atacada de câncer incurável. O tribunal decidiu que êle fique em liberdade, mediante fiança de 25 mil dólares até que se apure o caso. E' mais um episódio sensacional para a história da Medicina

MEDO DOS JUROS

Esta agora é de espantar um paralelepípedo. Quem já viu dizer que um Banco tivesse medo de juros? Não vivem êles rogando que o povo faça depósitos em seus cofres? Não dizem que, se pagam juros a depositantes, muito mais já ganharam, por outro lado, daqueles que pedem emprestado?

Até agora nunca se viu ou ouviu dizer que juro espantasse Bancos...

Pois êsse fenômeno acaba de acontecer. Foi em Baton Rouge, na Louisiania, Estados Unidos.

O Banco Nacional daquela cidade recebeu, em 1933, de dois depositantes, cinco dólares de cada um. Sucede, porém, que tal depósito se revestiu de características originais e inéditas: R. E. Collins e John Stotler fizeram a seguinte aposta: cada um dêles depositaria cinco dólares pelo prazo de 500 anos. Se, passados êsses cinco séculos, o edifício do Capitólio do Estado de Louisiania



ainda estivesse de pé, aquêle que ganhasse deixaria aos seus legítimos herdeiros a bolada.

A princípio o Banco Nacional de Louisiania achou até graça na novidade; mas, à medida que o tempo passava — e lá se foram dezessete anos — já não parecia muito divertida a idéia daqueles clientes seculares.

Entregaram o assunto a um perito contador para que fizesse os cálculos e respondesse quanto teria o Banco de pagar aos herdeiros dos apostadores, no ano da graça de 2433. E o cálculo lhes foi apresentado: dois biliões de dólares!

O Banco chamou os apostadores e ofereceu desfazer o negócio entregando-lhes os cinco dólares de cada um, mais juros no valor de um dólar e sessenta centavos...



HOTEL À PROVA DE FERAS

No futuro, quem visitar as selvas africanas, em excursão de férias ou disposto a caçar alguns animais bravios, ali há de encontrar todo o confôrto desejado por um turista "raffiné". As primeiras experiências nesse sentido estão sendo feitas com a localização de aprazíveis hotéis, em pontos estratégicos, no tôpo das árvores — hotéis aos quais poderemos denominar, com fundamento, de serem à prova de feras. No continente negro não é muito difícil deparar com os bichos mais indesejáveis... Leopardos, rinocerontes, elefantes, até mesmo em alguma parte da região tipos atraentes do Rei dos Animais, andam à sôlta, é claro. E como não se descobriu ainda modos nem maneiras de os domesticar, a ponto de deixarem em paz o ilustre visitante da sua zona privilegiada, indivíduos de larga visão resolveram construir, por conta própria, hotéis do tipo dêsse que se vê na gravura. Recentemente, uma caravana de um Jardim Zoológico norte-americano — de San Diego, California — instalou-se confortàvelmente nessa casa de hóspedes, de onde pôde assistir a alguns maravilhosos crepúsculos e outros tantos despertar da aurora. Os ruídos noturnos — urros e silvos estridentes dos perigosos elementos do "habitat" — devem ter proporcionado aos ativos funcionários do zoo alguns momentos de viva emoção. Mas nada mais podia acontecer, porque o hotel é cem por cento à prova de ataques dos animais selvagens. E lá dentro o jantar é apetitoso, o aperitivo bem cuidado por um especialista "barman", e o custo de uma diária não vai além de vinte e cinco dólares. Que tal escolher um hotel dessa natureza para passar a lua de mel, senhores leitores noivos?

GUERRA AO SAMBA

E' muito interessante a notícia que os nossos jornais divulgaram, há pocos dias, vinda de Praga, capital da Tchecoslováquia, acêrca do samba. Segundo os telegramas, o jornal sindicalista "Prace", daquela cidade, tendo recebido de um dos seus leitores uma carta contra a influência do samba nos meios operários do país, advoga a volta à "polka", coreografia nacional e que fêz as delícias dos bailarinos dos salões do século passado e começos dêste.

E' curioso, porém, observar que o missivista acha que o samba foi inventado voluntàriamente pelo Brasil para distrair a atenção do operariado quanto a sua miséria, devendo, por isso ser proibido na Tchecoslováquia.

Embora haja exagêro e êrro histórico na conclusão do jornal e do missivista, esta história de samba no Brasil já tem, em verdade, causado discussões muito interesantes em relação às questões sociais.

Devem todos estar lembrados de que já houve um Ministro do Trabalho que declarou guerra ao samba, por julgá-lo, exatamente, uma concepção musical inimiga do trabalho. Para isso o Ministro citou mesmo um samba que diz assim: "Trabalhar? Eu não!"

Mas o samba não foi inventado deliberadamente pelo nosso govêrno. Êle (o samba, coitadinho!) é um produto de nossa mistura racial e tem seus fundamentos no sofrimento africano em terras brasileiras. Seu ritmo, sua cadência, sua melancolia, é afro-brasileira. A letra, conforme as épocas, mais choronas, menos lânguidas, satíricas, alegres, melancólicas, de acôrdo com épocas, meios e poetas. Mas... outras "pragas" contra o samba virão...

TUDO ISTO ACONTECEU



CASAMENTO INDISSOLUVEL

De acôrdo com leis divinas e humanas, certos países estabeleceram a indissolubilidade do matrimônio, o qual sòmente com a morte se desfaz. E' uma tradição cristã que sòmente a morte separa os cônjuges.

Noutros países — e são êstes a enorme maioria — as leis civis permitem o divórcio, a separação absoluta de corpos e de bens, indefinidamente, de acôrdo com as sentenças judiciárias ou as combinações amigáveis.

Mas quem determina êsse destino não é a lei humana; é, sim, a lei do espírito. Vejam os leitores o que ocorre com o casal George Gobens, de Lucas, Estados Unidos, país de divórcio a vínculo. Estão casados há oitenta anos e jamais se separaram um só dia e uma só noite!

Quando Walter Wanger, produtor cinematográfico de Hollywood, rodou o filme "Eternally Yours", mandou proceder a um concurso de persistência no casamento em todo o país, tendo batido o recorde êsse admirável casal George Gobens.

Lucas, pequenina cidade norte-americana, até então só era conhecida por ter sido o berço do sindicalista John L. Lewis; hoje, porém, Lucas é conhecida de tôda a nação americana por ser o paraíso dêsse casal de velhinhos simpáticos e felizes numa união matrimonial de oitenta anos...

Casaram-se aos dezesseis. Êle foi um dos soldados da guerra civil, e, ao passar por uma fazenda de Iowa, viu Elizabeth, enamorou-se e casou. E viveram felizes até agora. Vitoriosos no concurso, fizeram a primeira viagem nestes últimos vinte anos... Quem os mantém unidos? A lei? Um preceito religioso? Ou o Amor?

A Côrte Celeste

O exemplo de Antônio Conselheiro, a história do Padre Cícero Romão Batista e outros casos de pobreza social no Brasil, estão, de quando em quando, oferecendo novos episódios de natureza supersticiosa em nosso país.

Ainda hoje, nas regiões de Canudos, há quem afirme que Antônio Conselheiro não morreu, e se morreu, ressuscitará para implantar seu novo Reino entre os homens e punir os hereges...

E o Padre Cícero? Foi a maior figura de "Santo" no nordeste do Brasil. Seus milagres contam-se às centenas, e, ainda hoje, dizem os seus fiéis veneradores que êle vai ressuscitar.

Já tardava um novo Messias. Êste acaba de surgir. Conforme telegrama que nos vem da capital cearense, o novo Salvador se chama João Miguel Farias, homem branco e de palavra fácil e convincente.

Veio êle do interior de Pernambuco e se instalou em Joazeiro, a Meca dos adeptos do falecido Padre Cícero. João Miguel fundou uma nova crença a que deu o nome de "Côrte Celeste", e tomou o nome de Messias, pois João Miguel é coisa muito vulgar, não convence ninguém.

Organizou a "Côrte", composta de homens e mulheres e lhes deu sede, um local próximo ao cemitério de Joazeiro. Como vestimenta, usam mantos coloridos como os vestidos que vemos nos santos. À cabeça, cada um dos membros da "Côrte Celeste" traz uma coroa. Ao pescoço, vários amuletos, rosários, bentinhos, etc., e um estandarte vistoso. A polícia, porém, que não acredita muito nessa história de "Côrte Celeste" vizinha a cemitérios, meteu tudo no xadrez; mas êles esperam pela vinda do Anjo Gabriel para soltá-los...

Grande complicação

O trono da Espanha vai suportar uma questão bastante curiosa e que poderá trazer ao país séria complicação até de natureza internacional.

Tudo gira em tôrno de um dos filhos do ex-rei Afonso XIII, o duque de Segovia, que, por ser surdo-mudo, não podia candidatar-se ao trono daquele país.

Sucede, porém, que êsse duque e herdeiro do trono é casado com uma senhora muito culta e inteligente, cantora da ópera de Viena, e, como mulher e artista, começou a procurar um meio de anular os impedimentos físicos que o espôso trazia e que tanto obstruíam os seus direitos à coroa espanhola.

Aconselhou a jovem e linda espôsa que o marido se submetesse a uma operação cirúrgica no aparêlho auditivo, e, com a ajuda de Deus, viesse a tornar-se normal como qualquer cidadão de sangue azul ou vermelho.

O duque foi à mesa de operação e teve a suprema ventura de recuperar a integridade de seus tímpanos.

Como o indivíduo só é mudo porque a surdez assim determina, logo que ficou ouvindo perfeitamente passou também a falar com segurança.

O duque de Segovia, ficando a ouvir e a falar passou a receber de sua consorte os mais veementes apelos: "Reaja, meu amor! Lute pelo trono que é seu por direito hereditário e pela graça de Deus!". E o duque se convenceu. Falando à imprensa de Paris o rapaz disse que, como não é mais surdo-mudo, está considerando a reivindicação do trono espanhol, não reconhecendo direitos ao seu irmão mais novo, conde de Barcelona. E o caso promete ferver...



QUE QUIXOTADA

Ao tempo do cinema silencioso, houve muita gente que se apaixonou por Francesca Bertini. Houve um negociante em certa cidade do interior de Pernambuco, homem casado e de certa idade, que era capaz de vender fiado tôda a sua grande e sortida loja, a uma senhora que se parecesse com a famosa "estrêla" do cinema italiano.

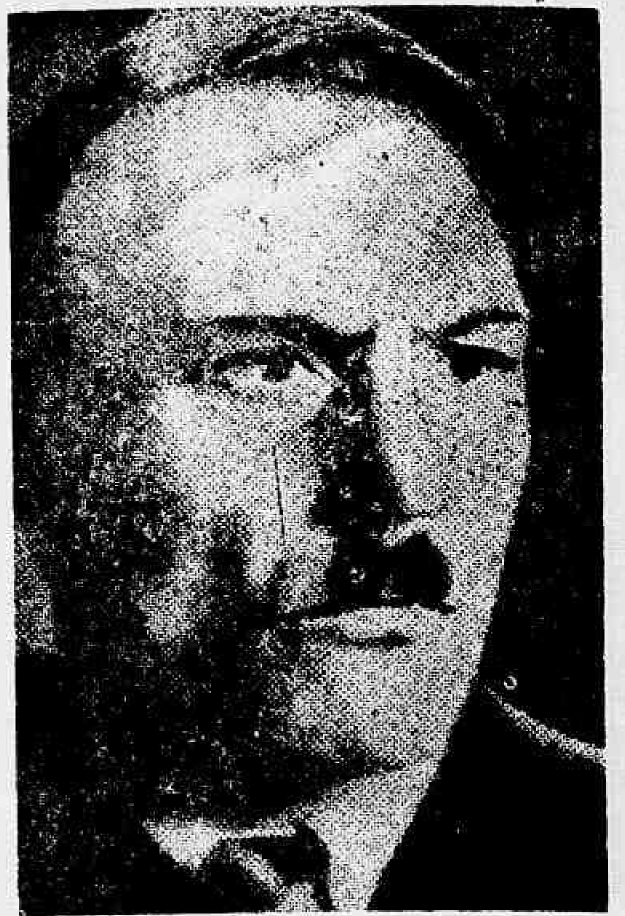


E como discutia! Para êle Bertini era a mulher mais bela, a maior atriz da tela do mundo até o fim dos séculos. Quando anunciavam um filme em que ela aparecia em todo o seu esplendor, o nosso herói era o primeiro a entrar na casa de espetáculos para ocupar um lugar de primeira na admiração da grande "estrêla".

No dia seguinte, todo aquêle que desejasse comprar mais barato ou pregar um calote no apaixonado, era só ir ao seu estabelecimento comercial e, como quem não quer e querendo, elogiar o desempenho de Francesca Bertini, falar apaixonadamente do seu talento, citar certas cenas em que ela deslumbrava com aquêles largos gestos dramáticos, repelindo os insultos do vilão, amparando os humildes, dando exemplos de honestidade, de resignação, de amor ao próximo.

Com isto o cliente levava o que desejasse para pagar amanhã...

Mas essa história de cinema é uma moléstia como outra qualquer. Não acaba nunca. Vejam o que ocorreu agora entre dois irmãos em Leon, pequena localidade da Nicarágua. Rosendo e Juan Vargas, depois de assistirem a uma exibição de Hedy Lamarr, discutiram, brigaram e se apunhalaram morrendo ambos...



PARECE-SE COM HITLER

Ao tempo do fastígio e do poderio social, militar e financeiro do ditador da Alemanha, não havia quem não gostasse de parecer-se com êle. Fascistas, bem entendido, pois que os democratas lhe tinham verdadeiro horror, e, por isso mesmo, morreram aos milhões em câmaras de gás, em experiências criminosas e na guerra de 39 a 45.

Mas, por incrível que pareça, ainda há, nos tempos que correm, e na própria Alemanha, pessoas que se apresentam em público com os sinais exteriores do grande assassino: bigodinho e pastinha.

Um dêsses órfãos do nazismo é o sr. Henrich Noll, da cidade de Frankfurt.

Sempre que um soldado da polícia militar dos Estados Unidos dá de ôlho nele, o detém e interroga, pedindo papéis de identidade. E' interessante acrescentar que até mesmo de cara êsse camarada se assemelha a Hitler.

Olhos, nariz, forma facial, queixo, tudo muito se parece com o que Hitler possuía; diz Henrich que essa semelhança muito o incomoda.

Da última vez que foi à presença das autoridades norte-americanas, houve até quem afirmasse que se tratava de Hitler...

Herr Noll protestou. Não era Hitler, pessoa a quem detestava, uma vez que sempre fôra contra êle, terminando por dizer: "Eu não gostava dêsse bode velho. Meu caráter não é igual ao dêle. Gosto de carne, cigarros e mulheres".

E o vão deixando em paz. Agora, porém, uma pergunta: por que os norte-americanos não ordenam ao sr. Noll que rape o bigodinho ou modifique seu feitio, bem como desmanche aquela pastinha?



A GREVE NOS ESTADOS UNIDOS

A 1.° de outubro do ano próximo findo, teve início uma das maiores greves de operários no país de Truman.

Philip Murray, presidente da United Steelworkers of America, ou seja, "União dos Trabalhadores de Aço" daquele país, dirigiu a todos os operários siderúrgicos da América do Norte um telegrama em fins de setembro, conclamando-os a entrar em greve no dia 1.° de outubro, ao meio-dia.

Estava, ass'm, declarada a enorme parede, a segunda da história dos Estados Unidos em número de grevistas e em volume econômico, pois a primeira ainda é aquela de 1946.

Nenhuma greve pode assumir tão sérias complicações econômicas como a do aço, na América do Norte. Tôda a nação fica prejudicada, crises sôbre crises se acumulam e tôda a nação se altera com a paralisação de fornos que são alimentados para garantir o enorme consumo do país.

Para ter-se uma idéia do que é a indústria do aço naquela poderosa república, basta que se diga ser de dois biliões de dólares, por ano, a soma total dos salários pagos nessa indústria.

Quarenta por cento dos salários industriais cabem à do aço, cujo nível de produção chega a 94 milhões de toneladas por ano.

Sendo os Estados Unidos o mais industrializado país do mundo, e estando a produção do aço ligada intimamente aos programas da defesa nacional, é fácil imaginar-se o que é, para aquela nação, uma greve de trabalhadores dessa indústria. Pois, a 1.° de outubro do ano findo, milhões de trabalhadores aderiram à greve pedindo aumento de salários. E' interessante registrar como fazem êles êsse movimento: desfilam calmamente, diante dos portões das fábricas, dos escritórios, etc., conduzindo cartazes, na frente e nas costas... Legítimos "homens-sanduíches".



O ÚNICO PEREGRINO

Calculam as estatísticas, que foram a Roma, por ocasião da abertura solene do Ano Santo, cêrca de dois milhões de peregrinos.

A palavra **peregrino** é antiquíssima e se refere aos estrangeiros que habitavam Roma e ficavam sujeitos a uma legislação especial.

O têrmo passou, depois, a significar aquêle que buscava os lugares santos para fazer suas penitências, pedir perdão dos pecados, reconciliar-se com Deus.

Peregrino era aquêle que andava dias, semanas, meses e anos, a pé subindo e descendo montanhas; atravessando baixadas, transpondo rios, dormindo, de favor, em estalagens e albergues muitas vêzes sem nenhum confôrto, ou à luz das estrêlas, à margem das estradas.

O peregrino que buscava os lugares santos era uma pessoa que inspirava confiança a quem os hospedava. Peregrinar passou, assim, a ter o significado de percorrer longos caminhos, suportar tôda espécie de dificuldades.

Com os meios de transportes rápidos, elegantes, cômodos de que dispõe hoje a civilização, uma peregrinação a Roma, aos lugares santos a Lourdes, a Fátima, em automóveis, belos transatlânticos, aviões gigantescos, perdeu sua característica dos velhos tempos do peregrino com seu cajado e sacola às costas...

Mas, como que revivendo os tempos das Cruzadas, houve um peregrino em Roma que foi, na verdade, verdadeiro peregrino. Chama-se êle Anthony Corrigan, tem 24 anos, ex-mecânico naval. Partiu de Oldham, Inglaterra, a 18 de outubro, a pé, chegando a Roma a 1 de janeiro, tendo sido hospedado gratuitamente pelos lugares por onde passava. Êste foi, talvez, o único **peregrino** em Roma...

Bisturi no coração

Não resta a menor dúvida: — da ciência médica a mais exata e perfeita é a cirurgia.

Enquanto um clínico sonda, apalpa, ouve o coração pelo estetoscópio ou pesquisa moléstias hepáticas com o auxílio das mãos em compressões exteriores, o cirurgião empunha o bisturi e realiza operações **in loco**, mesmo em órgãos de dificílima intervenção.

Agora mesmo, na cidade de Detroit, Estados Unidos, um cirurgião da Universidade de Watne, cujo nome, a pedido seu, não foi divulgado, praticou raríssima operação no coração de um paciente, fazendo-lhe duas incisões no interior daquele órgão vital.



O operado, Monroe Ferrel, de 42 anos de idade, padecia de estreitamento da válvula mitral, o que quase sempre é fatal.

Quando Ferrell se internou no hospital, disseram os médicos que o examinaram que sua vida estava por um fiozinho. Talvez não durasse mais que dois ou três dias.

Agora, porém, as probabilidades de viver alguns anos estão a seu favor numa proporção de oitenta para vinte, graças à intervenção cirúrgica.

O cirurgião, homem moço, de 34 anos de idade, tomou um bisturi e, com os cuidados que o caso requeria, localizou a válvula do coração que estava afetada, praticou duas incisões no coração do enfêrmo, tendo êsse órgão entre seus dedos, a pulsar ainda, como que esperando o milagre da ciência.

Feita a intervenção, o sangue passou a circular normalmente.

Segundo o cirurgião, tal operação não é sòmente difícil, mas muitíssimo rara.

Depois do trabalho que teve extraordinário êxito, o enfêrmo passou a locomover-se, depois de manter-se deitado dois anos!

A SEGURANÇA DO SEGURO

Há certos aspectos de nossa vida de nação civilizada que precisam ser bem compreendidos pelo povo brasileiro. Um dêsses aspectos é o que se refere à instituição do seguro de vida.

Iniciado em nosso país em bases sólidas, passou, porém, por uma fase de grande exploração da credulidade pública, através das célebres "Mútuas", organizações utópicas, sem base científica e que tanto comprometeram o seguro de vida no Brasil.

Depois que tôdas elas se liquidaram ou foram encampadas pelas verdadeiras Companhias, entramos na reta das realizações firmes e sólidas, restabelecendo-se a confiança do povo na instituição e tôdas as Companhias florescendo em pleno mar de rosas. Entretanto, em 1937 foi fundada uma nova emprêsa seguradora, com planos aprovados pelo Govêrno e formada de elementos de grande responsabilidade no país. Mas, infelizmente, os negócios dessa nova Companhia não correram muito bem e teve o Govêrno Federal de cassar-lhe a patente anteriormente concedida para funcionar no país.

E' preciso esclarecer que nos cinco primeiros anos de exercício realizou essa Companhia um movimento que nenhuma outra, mesmo as maiores e mais antigas, não o fizeram em dez.

Desgraçadamente, a situação da emprêsa não era boa e o Govêrno resolveu fechá-la. Para mostrar ao povo como é hoje uma coisa muito séria êsse negócio de seguros, especialmente o do ramo Vida, as emprêsas existentes ratearam as responsabilidades da "morta", de forma que nenhum dos seus segurados venha a ter prejuízos com as respectivas apólices. Todos os direitos estão garantidos, graças à solidariedade das congêneres. Seguro, hoje, no Brasil é seguro mesmo.

A feira desce! Não desce!



ATÉ ao govêrno Washington Luís, o sistema eleitoral brasileiro era muito defeituoso e se baseava na boa fé. Ora, sendo o povo desta nação fàcilmente levado a cometer atos de má fé, especialmente na área da política, nada mais natural que em nossas atas eleitorais sempre houvesse fraudes às toneladas.

Uma eleição para presidente da República, deputados, senadores ou governador de Estado, nunca deixou de ser contestada, e ainda hoje há casos a apurar no emaranhado de votos a bico de pena...

Em muitos Estados do norte do País se passavam episódios dignos de um novo Cervantes, de um cronista que registrasse em livros bem ilustrados as quixotadas de nossos políticos sertanejos. Vamos referir-nos, nesta página, à teima que sempre surgia em muitas cidades nordestinas, em tôrno da feira. Todo chefe político local, coronel ou doutor, ou era negociante ou possuía parentes estabelecidos na infalível "rua do comércio". Ora, como os melhores locais eram os pátios de feira, para onde afluíam os roceiros que vinham, semanalmente, vender e abastecer-se, a política da cidade ou vila girava em volta do local da feira. Quando o coronel Janjão subia, descia a feira da zona do doutor Barnabé e êste ficava desmoralizado. Quando era êste quem vencia a eleição, subia a feira para o pátio de sua área comercial, enquanto o coronel, com tôda a numerosa família, ficava espumando de raiva e prometendo vingar-se nas próximas eleições.

No Estado de Alagoas havia muitas cidades em que o problema da feira constituía o índice de prestígio do chefe político respectivo. Não era preciso ler telegramas de Maceió ou do Rio para saber-se quem saíra vitorioso na eleição. Bastava que os matutos, com suas cargas de cereais, rapadura, farinha, gerimum, etc., se instalassem na rua de "baixo" ou na rua de "cima".

Dentre muitas dessas cidades destacava-se a de Traipu, no baixo S. Francisco, onde imperava o conhecido e respeitado coronel Serapião, senhor de vinte fazendas, político habilíssimo, chefe de numerosíssima família, com filhos e genros magistrados e parentes no clero. O coronel Serapião, certa vez, evitou a queda de um govêrno em Alagoas, viajando de Traipu a Maceió, por terra, a cavalo três dias, e a trem seis horas. Era êle senador estadual. Com o seu voto dentro de uma Assembléia cercada de tropas e canhões do Exército ameaçando varrer tudo a metralha, o magríssimo e alto senador de Traipu evitou uma revolução e a queda de um regime legal. Por isso lhe deram o pitoresco apelido de "Senador Semente".

Mas, no íntimo, o coronel Serapião não defendia a continuidade do governador; o que êle fazia era lutar pela manutenção da feira na "rua de baixo". Se perdesse a parada, seus inimigos políticos, estabelecidos na "rua de cima", levariam a feira de Traipu lá para o pátio do alto, o que seria uma desgraça maior do que a do terremoto de Lisboa...

O velho Serapião, montado em seu cavalo a fiscalizar fazendas, era o tipo perfeito de D. Quixote. Magro, meio curvado, rosto fino, olhos vivos, barbicha esguia e bem tratada, êle mantinha entranhado amor à terra em que vivia, protegia desvalidos, perdoava os fracos de mão, dava trabalho a retirantes, defendia os governos constituídos e sabia fazer atas eleitorais a bico de pena. Só não suportava cigano e ladrão de cavalo.

Certa vez seu prestígio esteve por um fio. A política denunciava tormentas colossais. As notícias de Maceió eram aterradoras. Filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, primos, genros, a espôsa, parentes, afilhados, verdadeiro exército feudal, formaram em volta do patriarca. Boatos borbulhavam pelas esquinas, nas barbearias, no pôrto: "A feira agora sobe!". E os do coronel respondiam com energia: "Não sobe!".

E se subir? Todos respondiam com vigor: "A feira desce!". E os adversários: "Não desce!".

E a feira jamais subiu enquanto esteve à frente da política de Traipu aquêle incrível coronel Serapião de Albuquerque, figura perfeita de Don Quixote, leal, defensor dos humildes, corajoso, invencível. Velho danado!



RENATO DE ALENCAR

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O fim trágico do "Truculent" (Keystone) .... [illegible]
Nos Bastidores do PTB (Carlos Duarte) .... [illegible]
Vila-Lobos verdadeiramente gênio... (Armando Pacheco) .... [illegible]
A Batalha do Trigo (Luiz Carlos Leça) .... [illegible]
A Tôrre de Londres (Nelson Vainer) .... [illegible]
Não vale a pena plantar batatas (M. Mercedes Santos) .... [illegible]

ATUALIDADES

Os Pauliteiros de Miranda do Douro .... [illegible]

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys) .... [illegible]
Quarto para um senhor distinto (Coryntho da Fonseca) .... [illegible]
Um casamento singular (Yolanda C. R. Lorenzato) [illegible]
A feira desce! Não desce! (Renato Alencar) ... 58

HUMORISMO

A palma de sua mão (Nicodemus) .... [illegible]
Bom-Humor 34
Vésperas de Carnaval (Théo) .... [illegible]

FEMININAS

"Poiret" (Lise) 35
Chapéu de palha 36
Cinco horas 37
Detalhes de verão 38
Para o seu guarda-roupa de férias 39
Para o verão 40
Week-End na Cozinha 42/43

TEATRO

As mulheres não resistem 16/18

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana . 6
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 41
Puxe pelo cérebro 47
Tudo isto aconteceu 55/57

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
Keystone
Luiz Carlos Leça
News Press
Avulsas

★

ILUSTRAÇÃO: Orlando Matos.

★

NA CAPA:
ANN BLYTH
(Foto Univ.-Intern.)

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS

1 — Hipócrates.
2 — Cabo Branco, Paraíba.
3 — Nova Amsterdam.
4 — São Pedro do Rio Grande do Sul.
5 — Do México.
6 — O Chinês (50 mil caracteres).
7 — De Portugal (Isidoro Xavier, Macau).
8 — Vasco Nunes Balboa.
9 — Em Xangai
10 — Da Paraíba (Cidade de Areias)
11 — Em Florença, Itália.
12 — Com Olavo Bilac (Ao dirigir o carro de José do Patrocínio).
13 — Tango.
14 — Por idealismo patriótico.
15 — Verso ou frase que tanto se lê de diante para trás como de trás para diante.
16 — Armando Erse de Figueiredo.
17 — Prefeito do Distrito Federal (1902).
18 — 7 de janeiro de 1890.
19 — Augusto Comte.
20 — Em 1902.



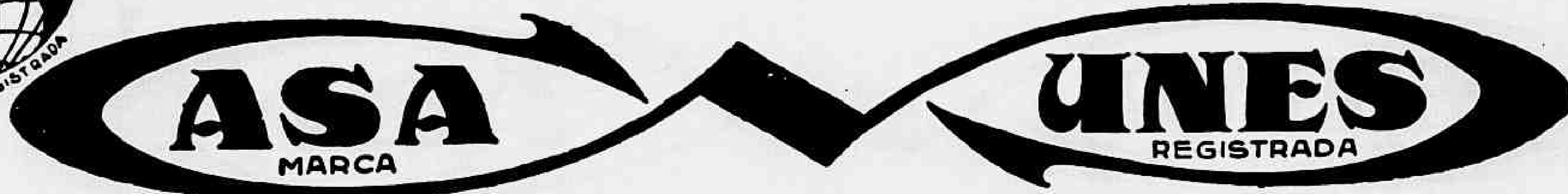
MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

Orçamentos e sugestões por técnicos decoradores

TAPETES E PASSADEIRAS

de tôdas as partes do mundo fabricados especialmente para a





65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

Nos gramados do Gávea Golf Club, os adeptos deste aristocrático sport encontram um ambiente elegante e acolhedor.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Na manhã de sol — uma partida ganha!... e a recompensa merecida — um delicioso cigarro Hollywood! Fumar Hollywood dá mais realce às horas de lazer... faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial, resultado de seus fumos escolhidos, Hollywood já é uma tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

88.031 - M